

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CRISTIANA GARCEZ DOS SANTOS SEIXAS

**VAGAR SEM PRESSA NO ESCONDERIJO DA VIDA ALADA:
EM BUSCA DA ALMA NA EDUCAÇÃO**

Niterói, RJ

2018

CRISTIANA GARCEZ DOS SANTOS SEIXAS

**VAGAR SEM PRESSA NO ESCONDERIJO DA VIDA ALADA:
EM BUSCA DA ALMA NA EDUCAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Linguagem Cultura e Processos Formativos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Esmeralda Ostetto

Niterói, RJ
2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

S457v Seixas, Cristiana Garcez dos Santos
Vagar sem pressa no esconderijo da vida alada: em busca da alma na educação / Cristiana Garcez dos Santos Seixas ; Luciana Esmeralda Ostetto, orientadora. Niterói, 2018.
204 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/POSEDUC.2018.m.88152545791>

1. Formação de Professor. 2. Formação Estética Docente. 3. Alma. 4. Narrativas (auto) biográficas. 5. Produção intelectual. I. Título II. Ostetto, Luciana Esmeralda, orientadora. III. Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

RESUMO

Pesquisas e estudos que abordam a formação docente mostram que os caminhos e experiências culturais dos professores, vividos fora da escola, são limitados, e são escassos os espaços-tempos para a vivência de conhecimentos da ordem do sensível e do artístico-cultural no seu percurso escolar. Diante da aridez constatada, esta pesquisa parte da questão-incômodo: onde serão cultivadas essas dimensões do conhecimento, inclusive apontadas como necessárias pela legislação, para promover a formação da inteireza do professor? Tendo por objetivo analisar contribuições de espaços poéticos, simbólicos e expressivos na formação de professores da Educação Infantil, a pesquisa discute potencialidades de narrativas de si engendradas no processo criativo. Para a produção dos dados, foi projetado o “Estúdio do Sensível”, com a participação de oito professoras de Educação Infantil de escolas públicas. Desenvolvido através de dez encontros com duas horas de duração cada, o trabalho privilegiou a utilização de recursos da arteterapia, dança circular, biblioterapia e escrita criativa. Os dados para análise foram produzidos por meio de notas de pesquisa, fotografias e material expressivo criado pelas participantes. Um caderno de ressonâncias das participantes, como espaço de narrativas pessoais, foi proposto como um convite a comporem narrativas e reflexões dos processos vivenciados; alguns trechos de tal caderno, disponibilizados pelas autoras, fazem parte dos dados discutidos. As abordagens (auto)biográficas, das histórias de vida e formação foram apoios teóricos para as discussões sobre formação, memorial e escrita de si. Para dar sustentação ao trabalho com imagens e símbolos, foram utilizados pressupostos teórico-metodológicos da psicologia analítica e arquetípica. A pluralidade literária, dimensão ativa na formação da pesquisadora, foi adotada como fio condutor a entrelaçar reflexões e sentidos murmurados. Das narrativas textuais e imagéticas, foram iluminados, pela relevância identificada no contexto, os temas do “erro” e do “silêncio”, os símbolos da “árvore” e “pássaros/asas”, além do arquétipo do *Puer*. Na análise, o silêncio revelou-se como condição de acesso aos mananciais interiores; o erro, inerente aos processos de aprendizagem, mostrou-se como elemento que precisa ser ressignificado nos percursos docentes; os símbolos da árvore e pássaros/asas, como estruturantes no caminho da individuação, e o *Puer*, como veículo de resgate da alma, mostraram-se fecundas referências para a formação e a transformação docente. O ninho construído através do formato do “Estúdio do Sensível” poderia inspirar propostas de formação continuada de professores, gerar respiro, sentido e vidas aladas, pois, tanto na forma quanto no conteúdo que fez emergir, mostrou-se como fonte potente para o resgate da alma na educação.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Narrativas (auto)biográficas. Formação estética. Alma. Linguagens expressivas.

ABSTRACT

The research and studies related to teacher's formation show that both instructor's paths and cultural experiences practiced outside school are limited. Besides that, they also lack the space-time to experience sensitive and artistic-cultural knowledge inside their school work. Due to the verified aridity, this research has an uncomfortable questioning: Where these knowledge dimensions which are pointed out as necessary by law will be cultivated for the formation of teacher wholeness? The goal of this dissertation is to analyze the contributions of expressive, symbolic and poetic spaces on the formation of early childhood education teachers as well as to discuss the potentialities in self-narratives fomented in the creative process. In order to produce data, it was created a "Sensitive Studio" with eight early childhood education teachers from public schools. The project was developed by those teachers throughout ten meetings with two hours each and it was used resources from art therapy, circle dancing, bibliotherapy and creative writing. The data for the analysis was gathered from research notes, pictures and expressive material created by the participants. A notebook containing resonances from the participants as a personal narratives space was proposed as an invitation to compose narratives and reflections of the experienced process. Some parts of said notebook were provided by the authors and were used in the discussed data. The discussion of formation, memorial and self-writing were theoretically supported by the biographical approach. In order to give a support for the work with images and symbols, it was used theoretical-methodological assumptions from analytical and archetypal psychology. The literary plurality which is active on the researcher's formation was adopted as the way to intertwine reflections and murmured senses. From the textual and imagery narratives the "mistake" and "silence" themes as well as the "tree" and "birds/wings" symbols and the *Puer* archetype were spotlighted by the relevance identified in the context. In the analysis the silence revealed itself as a condition to access interior sources. The mistake which is inherent to the learning processes showed itself as an element that needs to be given another meaning in the teacher's path. The tree and birds/wings symbols were structural elements in the individuation process. Finally, the *Puer* as a soul rescuing vessel presented itself as a reference to both formation and transformation of the teacher. The nest built by the "Sensitive Studio" could inspire proposals for the teacher's continuous formation. In addition, it could not only give them space to breathe but also purpose and winged lives because both form and content emerged from it showed itself as a strong source for the rescue of the soul in education.

KEYWORDS: Teacher's formation, Biographical narratives, Aesthetics formation, Soul, Expressive languages

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: <i>Gratidão</i> . In: TROCHE, G. Bagagem. São Paulo: Lote 42, 2016.	9
Imagem 2: <i>Amarrotada</i> . In: ABREU, A. Menina Amarrotada. São Paulo: Jujuba, 2014, capa.	12
Imagem 3: <i>Rascunho</i> . In: TAN, S. A árvore vermelha. São Paulo: Edições SM, 2009, p. 27.	15
Imagem 4: <i>Contenção</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	29
Imagem 5: <i>A poesia é para comer</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	33
Imagem 6: “ <i>Este é meu câncer</i> ”. Fotografia digital de arquivo pessoal.	35
Imagem 7: <i>Labirinto</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	35
Imagem 8: <i>Caminhando para o centro</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	36
Imagem 9: <i>Violino em caixa</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	37
Imagem 10: <i>Café, de Cândido Portinari</i> . Disponível em http://artenarede.com.br/blog/index.php/o-cafe-de-portinari/ , acessado em 15/04/2018.	41
Imagem 11: <i>Operários, de Tarsila do Amaral</i> . Disponível em http://www.arteeartistas.com.br/operarios-tarsila-do-amaral/ , acessado em 15/04/2018.	41
Imagem 12: <i>Ciranda de vozes</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	42
Imagem 13: <i>Corpos sensibilizados</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	43
Imagem 14: <i>Flor da delicadeza</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	43
Imagem 15: <i>Orquestra em Seminário</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	44
Imagem 16: <i>Cardápio poético</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	45
Imagem 17: <i>Arte na mesa na academia</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	45
Imagem 18: <i>Sarau-varal</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	46
Imagem 19: <i>Tecidos de vida</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	46
Imagem 20: <i>Dedicatória</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	47
Imagem 21: <i>Fluxos</i> . In: ORAGGIO, L. Min e o tudo de novo. São Paulo: Pólen, 2015, p. 29.	48
Imagem 22: <i>Coração em castelo</i> . In: QUEIRÓS, B. Coração não toma sol. São Paulo: FTD.	54
Imagem 23: <i>O coração e garrafa</i> . In: JEFFERS, O. O coração e a garrafa. São Paulo: Moderna, 2012.	55
Imagem 24: <i>Prenúncio de partos</i> . In: In: ORAGGIO, L. Min e o tudo de novo. São Paulo: Pólen, 2015, p. 14.	60
Imagem 25: <i>Mar do inconsciente</i> . In: DESCAVES, V. Tastequiet. Rio de Janeiro: Tastequiet, 2013.	61
Imagem 26: <i>Projétil</i> . In: DESCAVES, V. Tastequiet. Rio de Janeiro: Tastequiet, 2013.	65
Imagem 27: <i>Descobertas</i> . In: ROSCOE, A. Caixinha de guardar tempo. São Paulo: Gaivota, 2012, não paginado.	78
Imagem 28: <i>Ondas de saberes</i> . In: JEFFERS, O. A menina dos livros. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2017, não paginado.	87
Imagem 29: <i>Ciranda</i> . In: RIBEIRO, J. Ciranda de meias. BH: Dimensão, 2005, p. 30.	95
Imagem 30: <i>Soltura</i> . In: MALUF, M. As mil e uma histórias de Manuela. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 25.	102
Imagem 31: <i>Desejo de voo</i> . In: FERRÁNDIZ, E. O casaco de Pupa. São Paulo: Jujuba, 2011.	107
Imagens 32 a 38: <i>Mosaico arteiro I</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	112
Imagem 39: “ <i>Mulher chorando</i> ”, de Picasso. Gênios da Pintura/Picasso. São Paulo: Victor Civita, ilustração XI.	114
Imagem 40: “ <i>Paisagem de la Ciolat</i> ”, de Braque. In: Gênios da Pintura/Braque. São Paulo: Victor Civita, ilustração III.	114
Imagem 41: “ <i>Menino morto</i> ”, de Portinari. In: Gênios da Pintura/Portinari. São Paulo: Victor Civita, ilustração VII.	115
Imagem 42: “ <i>Retrato de Lola</i> ”, de Diego Rivera. In: Gênios da Pintura/Diego Rivera. São Paulo: Victor Civita, capa.	115
Imagem 43: “ <i>Nelly O'brien</i> ”, de Joshua Reynolds. In: Gênios da Pintura/Reynolds. São Paulo: Victor Civita, ilustração III.	116
Imagem 44: “ <i>Natureza morta com melancias</i> ”, de Henri Matisse. In: Gênios da Pintura/Matisse. São Paulo: Victor Civita, ilustração VII.	116

Imagem 45: “ <i>La Greinoillère</i> ”, de Claude Monet. In: Gênios da Pintura/Monet. São Paulo: Victor Civita, ilustração II.	117
Imagem 46: “ <i>O Derby de Epson</i> ”, de Théodore Géricault. In: Gênios da Pintura/Matisse. São Paulo: Victor Civita, ilustração XI.	117
Imagens 47 a 50: <i>Mosaico arteiro 2</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	118
Imagem 51: <i>Docentes dançantes</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	119
Imagens 52 e 53: <i>Entrelaçando linguagens</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	120
Imagens 54 a 58: <i>Mosaico arteiro 3</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	121
Imagem 59: <i>Escolhas do afeto</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	122
Imagem 60: <i>Fiapos de voz</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	123
Imagens 61 e 62: <i>Reconhecimento e reconexão</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	123
Imagens 63: <i>Tecelãs</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	124
Imagens 64: <i>Murmúrio de memória</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	125
Imagens 65 a 68: <i>Mosaico arteiro 4</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	126
Imagens 69 e 70: <i>Alegria de criança</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	127
Imagens 71 e 72: <i>Descobertas no resgate</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	128
Imagem 73: <i>Espaço para o inconsciente</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	129
Imagem 74: <i>Ateliê ambulante</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	130
Imagens 75 a 82: <i>Mosaico arteiro 5</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	132
Imagem 83: <i>Sabor de infância</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	133
Imagem 84: <i>A poética do espaço</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	134
Imagem 85: <i>Sopros escritos</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	135
Imagens 86 a 90: <i>Mosaico arteiro 6</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	136
Imagem 91: <i>Ciranda das produções</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	137
Imagens 92 a 99: <i>Mosaico arteiro 7</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	139
Imagens 100 a 104: <i>Mosaico arteiro 8</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	141
Imagem 105: <i>Chegança</i> . In: GRETHER, L. Marinela. Rio de Janeiro: Zit, 2017.	142
Imagem 106: <i>Rumo ao centro</i> . Foto de Almir Mavignier. Disponível em www.museuimagensdoinconsciente.com.br , acessado em 08/07/2018.	154
Imagem 107: <i>Árvore primeira</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	159
Imagem 108: <i>Ser árvore</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	159
Imagem 109: <i>Palmeira</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	160
Imagem 110: <i>Árvore da infância</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	161
Imagem 111: <i>Árvores reveladas</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	162
Imagem 112: <i>Gaivotas</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	164
Imagem 113: <i>Mais gaivotas</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	164
Imagem 114: <i>Pássaro</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	165
Imagem 115: <i>Ave e ovos</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	165
Imagem 116: <i>Ave nave</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	166
Imagem 117: <i>Pomba</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	166
Imagem 118: <i>Espírito Santo</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	167
Imagem 119: <i>Esperança</i> . In: TROCHE, G. Bagagem. São Paulo: Lote 42, 2016.	169
Imagem 120: <i>Grande árvore mãe</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	178
Imagem 121: <i>Tambor</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	179
Imagem 122: <i>Estandarte</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	180
Imagem 123: <i>Custódia de narrativas</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	181
Imagem 124: <i>Clamor</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	182
Imagem 125: <i>Colo</i> . Fotografia digital de Gabriel Seixas.	183
Imagem 126: <i>A cabeça pássaro</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	184
Imagem 127: <i>Máscara da cultura cingalesa</i> . Fotografia digital de Guilherme Bokel.	185
Imagem 128: <i>Asa caída</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	186
Imagem 129: <i>Asas das palavras</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	189
Imagem 130: <i>Voos espirais</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	189
Imagem 131: <i>Rumo à luz</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	190
Imagem 132: <i>Opus</i> . Fotografia digital de arquivo pessoal.	191

SUMÁRIO

Ave (pa)lavra 12

I .Iluminuras narrativas 15

- ✍ Lavras primevas 16
- ✍ Suspiros que alimentam vendavais 20

II. O espaço-tempo brincante como convite ao manancial interior 48

- ✍ Caleidoscópio de olhares 49
- ✍ Vida engarrafada 55
- ✍ Vozes que embalam imagens do inconsciente 61
- ✍ Jung, Hillman e a educação 69
- ✍ O espírito, a alma e o corpo 71

III. Estúdio do sensível: espaço de devaneio simbólico 75

- ✍ Arteterapia: artesanias de si 78
- ✍ Biblioterapia: leitura de si, do outro, do mundo 87
- ✍ Dança circular: conexão e plenitude na roda 95
- ✍ Escrita criativa: voragem e coragem na própria voz 102

IV. Reinações da imaginação dinamizada 107

- ✍ Mosaico vivo de experiências 111

V. Espirais de raízes e voos 142

✍ Silêncio: porto de chegada e partida 146

✍ O erro como caminho 151

✍ A árvore: retidão dinâmica 154

✍ Os pássaros: desejo de voo 162

✍ Arquétipo do puer: nascente do entusiasmo 168

✍ Ressonâncias em mim 177

Balaio de considerações circulares 192

Referências 196

Anexo I Termo de consentimento livre e esclarecido 203

Anexo II Conto “Espírito na garrafa” 204

POR TODAS AS NOSSAS RELAÇÕES

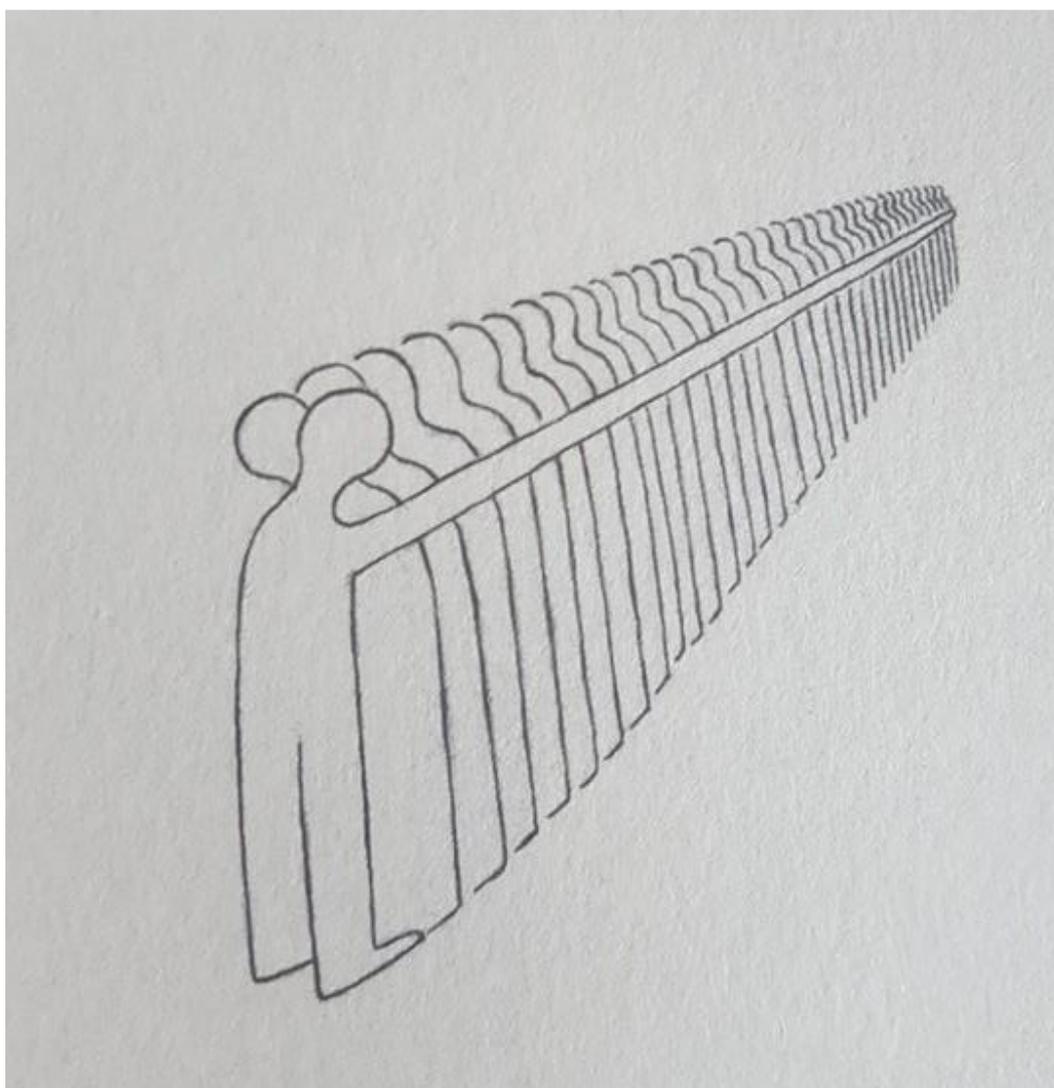


Imagem 1: Gratidão

À orientadora e grande mestra Luciana Ostetto, pela generosidade dos portais ofertados.

Às integrantes da banca de qualificação e defesa: Maria Angélica Pisetta, Rosane Marendino e Rosvita Kolb Bernardes, pelo auxílio luxuoso na travessia acadêmica.

Às docentes que participaram do trabalho de campo: Alcione, Angélica, Isabella, Joelza, Renata, Schirley, Silvia e Tatiana, pela disponibilidade e entrega.

Às fiandeiras do Círculo de estudos e pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR): Adriana, Ana Clara, Carla, Marina, Vilma, Greice, Patrícia, Raquel, Simone e Xênia, pelos entrelaçamentos e amarrações tecidas em conjunto.

À CAPES, pela bolsa de mestrado, financiamento da pesquisa.

A Mauro Lerer, companheiro em longas jornadas.

Aos irmãos Cássio e Gustavo Garcez, pelo acolhimento e generosidade no convívio.

Aos escritores e poetas que transformaram meu ofício, meu corpo e minha vida numa casa de narrativas encantadas.

Aos encontros com diversos mestres e artistas que atiçaram minhas fogueiras.

À Bibliofamília (alunos dos cursos, participantes das rodas de Biblioterapia), pela nutrição contínua de afetos, entregas, coragens, leituras e alargamento de universos.

Aos dançantes das Rodas da UFF, pelos campos sagrados acessados em comunhão.

Aos povos que resistiram e guardaram a verdadeira conquista de território: a cultural.

À fartura do que veio antes, do agora, do que ainda vai chegar.

A você que está aqui, curioso para saber dessa história.

Ao que nem posso nomear, mas sei que está junto comigo.

Minha profunda gratidão!

Para Daltro, pelas raízes
e Maria Christina (*em viva memória*),
pela infinita fome de arte, beleza e voo.

Para Gabriel e Lucas, sementes lançadas.

AVE (PA)LAVRA

CANÇÃO EXCÊNTRICA

*Ando à procura de espaço
Para o desenho da vida.
Em números me embaraço
E perco sempre a medida.
Se penso encontrar saída,
Em vez de abrir um compasso,
Projeto-me num abraço
E gero uma despedida.*

*Se volto sobre o meu passo,
É já distância perdida.*

*Meu coração, coisa de aço,
Começa a achar um cansaço
Esta procura de espaço
Para o desenho da vida.
Já por exausta e descrida
Não me animo a um breve traço;
- saudosa do que não faço,
- do que faço, arrependida.
Cecília Meireles*



Imagem 2: Amarrutada

Diante das inúmeras invasões bárbaras do cotidiano, das múltiplas violências contemporâneas, das exigências, das demandas, dos desafios insustentáveis em nome da sobrevivência, a poesia da vida continuamente me pedia espaço. E não a encontrava nas salas de aula, tampouco nos ambientes profissionais, muito pelo contrário. A forma de resistência que encontrei foi habitar a margem. Nela, respirei, alimentei a poética de transver o mundo que nasce com toda criança e vai perdendo-se ao longo dos anos, por infinitos enganos na educação familiar, escolar e comunitária. Impregnando os intervalos da vida com linguagens sensíveis, como a da poesia, da literatura, da dança circular, da exploração de imagens do inconsciente através das artes; fui lançada a plurais universos desconhecidos, fecundos e estéticos que transformaram meu destino e alimentaram uma inquietação que se tornou a propulsora deste projeto de pesquisa: quais seriam os desdobramentos diante da criação de espaços simbólicos, expressivos e poéticos na formação continuada de docentes da Educação Infantil?

Em meu trabalho como psicóloga e biblioterapeuta (a literatura foi incorporada como veículo de cuidado), realizo círculos de leitura semanais e percebo uma fecundidade na criação de um espaço-tempo para o respiro, a entrega, a nutrição reflexiva e o emalo da diversidade e dos sentidos. O mesmo campo é sentido através da vivência das danças circulares, onde as culturas são vivificadas e guardadas através do corpo sensível despertado por músicas e danças tradicionais dos povos, como uma pedagogia integral. Nesse sentido, a pesquisa buscou analisar as contribuições do oferecimento de espaços poéticos, simbólicos e expressivos na formação de professores da Educação Infantil e suas potencialidades de narrativas de si evocadas no ato de respirar, refletir, dançar e criar. Foram privilegiados os veículos da arteterapia, da biblioterapia, da dança circular e da escrita criativa como portais de acesso às grandezas do ínfimo, num trabalho de campo proposto, chamado de “Estúdio do Sensível”.

As escritas reflexivo-analíticas estão dispostas em cinco capítulos, que apresento a seguir.

1 – **Illuminuras narrativas.** Este capítulo inicia-se com reflexões provocadas por teóricos que defendem que as narrativas (auto)biográficas são um privilegiado veículo de apropriação de processos formativos relevantes ocorridos durante a história de vida, dentro e fora dos ambientes de ensino como a escola. E segue na forma de um memorial, em acolhimento ao desafio da escrita de si.

2 – **O espaço-tempo brincante como convite ao manancial interior.** A cultura é apresentada como fonte amplificadora de janelas para o mundo, dinamizada por uma

abertura de fresta para dentro de si, numa via de mão dupla ao olhar investigador da alma, que desperta o coração e os sentidos, e que vai, de modo paradoxal, mais profundamente para ir mais alto. Neste capítulo são apresentados conceitos e revelações provocantes da psicologia analítica de Jung e arquetípica de Hillman, entremeados pela poética do espaço de Bachelard.

3 – **Estúdio do sensível: espaço de devaneio simbólico.** Serão apresentados os veículos propostos no trabalho de campo para acesso aos esconderijos da vida alada: a arteterapia, a biblioterapia, a dança circular e a escrita criativa. Por suas respectivas riquezas de dimensões alcançadas, seriam dignos, cada um deles, de uma pesquisa dedicada, porém, no contínuo exercício de reduzir para ampliar, apresento o que considero essencial para a compreensão, deixando o convite para os interessados em seguirem suas buscas e chamados para aprofundamento.

4 – **Reinações da imaginação dinamizada.** Serão retalhos de detalhes nos encontros vivenciados no “Estúdio do Sensível”, com datas, propostas, materiais e recursos utilizados, observações do campo, incluindo fragmentos capturados do caderno de narrativas das docentes e da pesquisadora.

5 – **Espiraís de raízes e voos.** Voltando ao material produzido no “Estúdio do sensível”, apresentado no capítulo anterior, identifico conteúdos que inspiraram o aprofundamento analítico; são temas e símbolos que emergiram durante a travessia da pesquisa: o erro, o silêncio, a árvore, os pássaros/asas, além do arquétipo do *Puer*. Nesse espaço, também compartilho as ressonâncias em mim: desdobramentos interiores provocados pelos campos acessados durante a investigação. Com eles, lanço-me em espirais que integram raízes e voos, o vivido e o projetado, vislumbrando esconderijos da vida alada – na educação, na formação, na vida – que convidam à desaceleração, ao respiro e às possibilidades.

Preparando para o voo final, apresento o **Balaio de considerações circulares**, onde retomo as perguntas que moveram a jornada e busco sistematizar as descobertas e percepções alcançadas. Por fim, listo as referências bibliográficas e anexo alguns documentos do processo de pesquisa.

Novos horizontes convidam. Com asas e corações abertos, sigamos, em inteireza e comunhão, rumo à transformação.

- I -

ILUMINURAS NARRATIVAS

*A palavra no papel
rascunho risco rabisco*

*A palavra na boca
som sotaque tom.*

*A palavra na cabeça
escondida estrela.*

Astrid Cabral



Imagem 3: Rascunho

Palavras escritas são como tatuagens no corpo do papel: símbolos capturados grávidos de significados, forjados no enfrentamento de si, diante da solidão e do silêncio, que são capazes de guardar e espalhar sementes de ideias, registros e saberes. São códigos que anunciam discursos, tecidos de passado e futuro, memória e invenção. Em consonância com autores que defendem as narrativas (auto)biográficas como veículo de apreensão de processos formativos experienciados na vida (DELORY-MOMBERGER, 2012; JOSSO, 2004; PASSEGGI, 2010; OSTETTO, 2016), esta pesquisa inicia-se com a apresentação de um memorial de formação. Antes, porém, façamos contato com plurais perspectivas sobre o ato de narrar.

LAVRAS PRIMEVAS

“Narrativo é o que expõe com todos os pormenores”. Essa definição encontrada no dicionário Aurélio Buarque de Holanda convidou à tessitura de ideias. A palavra *pormenores* construiu uma ponte com as inspirações de Bachelard (2008) nos capítulos “A imensidão íntima” e “A miniatura”, do livro *A poética do espaço*. O filósofo revela a necessidade de exprimir a grandeza oculta, a profundidade: “A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna na solidão.” (BACHELARD, 2008, p. 190). Solidão vista como via de entrada na imensidão. Lugar onde é possível abrir espaço para exploração de minúcias, que o ritmo ininterrupto inviabiliza. Na miniatura, os valores se condensam e se enriquecem, graças à libertação das obrigações, como se o observador se apropriasse de uma lupa, que toma o mundo como novidade, condensa atenção e paciência, põe “paz nos dedos” e convida a um outro tempo e espaço. Como revela Clarice Lispector:

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem entrou sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades no mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo. (LISPECTOR, 1999, p. 15)

Ricoeur (2010) defende que apenas o que é narrado é capturado, portanto essencialmente vivido e processado, ao contrário da torrente de acontecimentos que não criam raízes e significados. O filósofo designa a narrativa como veículo de

distanciamento, que, ao afastar, permite ponderar e ampliar percepções e aprendizados. Cada pessoa, ao narrar, constrói mosaicos a partir de fragmentos do vivido e do inventado. É o que constata Passeggi (2010) ao afirmar que, diante de uma atividade de reflexão autobiográfica, o sujeito distancia-se de si e toma consciência de aprendizados, valores e crenças acumuladas em seu percurso de vida. Por isso, a criação de um memorial é um processo de iluminar, ressignificar, estruturar e expressar um mundo interior. Menciona a autora: “É nesse sentido que a escrita de si é formadora, promovendo a aprendizagem biográfica: conhecimentos que emanam da reflexão sobre a experiência vivida, e a reinvenção de si: transformação das representações de si mesmo mediante a vida ressignificada”. (PASSEGGI, 2010, p. 1).

Delory-Momberger (2012) debruçou-se sobre os processos de gênese e de devir dos indivíduos no espaço social. A pesquisa biográfica, na sua perspectiva, estabelece uma relação entre o agir e o pensar humanos, num campo de representações e construções da existência, como um jogo entre o viver e o contar. A autora apresenta o relato biográfico como lugar de gênese socioindividual, onde a configuração singular dos fatos, das significações e interpretações das próprias experiências funda uma consciência do sujeito de seu processo formativo.

Quem narra a própria história de vida traz sempre os contornos dos processos sociais em sua produção, apontando para um entrelaçamento entre o individual e o coletivo. A reflexividade crítica repercute na conscientização e apropriação das dimensões ontológicas, pedagógicas e políticas no campo da formação do sujeito. Processos formativos pressupõem tempo de maturação, de processamento de travessias, aprendizados, construções e reconstruções, a partir das relações consigo mesmo, com os outros e com o meio:

O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p. 59)

O relato de si abre uma trilha para subjetivação, ao fazer emergir territórios existenciais, onde a singularidade e a multiplicidade são acolhidas. A reconquista de um grau de autonomia criativa evoca reconquistas em outros campos, forjados passo a passo, a partir de meios minúsculos.

Um dos grandes alimentos da Imaginação é a Memória, aprendi com os sussurros literários na obra de Lygia Bojunga: quanto mais usamos fazemos de nossa memória, de nossa imaginação, de nossa curiosidade, mais elas se sensibilizam, aprofundam-se e revelam-se. Para a autora, as sensações arrastam sequências de imagens soterradas, como uma aventura interior, que repercute no coletivo: “[...] muita gente sabe que uma cidade desmemoriada é pior até que uma pessoa que não lembra mais da infância que teve; e se a gente quer desmemorar de vez uma cidade é só ir botando abaixo a arquitetura do passado.” (BOJUNGA, 2007, p. 77).

Na busca da dimensão estética na formação e nas narrativas de docentes, a utilização de diferentes materialidades expressivas das artes pode ativar sensações e potencializar processos de resgate do fluxo da memória, dos sentidos e das narrativas, propõe Ostetto (2016). O “fazer à mão” é apresentado pela autora como veículo de diálogo interior, para capturar o fio do rastro de si, para conectar com o afeto que aciona significados, o que requer um espaço privilegiado de experimentações sensíveis. São as narrativas estéticas (auto) biográficas.

A observação constante é parte do processo de criação. Para viver a experiência, o indivíduo assume um ritmo de absorções e expulsões, como uma respiração que proporciona recomeços. Os escritores continuamente revelam uma dificuldade inicial no processo criativo e a necessidade de isolar-se, de criar um espaço introspectivo para favorecer o fluxo da escrita:

Sempre levei muito tempo para “esquentar”, pra sintonizar numa mesma faixa a minha imaginação, a minha disciplina e o meu raciocínio. Qualquer interferência – a conversa do lado, o telefone tocando, um barulho de televisão – faz logo a minha faixa sair do ar. Então o estúdio (e eu traduzo estúdio por espaço assim: pode até ser mínimo, mas, durante o tempo em que a gente é guardião dele, ele é só da gente e pronto; e também: um espaço onde a gente tenha ao alcance da mão as ferramentas que tenha prazer em usar no trabalho que quer realizar), então, pra mim, o estúdio se tornou tão essencial quanto o ato de escrever. (BOJUNGA, 2008, p. 59)

A arte de narrar é um exemplo de expulsão, de processamento do vivido, de algo ruminado, incorporado, transformado e revelado. Processo descrito com maestria por Guimarães Rosa, em seu livro *Magma*:

A satisfação proporcionada pela obra de arte àquele que a revela é dolorosamente efêmera: relampeja, fugaz, nos momentos de febre inspiradora, quando ele tateia formas novas para a exteriorização de seu magma íntimo, do seu mundo interior. Uma tortura crescente. [...] O Magma, aqui dentro, reagiu, tomou vida própria, individualizou-se, libertou-se de meu desamor e se fez criatura autônoma, com quem talvez eu já não esteja muito de acordo, mas a quem a vossa consagração me força a respeitar. (ROSA, 1997, p.8-9)

Escrever é um processo do devir, inacabado, em via de fazer-se, de liberar o fluxo. É um lugar de busca, de movimento, de errância. É Clarice Lispector, no livro *A paixão segundo GH*, que traduz esse estado: “[...] só quando erro é que saio do que conheço e do que entendo. Se a ‘verdade’ fosse aquilo que posso entender – terminaria sendo apenas uma verdade pequena, do meu tamanho.” (LISPECTOR, 1998, p. 109). E esse processo de incorporação da experiência requer, muitas vezes, reconstruções que podem ser dolorosas. Não há a possibilidade de o vivido criar raízes se não houver um amadurecimento, uma ação decisiva para fazer contato com as realidades e suas impressões.

Compor uma história é configurar uma sucessão do que passa e escapa além do que dura e permanece, como um ato de escolha contínua do que revelar e ocultar (RICOEUR, 2010). O pano de fundo é o emaranhamento de vivências, que constitui o que o autor chama de “a pré-história da história”. Com o surgimento da narrativa, o sujeito também emerge. Há uma estreita relação entre o viver e o narrar, onde só o que é narrado é essencialmente vivido e estruturante, como um filtro para absorver signos e significados do emaranhado de histórias que fazem parte da existência. Em suas palavras: “Se é verdadeiro que a ficção só se finaliza na vida e que a vida somente se compreende por meio das histórias que narramos sobre ela, daí decorre que uma vida examinada, no sentido da palavra que tomamos emprestado no início de Sócrates, é uma vida narrada”. (RICOEUR, 2010, p. 209). Cada narrador seria, nesse caleidoscópio de perspectivas, como um artesão de si que se individualiza produzindo mosaicos a partir da união de fragmentos. Um mecanismo manifesta-se no processo: o texto produzido ganha autonomia à revelia da intenção do autor. Um fenômeno de transcendência: “Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um si mais amplo [...]” (RICOEUR, 2010, p. 58). Como um exercício de entrega, de expor-se e criar-se. Um genuíno parto de si, processo descrito em decantada síntese pela escritora Eliane Brum: “Esta é a minha memória. Dela eu sou a que nasce,

mas também sou a parteira.” (BRUM, 2014, p. 9). Nesse sentido, acolhendo o exercício como meio de apropriação dos processos formativos ao longo da vida, apresento, a seguir, meu memorial de formação.

SUSPIROS QUE ALIMENTAM VENDAVAIS

*um deus também é o vento
só se vê nos seus efeitos
árvores em pânico
bandeiras
água trêmula
navios a zarpar*

*me ensina
a sofrer sem ser visto
a gozar em silêncio
o meu próprio passar
nunca duas vezes
no mesmo lugar*

*a este deus
que levantará a poeira dos caminhos
os levando a voar
consagro este suspiro*

*nele cresça
até virar vendaval*

Paulo Leminski

Manancial lúdico

A imagem primeva da infância é brincante. Praia das Flechas, no Ingá, Niterói, em companhia da avó paterna Zilka. Catávamos tampinhas coloridas para construir um “painel de controle”: um monte de areia, bem batida com ajuda de baldinhos de água, para então colocar os botões coloridos, conchas variadas e alavancas feitas com palitinhos de picolé. Um exercício de “transver” o mundo, recriando sentidos no grande espaço de areia e infinitos horizontes. Brincávamos também de construir castelos, primeiro cavando para formar piscinas onde os tatuís faziam cócegas nas mãos e escondiam-se com rapidez. Aprendi o prazer de criar torres, muralhas, túneis, pontes com as próprias mãos e a

imaginação. Brincar era muito bom, só ou acompanhada, mesmo quando uma onda maior lambia tudo, convidando ao mergulho e ao recomeço. Também gostava muito de cavar um buraco fundo, para então enterrar as pernas até o joelho e brincar de “João Bobo”: balançar para frente, para trás e para os lados, como uma mola. Eu e meus irmãos gostávamos de enterrar o corpo do outro deitado na areia (só a cabeça ficava de fora) para esculpir detalhes: grandes seios, um pé gigante, rabo de sereia, dentre outras criações. A Natureza é o grande ateliê de experimentações e exploração das crianças, um espaço para inaugurar talentos e viver a inteireza da criança com alegria e viço (HORTÉLIO, 2014).

Em grande parte da vida, morei numa vila de casas, entre um parque arborizado, o Campo de São Bento, e a Praia de Icaraí, em Niterói - RJ. Estudei no Júlia Cortines e no Pio XI, duas escolas bem próximas à minha residência. Quando chegava em casa, era hora de ir para a rua brincar com uma turma de crianças vizinhas. O repertório era variado: “taco”, “pique-esconde”, “pique-bandeira”, “queimado”, “estátua”, “elástico”, “batatinha frita 1 2 3”, “bolinha de gude”, “bafo” com figurinhas, “amarelinha”, “cabo de força”, dentre muitas outras diversões. Hoje, reconheço o quanto aquela convivência lúdica e social contribuiu para minha formação e para o despertar da criatividade. Em casa, sempre gostei de brincar com bonecas: improvisava detalhes de uma casa, costurava roupinhas. Comprava aqueles encartes de recortar bonecos e roupas de papel. Depois passei a desenhar os bonecos e as roupas, sentindo a liberdade inerente a todo processo criativo. Lembro-me também de recolher caixotes de madeira descartados dos mercados para fazer de conta que eram carteiras de uma sala de aula, onde eu acomodava as bonecas como alunas.

Viagens em sensações

Nos finais de semana e feriados, as viagens eram contínuas, embora com simplicidade. Meu pai tinha um automóvel que precisava parar frequentemente, pois o motor esquentava e era necessário deixá-lo esfriar. Sabendo disso, ele nos ensinou a viver o caminho e as pausas e não apenas esperar pelo destino. As paradas eram oportunidades de aproveitar surpresas inusitadas. Recordo-me das tangerinas comidas com gosto na beira da estrada, das mariolas de Rio Bonito, do pão quentinho com manteiga de lata em

Barra de São João, de uma criativa loja de cerâmica próximo a Araruama, dos banhos num canal de Cabo Frio, de dunas sobre as quais corríamos em liberdade. Quando viajávamos à noite, meu pai deitava o banco traseiro do carro e eu e meus irmãos apreciávamos montanhas cobertas de vagalumes. Ao narrar esses fragmentos de memória do vivido na infância, constatei que esses detalhes representaram experiências amplificadoras dos sentidos, exercícios do olhar, de atenção aos detalhes.

Essas viagens e vivências alimentaram meu imaginário. Em Iguaba, tínhamos uma casa de veraneio, próxima a uma salina, onde brincávamos com crianças muito humildes, habituadas a inventar brinquedos como carrinhos de lata de leite, pipas com papel e barbante, guerra com mamonas, pintura com urucum, cabanas com folhas de bananeira. Nossa vizinha era uma lavadeira que tinha muitos filhos. Todos eles a ajudavam a esfregar roupas numa grande bacia ao ar livre, do que eu também participava. E, enquanto ela lavava, cantava. Músicas da região, aprendidas com seus antepassados. Um primeiro contato com as tradições orais. Aquelas crianças ensinaram-me muito. Com elas, aprendi a grandiosidade que o simples contém, o que resultaria, posteriormente, num verdadeiro cata-vento de ideias, motivada por aquele espaço de fartura de sal e ventos.

Viajávamos com frequência para o sítio de uma grande amiga de meus pais. Ficava em Glicério, perto de Macaé, no estado do Rio. Ela fazia questão de não ter televisão, o que fomentava as conversas e o estreitamento afetivo. Guardo carinhosas lembranças daquele lugar. Acordávamos muito cedo para alargar o dia e as brincadeiras. Fazíamos expedições em caminhadas pelo mato ou pelo rio, pulando as pedras. Pescávamos, andávamos a cavalo e caminhávamos no clarão da noite de lua cheia, pisávamos descalços em poças de lama para calçar “sapatinhos de ouro”. O sítio tinha galinheiro, curral, ponte, rio, piscina, animais e muitas árvores frutíferas. Na época da goiaba, toda a criançada tinha a missão de colher os frutos aos montes, que depois eram lavados no rio e tudo ia para um grande tacho para fazer goiabada, onde adultos revezavam-se para mexer o doce com uma gigante colher de pau. Tinha fogão e forno de lenha onde assávamos nossas modelagens com o barro. À noite, após o jantar e junto à lareira, os adultos gostavam de contar histórias de terror. Ou então as crianças preparavam espetáculos de canto, dança, teatro e poesia. As produções eram preparadas com esmero, usando materiais da natureza para criar os figurinos. Constato, ao rememorar, que foi através dessas brincadeiras que descobri a poesia, que se tornou um respiro vital e um grande instrumento de trabalho. Foi uma descoberta literal, pois foi quando iniciei a

brincar de rimar as palavras, em coautoria com um primo. E nossas produções eram amplificadas através das apresentações à família. Criar poesia era uma forma de brincar com as palavras e experimentar a alegria de produzir algo que ainda não existia, de dialogar com outras linguagens, de criar enigmas, de convidar ao jogo, de produzir coletivamente; constatações que criaram raízes profundas diante desta narrativa. Ao relatar essa abundância de experimentações na infância, reconheço o alicerce de minha formação estética.

Mergulho no exílio: fuga e encontros

Fui crescendo. Além do padrão. Sempre fui a mais alta da turma, muito magra e tímida. Isso provocou certo exílio, uma dificuldade de fazer amigos e de namorar. Diante do isolamento, encontrei nos livros amigos receptivos para conversar. Hoje, ao revisitar essa experiência, reconheço um marco inicial no gosto pela leitura e pelos estudos. Boa aluna, tinha prazer em ajudar os que tinham dificuldade nas matérias. Era comum reunir colegas da escola em casa, para promover reforço nas disciplinas. Percebi que aprender e ensinar eram uma forma de socialização efetiva e afetiva, que proporcionava crescimento e satisfação. Passei a formar grupos de estudos e, a partir de então, fiz muitos amigos. Assim, apropriei-me dessa experiência como uma base para o que mais tarde iria transformar-se na minha prática profissional: atuar como mediadora de rodas de leitura.

Os estudos seguiram e os anos passaram. Ingressei na Faculdade de Letras da UFF. Surpreendi-me com a atmosfera de anarquia e liberdade, com saraus abertos que eram realizados, com varais de poesias nos corredores, com livros instigantes acessíveis na biblioteca, com as reivindicações estudantis e com o estilo transgressor de aulas de alguns professores, a exemplo de uma mestra que reproduziu o “Bolero de Ravel” para a turma ouvir e, em seguida, abriu espaço para que cada um compartilhasse a viagem imaginária pessoal. Tudo aquilo descortinava novos universos, ao mesmo tempo em que revelava a negligência do cuidado do espaço, por escassez de recursos para a educação. Fui tomando consciência das desigualdades e abusos, da necessidade de engajar-se na luta contínua por direitos básicos, pela dignidade humana, em múltiplos contextos. Havia muito aprendizado simultâneo e uma constatação: “Letras” representaria um percurso profissional marcado por esforços e lutas.

Após dois anos de estudos, surgiu uma oportunidade que representava um sonho: morar no exterior. Um vizinho, filho de amigos próximos de meus pais, estava morando em Nova Jérsei - Estados Unidos, e me chamou para ter a experiência de viver longe da família, aprender o idioma e trabalhar, ou seja, aventurar-me num pedaço do mundo. Enfrentei a resistência dos pais, reuni economias de um trabalho como secretária, tranquei a faculdade e fui. Grande choque: sozinha, ingênua, num país estrangeiro, adaptando-me ao idioma, ao frio extremo, ao preconceito cultural, com dificuldade de conseguir trabalho por não ter os documentos, crua diante do mundo e seus perigos. A dona da casa em que meu amigo alugava um quarto, por exemplo, perguntou se eu gostava de dançar. Após responder entusiasticamente que sim, levou-me para uma boate, que contratava brasileiras. Fui aprendendo a buscar entrelinhas em cada discurso, a ampliar a percepção do contexto de quem narra.

Meu primeiro emprego foi num lava-carros, depois numa lanchonete, em seguida atuei como garçom e caixa de supermercado. Eu e meu amigo conseguimos nos mudar para um apartamento de um garçom, que ficava bem em cima de um restaurante italiano, onde conseguimos emprego: ele como faxineiro e eu como caixa. Nossa casa tinha um amplo fluxo de pessoas e mais tarde descobrimos que o locatário estava cumprindo pena, em liberdade condicional, por tráfico de drogas e a cocaína circulava em seu quarto. Quanto risco passamos! Após quatro meses de sofridos aprendizados, escorreguei na neve, quebrei o pé e voltei para o Brasil.

No retorno, dei grande valor ao meu país: o idioma, o clima, a cultura, a comida, a proximidade da família e dos amigos. No primeiro mundo há qualidade nos serviços públicos (na saúde, segurança, educação, trabalho), mas é muito ruim a sensação de ser menosprezada por ser latino-americana, viver sem raízes. Após a experiência, descobri que há valores mais importantes que conquistas financeiras e de consumo.

Errância pessoal, profissional e cultural

Meu primeiro namorado transformou-se em meu marido. Conheci-o um pouco antes de viajar aos Estados Unidos e foi ele que me recebeu no retorno. Namoramos seis anos e comecei a trabalhar na Varig. Primeiro como agente de tráfego no aeroporto internacional do Galeão e posteriormente na área de treinamento do pessoal de aeroportos,

onde fiquei por quase 18 anos. Morei na Ilha do Governador e tive dois filhos. Foram muitas viagens a serviço, em que tive a oportunidade de fazer contato com a diversidade cultural e seus artesanatos, costumes, sabores, crenças, paisagens. A Varig me proporcionou uma vasta formação cultural e sou muito grata por isso. Fui a lugares a que jamais iria, mesmo que tivesse recursos. Fiz inúmeros cursos com excelentes profissionais, como: formação de multiplicadores, instrumentos de avaliação, negociação, etc. Conheci pessoas e contextos inusitados, fomentadores de uma visão da complexidade e diversidade humanas. Simultaneamente, sofria no âmbito familiar: por longa doença de minha mãe e conflitos conjugais. Foi nessa época que descobri a escrita como recurso para não sucumbir. Escrevia verdadeiros desabaços que me deram sustentação. As dores vividas geraram cicatrizes externas e internas. Aprendi que os sintomas são linguagens do corpo, são vozes estranguladas que transbordam. Foi um período em que qualquer lazer era bandido: cinema, teatro e até leituras. O que eu buscava em todas as oportunidades possíveis. Aprendi a viver nos intervalos. Lembro-me de que com a mão engessada por conta de um dedo quebrado, tive licença médica, mas voltei a trabalhar. Como a mão inchou, negocie com minha chefe em trabalhar metade do expediente. Na parte da tarde, ao invés de retornar para casa, ia ao Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, para assistir a filmes, como por exemplo de Almodóvar, em cabines individuais. Ficava afetadíssima e nada podia comentar, pois a transgressão era um segredo só meu. Eu havia criado um espaço para alimentar o sensível, agora reconheço ao narrar. A arte era um respiro na dureza do cotidiano conjugal. Nas viagens a serviço, a primeira coisa que fazia era pegar o jornal da região e procurar cultura. Tinha uma fome acumulada. Assim, presenciei espetáculos memoráveis, como a apresentação ao ar livre de *Édipo Rei*, por um grupo mambembe do Maranhão, numa construção história de uma antiga fazenda de escravos em São Luís. Ou um espetáculo de dança que denunciava a invasão da cultura americana na América Latina, na Universidade do Chile, em Santiago. Genuínos presentes. Tudo isso sem registrar em fotografias e sem comentar no retorno. Minha fotografia passou a ser o olhar e a escrita: assim podia registrar paisagens externas e internas, que permitiam reviver as experiências através da leitura. O que posteriormente gerou meu primeiro livro: *Mosaico Vivo*, publicado em 2012.

Posteriormente, aprendi com Hillman (2010) que, quanto mais o indivíduo sofre, mais profundidade alcança e mais alma encontra. Para o autor, a ferida e o olho são um só. Ele afirma que a via régia de trabalhar com a psique é produzindo imagens. A partir

desta construção narrativa, compreendo o sofrimento vivenciado nessa etapa de vida como espaço iniciático para acesso às profundidades, o que foi formativo e essencial para minha futura atuação como psicóloga.

A criação como combustível para recomeços

No trabalho, apesar do grande volume de atividades, havia espaço para o fluxo criativo. Meu setor era responsável pelos instrutores eventuais: funcionários espalhados pelos aeroportos no Brasil e Exterior, que eram encarregados em repassar conhecimentos. Criei o encontro anual de instrutores que possuía uma parte técnica e outra motivacional. Fazíamos celebrações semelhantes à entrega do Óscar, com categorias, indicados e premiados. Inventávamos bailes temáticos, como o “Brega e chique”, com apresentação de talentos e outras atividades lúdicas. Nessa época vivi a dualidade: o peso em casa e a leveza no trabalho. Posteriormente, houve um gradativo agravamento da situação financeira da empresa, o que fomentava ainda mais nosso potencial criativo e a capacidade de criar alternativas.

Num momento nada propício: a mãe gravemente adoecida, a Varig atrasando os pagamentos por falta de recursos, o filho mais novo com apenas um ano de idade, cheguei ao meu limite e me separei. Diante dos escombros, o novo foi se anunciando, como pendões de plantas trepadeiras, que lançam pedidos ao ar para encontrar onde se agarrar.

Consegui emprego numa fábrica de dutos para Petróleo, na área de Recursos Humanos, em Niterói. Comecei a namorar, mudei-me para um apartamento alugado, ingressei na Faculdade de Psicologia. Foi o período mais desafiante, pela necessidade de conciliar demandas dos papéis de mãe, filha, trabalhadora de uma exigente multinacional, estudante e namorada. Tive que negociar com meus professores para não me reprovarem por falta, pela necessidade de acompanhar a mãe no hospital. Assim, descobri a força em ser autodidata. Eu acordava às quatro horas da madrugada para estudar. E, quando podia comparecer às aulas, descobria que eu estava adiantada e não atrasada nas disciplinas. E aprendi o prazer da liberdade de ir além do que era solicitado. Isto expandiu meus universos. Nos raros momentos de folga, fugia para Lumiar com o namorado, que virou marido e lá, em comunhão com a natureza, acessava forças de regeneração para seguir.

O afeto e o apoio foram ingredientes fundamentais para a reconstrução da esperança e leveza no cotidiano.

No novo trabalho, além de cumprir com todo o volume de atividades inerentes ao meu cargo, criei programas culturais como: coral de funcionários de setores variados (com incentivo da lei Rouanet), biblioteca solidária, sessões de cinema com filmes para conscientização ambiental, dentre outras ações. Incomodava-me observar pessoas sendo tratadas como coisas, partes de uma engrenagem que só parecia preocupada com a produtividade e o lucro. Sentia falta de alma e arte na empresa.

O arrebatamento do encontro

No estudo, durante o estágio como psicóloga clínica, vivi uma experiência de abundância, que mudou meu rumo de vida: assisti a uma paciente ter uma significativa melhora de uma semana para outra, eliminando sintomas de síndrome do pânico, a partir de uma intervenção com um livro. A biblioterapia havia sido germinada naquela vivência. Apesar de meus professores afirmarem que nada poderia produzir um efeito tão rápido numa pessoa, comecei a ficar atenta aos livros que poderiam ser incorporados no processo terapêutico. Em dezembro de 2010, assisti a um encontro sobre Terapia Expressiva no Hospital Antônio Pedro em Niterói, organizado por Denise Vianna, que produziu em mim um choque vital: a potência da arte como recurso de cuidado. Vivi uma marcante experiência estética. Chorei compulsivamente de emoção durante uma apresentação feita por Gladys Schincariol, onde ela projetava as artes plásticas produzidas por internos do Hospital Psiquiátrico Pedro II, demonstrando a incrível capacidade da expressão através da arte em projetar angústias e dramas fossilizados no inconsciente e de apaziguar o sofrimento. Posteriormente fiz contato com Gladys e ela me conduziu aos arquivos históricos do Museu de Imagens do Inconsciente, onde muito me emocionei com as obras e as histórias dos pacientes.

O encontro trouxe uma certeza: eu não seria mais capaz de viver sem arte na minha vida e no meu fazer profissional. Foi Gladys que recomendou fortemente a leitura da *Poética do Espaço*, de Gaston Bachelard (2008), que hoje representa um pilar conceitual de todo o meu trabalho. Para o filósofo, a imaginação poética tem um dinamismo próprio: requer estar presente à imagem no minuto da imagem, como um súbito realce do

psiquismo. Ele diz: “A imagem poética transporta-nos à origem do ser falante” (BACHELARD, 2008, p.7). Ele ressalta que a exuberância de um poema causa ressonância e repercussão: um caminho para reanimar as profundezas do ser. Movimento configurado num fenômeno de liberdade, a partir da consciência cintilante, do contato com as coisas, da capacidade de surpreender-se, de habitar as lacunas em busca de um espaço de intimidade. Bachelard fala de uma “estética do oculto” e escreve sobre as casas, gavetas, cofres, armários, sótãos, porões, conchas, ninhos, cavernas, como refúgios primitivos, reservas de devaneio de intimidades.

A casa como cosmos, um canto no mundo, que permite iluminar lembranças: “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz” (BACHELARD, 2008, p. 26). Essa valorização de um centro de solidão sugere repouso, confiança e possibilidade de recomeço de uma vida que habitou a profundidade. A intimidade tem necessidade de um ninho: quanto mais condensado é o repouso, quanto mais comprimido é o ser, maior será sua expansão. O clarão de consciência em cada ato rotineiro rejuvenesce o olhar e cria novos espaços.

Em 2012, vivi esses espaços introspectivos através de um curso de extensão chamado “Cuidar de si com arte: terapia expressiva como veículo de cuidado integral”, desenvolvido e apresentado por Denise Vianna e equipe, no Hospital Antônio Pedro, em Niterói, RJ. Nele, nos encontrávamos uma vez por semana para experimentação de diversas materialidades e recursos da arte, apresentação teórica, além de participar de um trabalho de campo, com oferecimento da arteterapia aos pacientes que recebiam quimioterapia, no Núcleo de Atenção Oncológica do hospital.

Durante uma aula com atividade expressiva, vivi uma experiência marcante: sem desejar expor meus sentimentos, produzi um desenho como se minha mão não obedecesse aos comandos da minha mente, impelindo-me a revelar o estado interior e a chorar contra minha vontade. A expressão imagética produzida pode ser visualizada na próxima página.



Imagem 4: Contenção

A imagem representa um período da vida com grande repressão da expressão: o coração e as mãos ardendo como fogueiras, porém contidos pelas grades, correntes e mordanças. Olhares, vozes, movimentos, pensamentos, alma e voos contidos.

Tal experiência revelou-me a potência da criação de imagens, como um recurso de acesso direto, sem elaborações, ao inconsciente e aos conteúdos represados, através dos símbolos. Jung (2008) conceitua uma palavra ou uma imagem como simbólica quando há implicação de algo além de seu significado manifesto ou imediato, fora do alcance da razão. Os símbolos, comuns ao consciente e inconsciente, permitem uma ponte, um processo, uma via expressiva. É chamada “função transcendente” o que torna possível a passagem de conteúdos inconscientes para a consciência, através dos símbolos. O fato deu-me clareza que deveria investir em uma formação para aprofundar conhecimentos e práticas em arteterapia, como veículo de acesso às imagens do inconsciente.

Espaço para o desenho da vida

Nesse mesmo ano, aproximei-me do Xamanismo. Encontrei em seus ritos a força da ancestralidade e da reconexão com os elementos da natureza. Foi descobrindo recursos internos e externos que tomei uma difícil decisão: abandonar o emprego fixo, com salário e benefícios garantidos para seguir o chamado de atuar como psicóloga autônoma e dedicar meu tempo ao desenvolvimento da biblioterapia e ao aprofundamento na potência da arte no cuidado humano. Após completar a graduação em psicologia, pedi demissão à fábrica onde trabalhava, em abril de 2011, e, no citado Curso de Extensão Cuidar de Si com Arte, conheci e apaixonei-me pelas Danças Circulares Sagradas, conduzidas na ocasião por Luciana Ostetto. Desde criança sentia grande atração pelas apresentações folclóricas, pela música, pela dança, pelas roupas típicas, mas principalmente pela alegria dos dançarinos de mãos dadas em roda, vivificando a cultura de um povo. Assistir a tudo aquilo era como viajar para lugares desconhecidos através da imaginação. Como espectadora, sempre tive o desejo de participar desses grupos. Nossos encontros durante o curso eram como um sonho que se tornava realidade. Sentia-me privilegiada por ser acolhida a vivificar e honrar a diversidade de culturas, através das linguagens da música e da dança, com a leveza da permissão de errar e de brincar. Uma dança em especial

fincou raízes profundas e sublimes em mim: *Erev Shel Shoshanim*, dança judaica que significa “Noite das Rosas”. Ela foi e ainda é dançada em muitos momentos significativos de minha vida, como no lançamento do meu primeiro livro *Mosaico Vivo*, em 2012, além do I Encontro de Biblioterapia que promovi na UNIRIO, em 2016, e dentre inúmeras outras oportunidades. Numa parte da coreografia, há um movimento em que se faz um balanço para a direita e esquerda em quatro tempos, tocando levemente com as mãos os ombros das pessoas que estão ao lado. Por um tempo, esse movimento significou a importância de compartilhar as dádivas da vida com o outro, com a coletividade. Porém, com o suicídio de uma pessoa querida muito próxima a coreografia passou a ter outro sentido: o da necessidade de partilhar também as dores e angústias com quem está ao nosso lado, para permitir ser capaz de suportar as cargas.

O arrebatamento do encontro com o círculo da dança foi tamanho que busquei, desde então, participar de eventos e oportunidades de aprofundamento, como os Encontros Brasileiros de Danças Circulares em 2015 e 2016 e cursos do projeto de extensão em Danças Circulares dos Povos na UFF, em 2016 e 2017. No segundo semestre de 2017, iniciei a incrível experiência de focalizar as rodas, incentivada pela minha orientadora de mestrado que coordenava o projeto de extensão.

As Danças Circulares Sagradas constituem um movimento gerado a partir do encontro de Bernhard Wosien com a comunidade de Findhorn, na Escócia (OSTETTO, 2014). Bernhard, um bailarino clássico, encantou-se e decidiu dedicar-se às danças folclóricas dos povos. Diante do convite de Findhorn, uma comunidade alternativa, organizada em uma ecovila, Bernhard vivenciou a dimensão meditativa das danças, como se representassem uma oração em movimento, sem palavras. As danças circulares, porém, são manifestações culturais muito antigas, de tempos imemoriais, que espelham movimentos circulares encontrados no cosmos (como dos planetas girando em torno do sol, dos redemoinhos, dos ninhos, etc.); que representam símbolos universais como a mandala, o círculo, o centro, o labirinto; que cumprem funções históricas variadas, como por exemplo: adoração aos deuses, ritos de agradecimento, casamento, dentre outros propósitos.

De mãos dadas na roda, vivenciamos o exercício de entrega ao momento presente, em conexão com nosso eu, com a comunidade, com a diversidade cultural e com a transcendência, através das músicas e das danças. Um movimento que convoca o corpo à

expressão e à atenção, que acolhe o erro como parte do processo, que oferece dimensões sensíveis formativas. Fui, literalmente, capturada pelas danças. Agradeço, honro os mestres e sigo na busca de aprofundamento e expansão, como num movimento em espiral.

Paralelamente, impulsionada pela leitura do livro *Biblioterapia*, de Marc Alain Ouaknin (1996), iniciei os círculos de biblioterapia em julho de 2011: encontros semanais onde ofereço trechos de livros para serem lidos e discutidos coletivamente. O filósofo e rabino apresenta no livro um método biblioterapêutico. As ressonâncias com sua escrita e paixões impeliram-me à ousadia da ação. Esses encontros perduram até hoje. A liberdade de escolher os livros a serem trabalhados nos encontros, aliada à disciplina de leitura para dar conta da programação divulgada, proporcionaram uma formação única, plural, profunda, pelo contato direto com clássicos da literatura brasileira e universal e pela sua diversidade de temas, cenários, personagens e linguagens. Fui e sou formada por uma trama literária de autores como Fernando Pessoa, Dostoievsky, Clarice Lispector, Ferreira Gullar, Mario Quintana, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Viviane Mosé, Martha Medeiros, Adélia Prado, Cora Coralina, Manoel de Barros, Leminski, Astrid Cabral, Clarissa Pínkola Estés, Cecília Meireles, Thiago de Mello, Ítalo Calvino, Oscar Wild, Albert Camus, Rainer Maria Rilke, Millôr Fernandes, Amós Oz, Caio Fernando Abreu, Erich Fromm, George Orwell, Lygia Bojunga, dentre inúmeros outros. Algo que talvez não fosse possível se compulsoriamente tivesse que cumprir planos pedagógicos propostos pelas formações tradicionais.

Com liberdade na escolha de leituras, até hoje me permito um estudo vigoroso, atento, interessado, profundo. Leio, releio, marco, torno a ler. Tenho uma relação com o livro, o autor, os personagens, as ideias, as reverberações em mim. Rumino o texto, capturo frases impactantes e escrevo nas paredes de minha casa. Percebo uma diferença no que observo na maioria que me rodeia: leitura fragmentada ou de resenhas, comentários de especialistas e todo o tipo de intermediadores da experiência. A escolha dos livros que hoje são instrumentos de trabalho, veículos de cuidado, obedeceu a apenas uma regra: os que me afetassem, despertassem os sentidos.

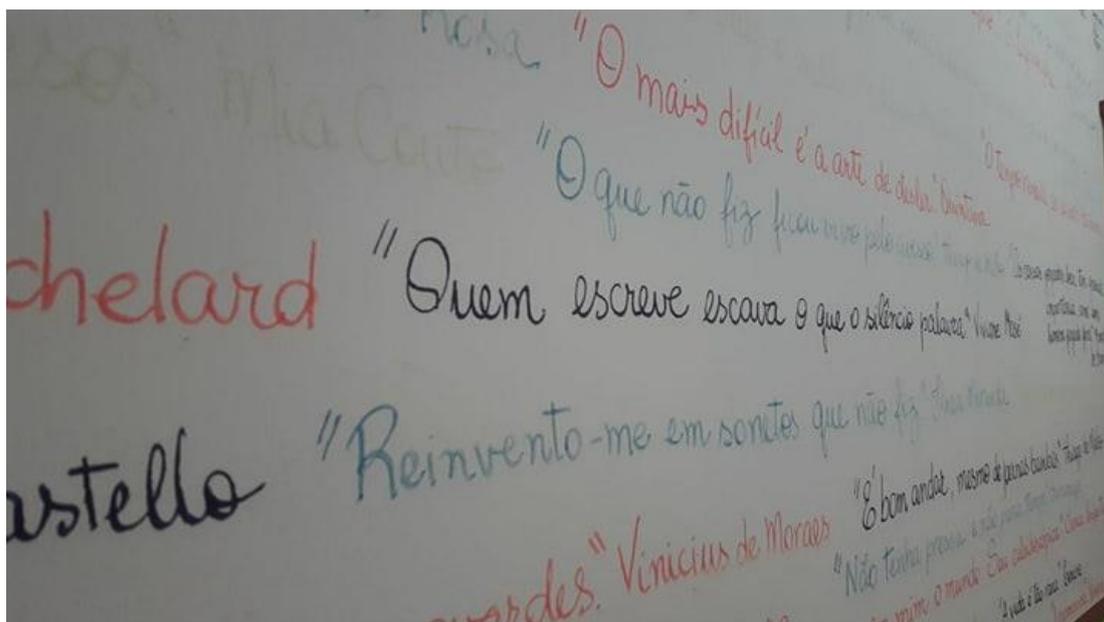


Imagem 5: A poesia é para comer

Hillman (2010) revela o sentir como veículo para tocar o coração, órgão ativador dos sentidos. O autor defende o provocar, educar e despertar do coração como estímulo para fecundar a imaginação e contribuir para o mundo alçado. A partir desse critério, iniciei a formação contínua de uma biblioteca interior e passei a utilizá-la como instrumento de trabalho. As experiências dos encontros individuais e coletivos foram tão enriquecedoras que geraram a necessidade de partilhá-las em um livro: *Vivências em biblioterapia: práticas do cuidado através da literatura*, publicado em 2014. A partir da publicação, surgiram demandas de palestras, entrevistas e cursos a respeito. O primeiro curso de biblioterapia foi oferecido em outubro de 2015 e, até junho de 2018, aconteceram quatorze turmas. O interesse pelo tema e sua demanda só crescem, proporcionalmente ao encantamento por suas múltiplas aplicações. Como necessidade de transbordamento de tanta nutrição literária, adotei como prática espalhar delicadeza através da poesia em todas as oportunidades possíveis, como declamar versos em aniversários, casamentos, enterros, cursos, palestras e atividades esportivas, além de compartilhar poemas nos elevadores do prédio onde resido. Passei a verificar verdadeiras transformações tanto na energia do local como nas relações empreendidas. No processo biblioterapêutico, o incentivo à escrita é parte fundamental. Como produto desse fomento, já foram publicadas três antologias: *Gavetas Acesas*, com 16 autores em 2015; *Relíquias*, com 27 autores em 2016 e *Brumas e Brisas*, com 32 autores em 2017.

Múltiplas linguagens expressivas e afeto

Porém, no atendimento individual, constatei que havia conteúdos dolorosos, difíceis de serem expressos com palavras. Precisava de alguma formação para captar narrativas em outras linguagens. Em 2014, iniciei uma Pós-graduação em Arteterapia, na Clínica Pomar, onde pude ter acesso e contato com múltiplos materiais e percursos expressivos, além de livros e artigos da área, principalmente de Philippini (2013), uma das pioneiras na prática no Brasil. Senti a potência de tais veículos, como exemplo a “trilha sonora de vida”: uma atividade que incentivava, através de um questionário, a identificar músicas que remetiam à infância, ao pai, à mãe, ao primeiro amor, à renovação de esperança, ao desânimo, à luta, dentre outras provocações. Percebi o quanto a música é constituinte de cada ser e um recurso poderoso para evocar narrativas de si. Outra experiência marcante foi a vivência da potência do teatro. Cada aluno foi convidado a montar um esquete, de situação relevante para si, tendo que pessoalmente produzir figurino, cenário, roteiro, etc. As apresentações foram surpreendentes e reveladoras.

Outra atividade que me encantou foi o processo de preparação para a escrita da monografia. Para incorporar as linguagens do inconsciente no processo de clareamento e definição de objeto de pesquisa, a professora utilizou-se de um fecundo processo. Partimos de uma visita à feira de antiguidades na Praça XV, no Rio, segundo ela, um receptáculo simbólico do inconsciente coletivo. Cada um deveria flunar pela feira e ficar atento para alguma emoção forte evocada a partir do contato com algum objeto significativo que dialogasse com o objeto de pesquisa. Num segundo momento, fizemos uma colagem de imagens para, em seguida, ampliar algum aspecto dessa colagem através do desenho. A cada oficina, os propósitos foram-se firmando e indicando caminhos de pesquisa e aprofundamento.

Muitos outros fecundos momentos foram vividos durante as aulas, o que enriqueceu minha formação. Foi nesse local que descobri que o afeto é um elemento fundamental para o processo expressivo. De nada adiantam os mais avançados recursos, materiais, conhecimentos científicos, se o espaço não for acolhedor, se as pessoas não forem respeitadas em seus direitos e subjetividades. Nesse período, fiz estágio na ADAMA (Associação dos Amigos da Mama), como parte integrante do currículo para formação como especialista em arteterapia. Foram realizados 36 encontros de duas horas

de duração cada, com grupo de oito mulheres mastectomizadas, no período de agosto de 2014 a junho de 2015, utilizando recursos expressivos da arte, em Niterói – RJ, com supervisão de Ângela Philippini. As produções plásticas e desdobramentos narrativos foram surpreendentes.



Imagem 6 – “Este é meu câncer!”

“Uma coisa sem forma definida que circula dentro de mim, que não sei como pareceu, nem como vai embora e o que vou fazer com ele.” (Narrativa que acompanhou a produção)



Imagem 7 – Labirinto

“O que vejo aqui é um labirinto sem saída, como a minha vida.”
(Narrativa que acompanhou a produção).

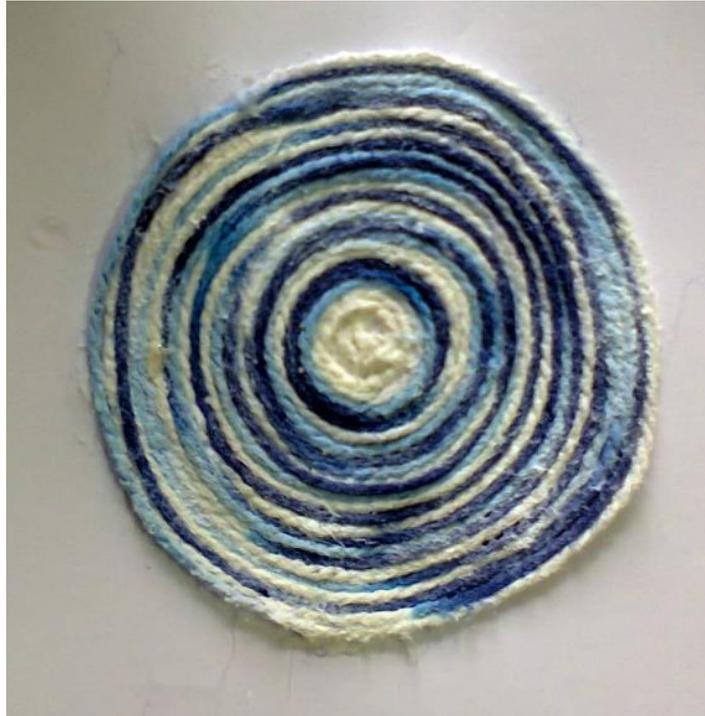


Imagem 8 – Caminhando para o centro

“Eu quis fazer um círculo com a linha, porque acredito que tudo caminhe para um só centro. Estou dando passos para chegar ao meu centro.” (Narrativa que acompanhou a produção)

Os exemplos mostram que as linguagens e materialidades da arte puderam dar continente aos conteúdos internos, expressando angústias, medos, mas também acionando forças de regeneração. Um forte impacto transformador foi vivenciado na sessão em que foi apresentada uma iconografia do sagrado feminino, que parece ter acessado uma região mais profunda, despertando imagens, caminhos esquecidos e abandonados. Depois das produções em desenho do que poderia representar essencialmente o feminino, foi fecunda a discussão e a constatação de que ele não está apenas nos cabelos e nos seios (o que justamente se perde no tratamento do câncer de mama). Esta releitura funcionou como uma chave de um portal de abertura a novos movimentos e solturas, como que recebendo permissão delas mesmas para serem femininas, desejadas, desejantes e vivas. Estas mulheres expressaram uma felicidade que não consigo descrever. No fechamento com dança circular, soltaram-se além do costume, quiseram abrir mais as janelas do local para deixar o vento entrar e pediram outras formas de ativar o feminino: queriam dança do ventre no próximo encontro. Neste, a descoberta vivenciada também foi reveladora. Antes da dança, foi feito um relaxamento, seguido de imaginação guiada, onde cada uma foi convidada a resgatar em sua memória o processo de descoberta do próprio corpo, da

sexualidade, de como foram os primeiros enamoramentos, as relações vividas. Na partilha da atividade, foram recorrentes os depoimentos de repressão, rigor familiar, culpa e da culminação de casamentos realizados sem amor e mantidos por longos períodos. Mulheres com desejos sufocados e reprimidos por muito tempo, como se a mutilação do corpo representasse a culminação de um ciclo de inúmeras outras mutilações, especialmente afetivas. Cito um trecho de *Uma faca só lâmina*, de João Cabral de Melo Neto, que tece esta correlação:

Assim como uma faca/ que sem bolso ou bainha/ se transformasse em parte/ de vossa anatomia;// qual uma faca íntima/ ou faca de uso interno,/ habitando num corpo/ como o próprio esqueleto// de um homem que o tivesse,/ e sempre, doloroso,/ de homem que se ferisse/ contra seus próprios ossos. (MELO NETO, 1995, s.p.).

A doença, disseram elas, passou a ser a permissão de cuidar delas mesmas e não do outro. O trabalho foi, então, canalizado para a conexão e o contato com os próprios desejos, antes tão reprimidos, proibidos e sufocados. Ao som das músicas e danças circulares e do ventre, o grupo foi redescobrando seu corpo, suas possibilidades, aprendendo a valorizar suas partes saudáveis e bonitas.

O ocorrido dialogou simbolicamente com o objeto escolhido na feira de antiguidades na Praça XV. O objeto que me saltou aos olhos foi um violino antigo, com claros sinais de abandono, como certas cordas arrebentadas, tecido da caixa rasgado e desbotado pela ação do tempo. Um objeto aparentemente com sua função negligenciada.



Imagem 9 – Violino em caixa

As correlações foram imediatas: dentro da caixa (o corpo), o abandono de um instrumento criado para o prazer, a alegria, a leveza, a música (o sopro da alma). Assim como a música neste instrumento só é possível a partir da integração do corpo do violino (simbolicamente o feminino) com o arco (o masculino), sintomas graves são oportunidades de unir polaridades para a vivência da inteireza e da saúde. A doença é uma linguagem da alma, um retrato de emoções reprimidas, de movimentos estagnados, uma expressão de algo insuportável e, por isto, uma oportunidade de transformar-se (DETHLEFSEN; DAHLKE, 2007). Os autores sugerem, essencialmente, reconhecer e dialogar com a “sombra”, que poderia ser definida como o avesso da psique, depósito interior do que foi sufocado e reprimido. Antes da manifestação do sintoma, ele se apresenta como ideia, desejo ou fantasia. Quanto maior o espaço gerado pela pessoa para acolher e dialogar com seus impulsos inconscientes, mais saudável será. Se não houver esta alternativa, uma das possibilidades de expressão é o sintoma. Este inicia com uma perturbação ocasional das funções psíquicas, como um pedido de atenção. Se o sintoma for ignorado, ele não só continuará a existir como se tornará cada vez mais exigente, teimoso, provocando o agravamento do quadro do sujeito. Para Hillman (2010), os sintomas, o caos, a aflição e o despedaçamento são vistos, pela perspectiva da psicologia analítica, como demonstrações da psique, processos inerentes do cultivo de alma, portas de acesso à profundidade, consciência que potencialmente acionam revoluções. Com o diagnóstico de câncer, uma doença mortal, a ameaça dá à pessoa a permissão para agir de uma maneira diferente da que ocorria anteriormente. Dra. Thereza Cypreste, mastologista diretora da ADAMA, durante uma apresentação poética, realizada em 2014, reforçou que a poesia de Adélia Prado sintetizava, em sua opinião, a oportunidade de transformação de uma pessoa que recebe o diagnóstico de câncer:

Se pudesse, hoje, varria, isto mesmo, varria as pessoas todas com vassoura, como se fossem cisco. Limpava o chão, passava pano molhado para refrescar, ia chorar e dormir. [...] Gosto de ir até o fundo da cisterna e revirar o lodo, tirar ele com a mão, me emporcalhar bastante, só para depois ver a água minando clarinha de novo. (PRADO, 1991, p. 75)

Este processo de limpeza inclui abrir espaço para os desejos e prazeres, para trazer equilíbrio, sentido e qualidade à existência.

Em paralelo ao estágio, eu conduzia e vivenciava a potência das rodas de leitura, que revelaram benefícios sistêmicos muito além do imaginado: desenvolvimento da língua, através da leitura, da expressão verbal, do enriquecimento do vocabulário e do imaginário, da concentração, do ato político da força e coragem de colocar sua palavra na roda, mesmo e principalmente se discordante da opinião do grupo. Revelou-se também como espaço para ser inteira, respirar, relaxar, devanear e criar vínculos afetivos de partilha do sensível. Tais percepções foram reforçadas através da leitura de Michele Petit (2009) e Jacques Rancière (2009). Petit, que realizou pesquisa junto a mediadores de leitura atuantes em contextos adversos, constata que a criação de um espaço acolhedor de compartilhamento é fundamental para regenerar possibilidades de reconstrução individual e coletiva. Como um campo simbólico para ausentar-se do caos, permitir criar um universo paralelo, nutrir o repertório de possibilidades e imaginar recomeços. São como moradias provisórias para recriar a casa perdida e retomar o fio vital para o desenrolar dos emaranhados que nos cercam. Rancière revela que esses espaços de compartilhamento de vivências sensíveis são veículos para formação e estreitamento de vínculos afetivos.

Busquei aulas particulares de literatura, filosofia e psicologia junguiana para construir um embasamento teórico e permitir aprofundar a prática da biblioterapia, já que no Brasil são escassas as formações na área. Dentre tantas descobertas, fiquei muito impactada com o livro *O código do ser*, de James Hillman (1997). O autor afirma que a psicologia dá demasiada atenção aos conflitos familiares e que a energia poderia ser canalizada para a identificação da família criativa. Ele toma o conceito de *daimon* apresentado por Platão, no livro *A república*, para conceituar aquilo que cada ser carrega antes mesmo de nascer, o que poderia ser nominado como a vocação, o talento singular. E que essa característica se manifesta com mais intensidade entre 0 e 6 anos de idade. Ele alega que os pais não são as pessoas mais qualificadas para perceber e deixar fluir o *daimon* dos pequenos. Quem seriam os adultos mais apropriados? Seriam os professores de educação infantil? Mas como eles poderiam ser capazes de identificar e deixar fluir os talentos das crianças, se eles mesmos podem ter sido vítimas de uma desertificação de seus processos criativos? Essa foi a fagulha que acendeu o desejo de buscar um mestrado em educação, para discutir especificamente a formação de professores de educação infantil. Como cuidar das crianças sem direcionar a atenção para quem cuida delas em seus primeiros anos? E se a formação reduzir as possibilidades ao invés de expandi-las? No atendimento clínico individual em psicologia que realizo, é recorrente ouvir queixas

de pessoas que se consideram desconectadas de sua natureza, no campo pessoal e profissional, gerando angústia e depressão, que alimenta a indústria consumista, inclusive de medicamentos psiquiátricos. E surpreendo-me ao constatar um grande vazio diante da pergunta a respeito dos sonhos, do que gostariam de colocar no lugar do que reclamam. Desconfio que a falta de rumo, saída e esperança tenha relação com um empobrecimento do repertório do imaginário. O que poderia ser feito para contribuir para reverter esse quadro?

Chegada ou partida?

Essas reflexões e inquietações conduziram-me ao mestrado em educação. Estou disposta à inteireza no processo de investigação, aprendizado, semeadura e esperança na fartura de seus frutos. O curioso diante da escrita deste memorial é constatar que atravessei áridos sertões e a presença da arte e da delicadeza formaram veredas salvadoras, que revelaram forças de resistência e espaço para criação de novas possibilidades. Através desse olhar distanciado, percebo que o que fomentou a criatividade, expressa em momentos cruciais da vida, foi o imaginário nutrido pelas brincadeiras infantis e pela arte.

Illuminuras estéticas

A busca de um modo de ser poético, com arte, faz-me rastrear continuamente oportunidades de semear beleza e delicadeza nas mais variadas oportunidades e situações, o que também busquei oportunizar, pelas brechas, no mestrado em Educação. Durante as aulas, busquei apresentar poesias, versos e trechos da literatura que dialogassem com os conteúdos abordados. Nas apresentações de capítulos, buscava ilustrar com imagens das artes plásticas, como por exemplo na disciplina Educação Brasileira, ao tratar do contexto histórico na evolução da legislação relacionada à educação:



Imagem 10: Café, de Cândido Portinari



Imagem 11: Operários, de Tarsila do Amaral

A resposta foi sempre surpreendente. Recebi inúmeros retornos positivos de discentes contando-me que tais práticas eram como respiros na aula. Passaram a me fazer pedidos de poesias que fossem coerentes com suas apresentações para enriquecê-las. Os professores começaram a solicitar que eu fizesse o fechamento de cada encontro com um poema. E muitos elogiaram o aspecto estético das apresentações visuais, inspirando-os a cuidar das imagens em suas exposições de conteúdo.

Em uma outra disciplina, “Temas de pesquisa em Linguagem, cultura e processos formativos”, senti que era dada maior abertura para a diversidade de linguagens na abordagem dos conteúdos, e então apresentei as danças circulares, declamei poesias e promovi atividades expressivas.

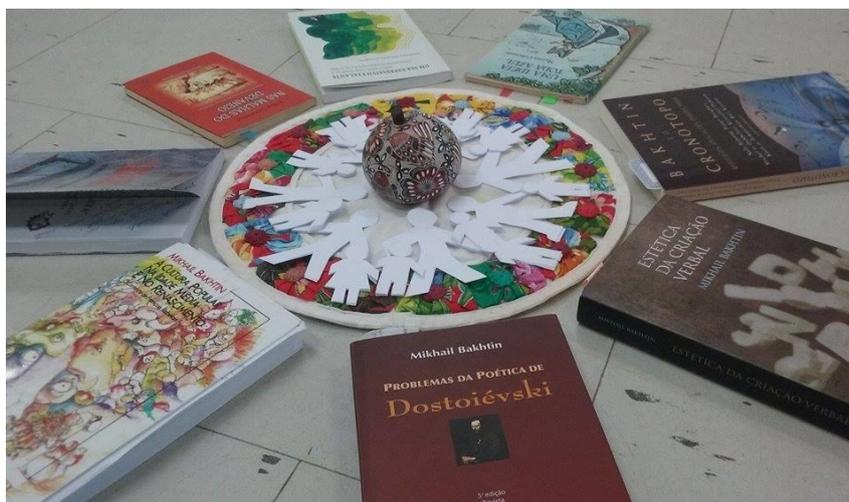


Imagem 12: Ciranda de vozes

Em uma dessas aulas, desenvolvi um roteiro poético (com produções de Ferreira Gullar, Fernando Pessoa, Mia Couto, Herman Hesse, Leminski e Cora Coralina que falam sobre a multiplicidade que nos habita) e apresentei, em conjunto com outra aluna da turma, o sarau “Muitas vozes”, para abordar o assunto Heterociência de Bakhtin, com dança circular e dinâmica expressiva para identificar as muitas vozes internas em cada um. A Profa. Dra. Maria Angélica Pisetta, então uma das responsáveis pela disciplina, capturada pelas práticas citadas, convidou-me a focalizar danças e declamar poesias em duas de suas turmas de licenciatura, o que aconteceu no dia 17 de maio de 2017, numa turma de Psicologia da Educação. Após a vivência, recebi da professora um testemunho espontâneo: “Eles não apenas gostaram, como na aula seguinte eu notei uma coisa muito maior de grupo: uma participação e um interesse maior. Achei que teve um efeito sensível nessa turma. E fiquei com vontade de fazer outras práticas corporais. É uma prática que quero introduzir no meu trabalho com as licenciaturas, pois sensibiliza o corpo, mas também produz uma espécie de vínculo.”



Imagem 13: Corpos sensibilizados

Num outro dia, durante uma aula de Educação Brasileira, recebi uma flor de uma aluna, a Marisa de Luca, “em retribuição a tanta beleza compartilhada”, disse ela.



Imagem 14: Flor da delicadeza

Em 06 de dezembro de 2017, aconteceu o Seminário Discente, um encontro anual de caráter formativo onde alunos responsabilizam-se por todas as etapas de coordenação de um evento científico, que contou com uma comissão inédita: de Arte e Cultura. Fiz parte de um grupo que idealizou, coordenou e proporcionou intervenções da arte durante o evento.

A abertura foi feita com a Orquestra de Cordas da Grotá: uma verdadeira escola que conquista jovens imersos num contexto de violência e escassez e os transforma em músicos que convivem numa atmosfera de beleza, dignidade e coletividade.



Imagem 15: Orquestra em Seminário

No intervalo do almoço, foi oferecido um café literário com cardápio de poesias (onde declamei poesias para os passantes interessados), estante com livros para doação e no fechamento foi proporcionado um Sarau-varal, aberto ao público, com diversas manifestações artísticas como: canto, declamação, performances de teatro, exposição de fotografias e artesanato social.

As intervenções foram valorizadas e elogiadas no encontro do colegiado e contou com o apoio entusiasmado do Coordenador do Programa de Pós-graduação, Prof. Dr. Jorge Najjar, que não apenas incentivava cada docente do programa, ao passar pelo espaço do café literário, a escolher um poeta do cardápio para ouvir uma declamação sussurrada, como fez questão de participar do sarau, abrindo-o com a leitura de poema de Manoel de Barros.



Imagem 16: Cardápio poético



Imagem 17: Arte na mesa da Academia



Imagem 18: Sarau-varal



Imagem 19: Tecidos de vida

No encerramento do período letivo, fiquei feliz com a dedicatória escrita pelo professor, recebida num livro doado em aula:

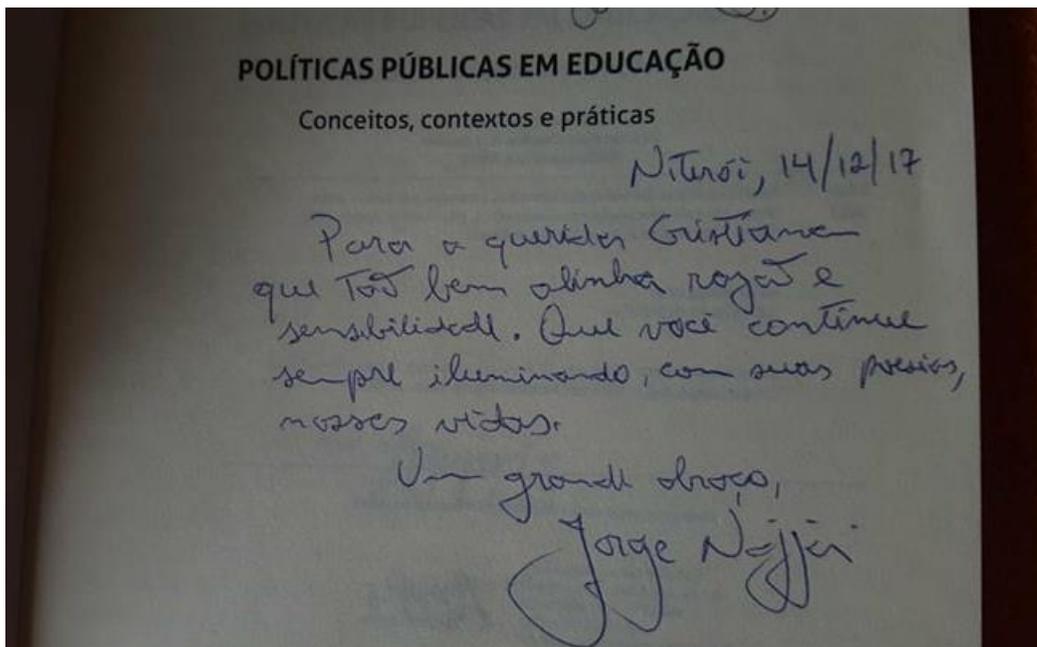


Imagem 20: Dedicatória

Essas pequeninas práticas e seus desdobramentos fizeram-me constatar que o humano é como *húmus*: uma terra fértil, que responde aos estímulos do que é semeado.

Diante dessas divagações, pergunto-me: o que poderia a criação de um espaço simbólico, expressivo e poético na formação continuada de professoras da Educação Infantil? Essa questão norteia o objetivo desta pesquisa: investigar desdobramentos da criação de tais espaços, discutindo potencialidades das narrativas de si evocadas durante o processo criativo. De que falam as professoras? Quais os símbolos recorrentes? Poderia contribuir para ampliar as leituras de si e dos outros? Fomentaria as narrativas (auto)biográficas?

– II –

**O ESPAÇO-TEMPO BRINCANTE COMO CONVITE
AO MANANCIAL INTERIOR**

Sambada dos mestres

*As sete chaves das artes
Eu trago todas comigo
Com elas na minha mão
Enfrento qualquer perigo
As tenho como presentes
Dos mestres, grandes amigos.
Vivo e brinco com meu povo.
Sou um cavaleiro andante.
Nesse nosso mundaréu,
Minha sina é ser brincante.*

Antônio Nóbrega

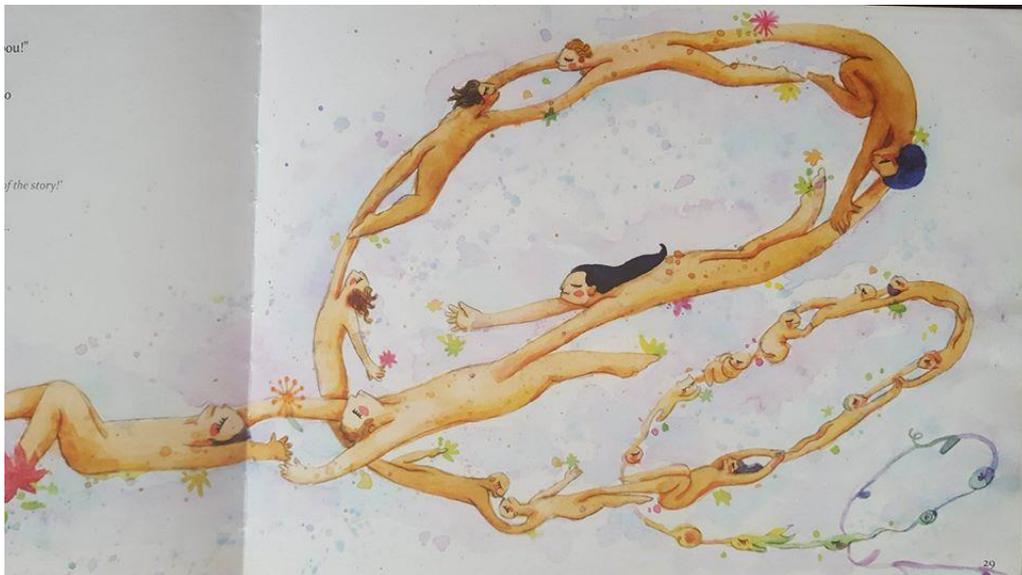


Imagem 21: Fluxos

A cultura de uma forma geral, através de veículos como a literatura, o cinema, o teatro, a dança, são janelas para ampliar leituras de mundo, que auxiliam no processo formativo e no exercício do pensar reflexivo, abrindo perspectivas para a diversidade de lógicas, crenças e valores.

Importantes mediadores na transmissão da cultura sistematizada, muito do que os professores sabem, sentem, pensam e a forma como atuam nas escolas tem a ver não apenas com a sua própria experiência de vida e com as formas mais amplas pelas quais eles se inserem na sociedade contemporânea e se relacionam com bens culturais. (GATTI, 2009, p. 169)

O processo de formação de docentes, porém, tem privilegiado o pensamento racional e possui, muitas vezes, ritmo e volume de conteúdos fragmentados, distanciados da delicadeza, da subjetividade e da inteireza, desconsiderando o corpo, a imaginação, a alma, a diversidade e o espaço para a escuta (OSTETTO, 2014). Há um extremo desequilíbrio, nos cursos de formação docente, entre as abundantes aulas expositivas e a absoluta escassez de aulas práticas em todos os cursos. E a tendência dos alunos é a adotar os padrões vivenciados, em suas próprias práticas docentes, num reforço da escassez de experiências significativas e estéticas (GATTI, 2009). O material oferecido durante a formação é predominantemente constituído por fragmentos de textos. E não há tempo para o processamento desse material, de elaboração, de incorporação de seus significados. O desdobramento é refletido numa redução no campo do imaginário, de acesso à pluralidade de linguagens, do diálogo com a diversidade. Como dar aquilo que não se recebeu? Como provocar ativação da sensibilidade, da delicadeza sem vivenciá-la? Se os percursos e experiências culturais dos professores vividos fora da escola são limitados, e se no percurso escolar os espaços-tempos para a vivência de conhecimentos da ordem do sensível e do artístico-cultural são escassos, onde serão cultivadas as outras dimensões do conhecimento pela inteireza do professor?

CALEIDOSCÓPIO DE OLHARES

O educador poeta Rubem Alves reflete como sendo duas as tarefas da educação: olhar para fora (para as coisas do tempo, efêmeras) e para dentro (para as coisas da alma, eternas). E apresenta as chaves de acesso para as duas dimensões: a ciência e a poesia:

Duas são as tarefas da educação. A primeira delas tem a ver com o primeiro olho: ensinar o mundo que é, a um tempo, nosso corpo e nossa casa. A segunda tem a ver com o segundo olho: despertar a alma para que o mundo não seja apenas um objeto de conhecimento, mas, acima de tudo, um objeto de deleite. Essa capacidade de degustar o mundo é aquilo a que damos o nome de sabedoria. Sabedoria é usar o conhecimento de forma que o mundo se torne um lugar de felicidade. A chave para o primeiro mundo é a linguagem da ciência. A chave para o segundo mundo é a linguagem da poesia. [...] A ciência não nos torna sábios. Daí a necessidade de abrir o segundo olho. O segundo olho leva à alma dos seres humanos onde estão adormecidos os sonhos de beleza e bondade. (ALVES, 2003, p. 12-13)

Maria Bethânia, grande artista brasileira, agradece a seu professor ginásial, Nestor de Oliveira, pelos devaneios poéticos proporcionados durante as aulas de português:

Em suas aulas, além de didática, aprendia-se a ouvir, ler e dizer poesia. [...] Isso acontecia numa escola pública do Recôncavo baiano. [...] Eu fui aluna de escola pública, eu Maricotinha, e recebi a comenda “Ordem do Desassossego” em reconhecimento pela divulgação da obra de Fernando Pessoa. Obrigada, professor Nestor! Bravo! (BETHÂNIA, 2015, p. 97)

Teria sido essa a semente para fecundar todo seu percurso profissional que encanta a tantos? Seria possível incentivar e garantir espaço na educação para o sensível? Como oferecer olhares poéticos se este campo não for arado e semeado na formação docente?

A fecundidade desse olhar para dentro, investigador da alma, é revelada através de trechos da literatura, como exemplos:

Era de vidro o seu olho esquerdo. [...] meu avô via a vida pela metade, eu cismava, sem fazer meias perguntas. Tudo para ele se resumia em um meio-mundo. Mas via a vida por inteiro, eu sabia. [...] O pensamento vê o mundo melhor que os olhos, eu tentava justificar. O pensamento atravessa as cascas e alcança o miolo das coisas. Os olhos só acariciam as superfícies. Quem toca o bem dentro de nós é a imaginação. Meu avô imaginava sempre, eu acreditava. Vencia as horas lerdas deixando o mundo invadi-lo por inteiro. Ele hospedava essa visita sem espanto. Saboreava o mundo com antiga fome. O que seu olho de vidro não via, ele fantasiava. (QUEIRÓS, 2004, p. 5-6)

Alexandre, como já vimos, tinha um olho torto. Enquanto ele falava, cuspiendo a gente, o olho certo espiava as pessoas, mas o olho torto ficava longe, parado, procurando outras pessoas para escutar as histórias que ele contava. A princípio esse olho torto lhe causava muito

desgosto e não gostava que falassem nele. Mas com o tempo se acostumou e descobriu que enxergava melhor por ele que pelo outro, que era direito. (RAMOS, 2009, p. 10)

Hábito estrábico

Nós, os poetas,
vivemos a vida
como qualquer um
a não ser o hábito
um tanto estrábico
de comentá-la
em pés de página.
(CABRAL, 2011, p. 31)

Esse olhar para o interior seria análogo a uma exploração de outras dimensões, um exercício do sentir e pensar para melhor discernir, fazer escolhas, distanciar para aproximar: atitudes fundamentais para o exercício da docência e da formação de si. Ele pressupõe um tempo diferenciado, para permitir dar espaço para a atenção, a circulação e captura de significados e ligações com outras experiências. Um caminho reflexivo e exploratório, um percurso para encontrar a alma. Uma definição de alma que me impactou foi a versão do psicólogo James Hillman (2010, p. 27):

Por alma entendo, antes de mais nada, uma perspectiva em vez de uma substância, uma perspectiva sobre as coisas em vez de uma coisa em si. Essa perspectiva é reflexiva; [...] É como se a consciência se apoiasse num substrato imaginativo e autossustentado – um lugar interno [...].

A abertura desse espaço-tempo para o diálogo interno pode atuar como um antídoto para a alienação, a manipulação e a opressão. É Millôr que apresenta uma reflexão apropriada e desconfortante da importância do fomento ao pensamento crítico:

Pensar é a todo momento e a todo custo. Pensar dói, cansa e só traz aborrecimentos. Melhor é não pensar. Mas pensar não é facultativo. Se o cérebro, a mínima parte dele que seja, deixa de estar alerta por um momento, penetram lá, como parasitas difíceis de erradicar, “ideias” vindas da imprensa, do rádio, da televisão, da propaganda geral, dos produtos em série, do consumo degenerado, dos doutores em lei, arte, literatura, ciência, política, sociologia. Essa massa de desinformação, não só inútil como nociva, nos é, aliás, imposta de maneira criminosa nos primeiros anos de nossa vida. E se, algum dia, chegamos a pensar no verdadeiro sentido do termo, todo o restante esforço da existência é para nos livrarmos de uma lamentável herança cultural. Pois, infelizmente, o cérebro humano é um dos poucos órgãos do corpo que

não têm uma válvula excretora. E as fezes culturais ficam lá, nos envenenado pelo resto da vida, transformando o mais complexo e mais nobre órgão do corpo numa imensa fossa, imunda e fedorenta. Um lamentável erro da criação. (FERNANDES, 2014, p. 20-21)

A carência desse espaço não se restringe apenas ao pensar, à vivência do silêncio, mas também à ampliação do repertório cultural, da formação estética, de estímulos que despertem os sentidos, do fomento ao cultivo da alma. Se o mundo se apresenta em formas, cores, cheiros e texturas faz-se necessário recuperar um senso estético. Nise da Silveira, uma psiquiatra que pesquisou e revelou a potência da arte no tratamento de pacientes psiquiátricos, tece uma relação entre o mundo interno e o cultural:

Decerto mundo externo e mundo interno não se acham separados por fronteiras intransponíveis. Esses dois mundos interpenetram-se em graus diferentes. Isso ocorre a cada instante na vida cotidiana e torna-se particularmente manifesto nas obras de arte, plásticas e literárias. (SILVEIRA, 1981, p. 110)

Nise também se ocupava em desenvolver uma escuta apurada de seus pacientes. Li em um livro elaborado por seu fiel escudeiro Luiz Carlos Mello, o Lula, que Nise, diante da dificuldade de um paciente internado fazer o exercício de abrir um olho de cada vez, ouviu dele: “Você acha que é fácil abrir os dois olhos ao mesmo tempo? Há pessoas que passam a vida inteira e só conseguem abrir um olho.” (MELLO, 2014) Ela, desde então, passou a indagar-se se estava abrindo os olhos: para a natureza, para a expressão das pessoas, para dentro dela mesma. Essa é a essência do poeta: ampliar o olhar, a escuta, acessar a imensidão íntima, exercitar descobertas, tarefa que requer um outro tempo-espaço. Disse Bachelard (2008, p. 164): “A miniatura é uma das moradas da grandeza.” Quantas coisas essenciais estão sendo atropeladas em função dos enganos da pressa, dos excessos e das ilusões. Para sair da superficialidade e alcançar profundidades, é necessário um espaço para a entrega. Nise considerava a analítica junguiana como um instrumento de investigação das funduras da psique, que transbordava a questão individual, alcançando a problemática universal, através dos temas míticos e observou, através dos ateliês oferecidos, que a pintura, o desenho e a modelagem eram recursos privilegiados no acesso às imagens do inconsciente (SILVEIRA, 1982; MELLO, 2015). Nise constatou que o ato de pintar apazigua o sofrimento: ao dar formas às imagens internas, a pessoa modela-se a si mesma.

Indago-me: essas questões e metodologias poderiam auxiliar na formação de docentes? Sou psicóloga e observo uma interdisciplinaridade entre educação e saúde. A complexidade do mundo contemporâneo e as exigências que recaem sobre educadores e alunos são crescentes e geradoras de patologias e esgotamento generalizado. Esse afastamento da alma, esse embotamento das emoções e sentidos, essa falta de expressão e esperança são tratados pela psiquiatria com medicação pesada para anestésias, como uma “camisa de força química” (expressão utilizada por Nise), que inibe não apenas qualquer sentir, como também o trabalho criativo e a própria vida. Ao dar forma às imagens internas, através do fazer à mão, o indivíduo cria espaço para modelar seu mundo interno, seu caminho de autoconhecimento, cuidado e inteireza (SILVEIRA, 1981). As artes acessam o inconsciente como um fio de Ariadne, que nos permite penetrar no labirinto de incertezas, ir além, navegar no desconhecido e retornar com o repertório ampliado. Por meio de processos de abstração, o homem procura um refúgio, um espaço para habitar (BACHELARD, 2008).

Um caminho fecundo, imagino e vivencio em meu fazer profissional, é criar condições para despertar o coração do seu entorpecimento e convocá-lo a assumir o lugar que lhe é devido. No mundo antigo, o coração era o órgão da percepção, ativador dos sentidos. Provocar, educar e despertar do coração seriam estímulos para fecundar a imaginação e contribuir para o mundo almadado, onde caminhos são revelados (HILLMAN, 2010).

De origem grega, a palavra *Aisthesis* designa percepção ou sensação e, na sua origem, significa “inspirar” ou “conduzir” o mundo para dentro, através de um susto, um assombro, um encantamento, uma reação estética à imagem: “Mas o coração percebe tanto sentindo como imaginando: para sentir intensamente, devemos imaginar e, para imaginar com precisão, devemos sentir.” (HILLMAN, 2010a, p. 94). Uma via de mão dupla: coração e imaginação intimamente ligados: “Mas quando um insight ou ideia afunda em nós, provoca mudanças invisíveis. A ideia abre o olho da alma. Por vermos diferente, agimos diferente.” (HILLMAN, 2010, p. 245). Ao contrário, quando estamos *an-estesiados*, ficamos cristalizados na inércia, no tédio, na monotonia, nas regras, no ressecamento das ideias e dos movimentos. O coração precisa ser instigado, sacodido, acordado, cozido em suas paixões sufocadas.

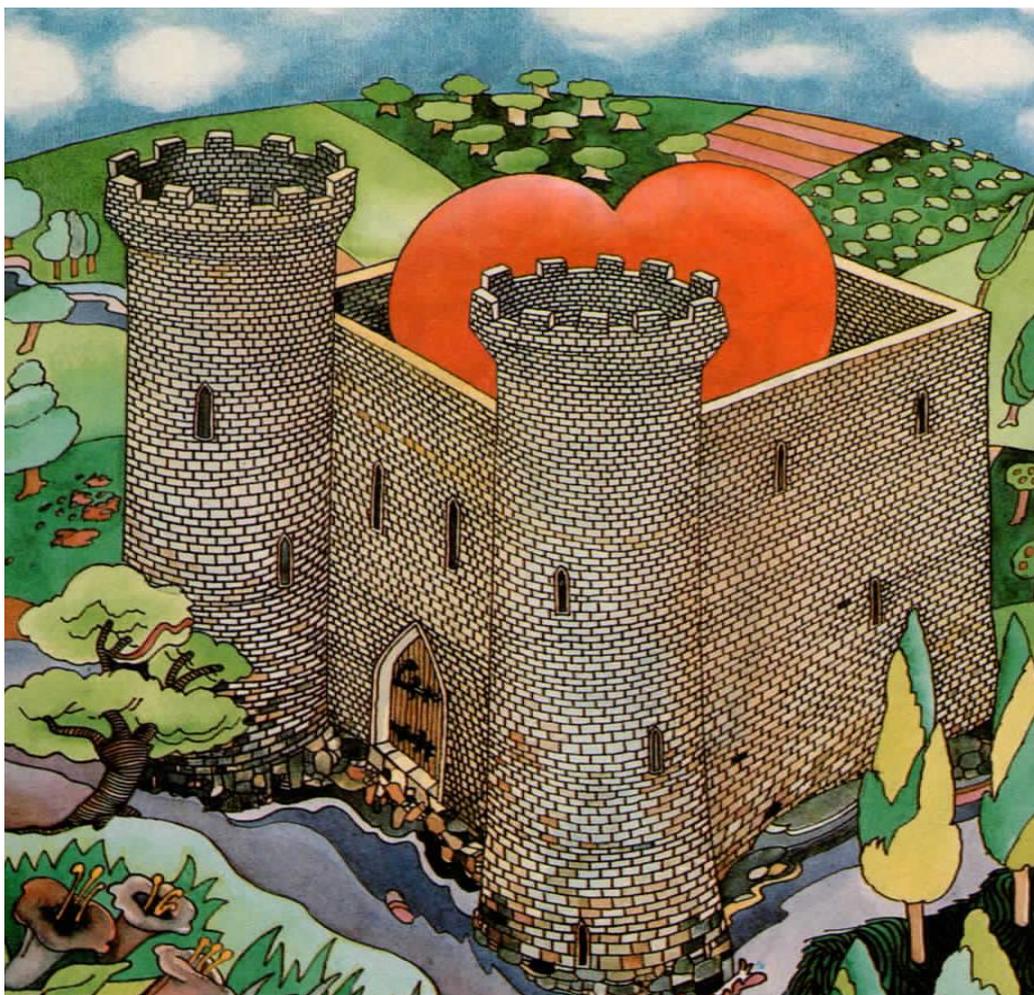


Imagem 22: Coração em castelo

VIDA ENGARRAFADA

*Mas onde esteja: a gaiola
será de pássaro ou pássara:
é alada a palpitação,
a saltação que ela guarda.*

João Cabral de Melo Neto



Imagem 23: O coração e a garrafa

Ao mencionar a prática recorrente de anestésiar o sentir para conformar com a ausência de sentido no cotidiano, lembrei-me de atravessamentos literários realizados que abordaram essa temática, como por exemplo o livro *O coração e a garrafa*, de Oliver Jeffers (2012).

Ele conta a história de uma menina muito curiosa em relação ao mundo que, diante de uma perda, resolve colocar seu coração numa garrafa para mantê-lo a salvo. O coração, então engarrafado, acabou anestesiando, além da dor, os sentidos. E nada mais ficou igual. Ela deixou de se admirar com as coisas e não sentia mais nada: nem tristeza, nem alegria. Seu mundo perdera a cor e o entusiasmo. Num determinado momento, uma criança faz uma pergunta à personagem que, já adulta, descobre que não seria capaz de responder sem seu coração. Decide então retirá-lo da garrafa, porém encontra muita dificuldade, dado o longo período engarrafado. Na busca de uma solução, resolve pedir ajuda à própria criança, pois acreditava que só uma criança saberia encontrar uma maneira. A criança realmente revelou como libertar o coração e a mulher o colocou em seu devido lugar. Assim, o mundo ao redor retomou seu fluxo, brilho e cor.

Há um conto de Grimm estudado por Jung (2003), o “Espírito na garrafa”, que dialoga com a história do coração engarrafado de Jeffers (um resumo, da forma como literalmente apresentado no livro de Jung, encontra-se no Anexo II). O conto inicia falando de um jovem, filho de um camponês, que desejava cursar estudos superiores, mas que, por condições financeiras, não pode fazê-lo. Um dia, esse jovem, ao perambular pela floresta para ajudar o pai ouviu uma voz que parecia vir debaixo das raízes de uma árvore, que dizia: “Me solta, me solta”. Ao cavar, descobriu uma garrafa, retirou a rolha e libertou o espírito que estava encarcerado. Este anunciou que era Mercurius e que quebraria o pescoço de quem o soltou. Apavorado o rapaz elaborou uma estratégia: disse que qualquer um poderia afirmar que estivera preso na garrafa, mas que teria que provar isso. O espírito então entrou novamente na garrafa e o jovem rapidamente o prendeu com a rolha. Aprisionado, o espírito prometeu uma recompensa ao jovem se o libertasse. O rapaz assentiu, ganhou um pedaço de pano que, amarrado ao seu machado, transformou-o em pura prata. A venda do machado permitiu custear os estudos do jovem, que acabou tornando-se um médico famoso.

Jung utiliza esse conto como metáfora para o processo de individuação, de integração das polaridades. Há muitos símbolos presentes: a floresta é o espaço do

mistério, do desconhecido; a árvore representa um conteúdo vivo no inconsciente; a garrafa estava nas raízes, não na copa, ou seja, oculta; havia uma voz sem espaço de expressão; havia algo encarcerado contra a vontade. Mercúrios remete a um conceito da alquimia, com inúmeros desdobramentos simbólicos, além da figura mitológica de Hermes, o Deus mensageiro, que transita entre mundos. Para fazer um recorte de toda a potência analítica desse conto à proposta desta pesquisa, imaginemos que a garrafa seja o corpo. Dentro dele há algo vivo, que anseia por liberdade, movimento, expressão, fantasia, expansão que, por motivos múltiplos e alheios à vontade, são reprimidos e ficam encarcerados, imersos, ocultos na psique.

Nas duas narrativas há a contenção de uma potência, há distanciamento da inteireza, há movimentos e imagens que borbulham desconhecidas no inconsciente. Bachelard (2008) reflete sobre a estética do manifesto e do oculto, através da imagem do molusco que habita o caracol. Diante do recolhimento, o ser comprimido acumula energia e prepara intensas expansões: “O ser que se esconde, o ser que ‘entra em sua concha’ prepara ‘uma saída’. [...] parece que, ao conservar-se no centro da imobilidade de sua concha, o ser prepara explosões temporais do ser, turbilhões do ser.” (BACHELARD, 2008, p. 123). A arte, por alcançar dimensões além da palavra, permite um escoamento desses conteúdos imersos, o que abre uma vereda possível no caminho da inteireza. Fecundar campos formativos com arte é fomentar o lúdico, essencial vivência da espontaneidade e criatividade, atitudes fundamentais especialmente para docentes de educação infantil. Ressalta Ostetto (2017, p. 66):

Escondemos nosso ser brincante, nos esquecemos das brincadeiras, de viajar na imaginação, de inventar histórias. Já não brincamos! Resulta que, se o adulto não recuperar sua dimensão imaginativa e descobridora, dificilmente poderá oferecer instrumentos que nutram e ampliem o jogo metafórico que engendra os universos infantis, cultuando a sensibilidade, cognição e afeto.

Crianças são seres autênticos em contínua curiosidade, experimentação, exploração, descoberta e compartilhamento do mundo através das relações, características de pesquisadores e produtores de conhecimento. Apesar dos recentes estudos da sociologia da infância e de avanços nos direitos da criança, o cotidiano de suas vidas permanece com complexas condições de existência, com sérias restrições à autonomia e acesso ao imaginário infantil. O caminho seria colocar-se no lugar da criança e buscar ouvir e compreender suas formas de ver e significar as experiências. Considerar as crianças como atores sociais requer um reconhecimento de sua capacidade de plural

produção simbólica e construção de crenças e representações culturais. Como produtoras culturais, as crianças interpretam, simbolizam e comunicam suas percepções unindo o lúdico às coisas sérias.

A fala da criança foi uma inversão nos processos de subalternização, e pode ser considerada como um movimento político. [...] a criança, ao falar, produz uma inversão hierárquica discursiva que faz falar aquelas cujas falas não são levadas em conta, não são consideradas. (BORBA; LOPES, 2013, p. 65)

Um convite a desconstruir padrões assimilados e cristalizados por professores e professoras (que ainda persistem em moldar, reproduzir e guiar conteúdos) para abrir novos campos, lógicas e linguagens, através da coragem de habitar novos universos como um aprendiz atento. Quem sabe se processos lúdicos vivenciados por docentes em sua formação, poderiam contribuir para desengarrar o coração, para reconectar com a autenticidade característica da criança?

São fartos os exemplos na literatura do reconhecimento da maestria da criança. Vejamos alguns:

Em minha casa fui reunindo brinquedos pequenos e grandes, sem os quais não podia viver. A criança que não brinca não é criança. Mas o homem que não brinca perdeu para sempre a criança que vivia nele e que lhe fará muita falta. (NERUDA, s.d., p. 283)

O livro *Os três reis*, de Rubem Alves (2004), narra uma história de três soberanos, que viviam distantes um do outro, mas tinham questões similares: uma grande riqueza e um vazio existencial que gerava melancolia. Após consulta aos sábios em suas localidades, cada um investiu em recursos para conquistar a alegria: através da aquisição de conhecimentos, do acesso às formas diversificadas de prazer ou do desenvolvimento da religiosidade. Apesar de todos os esforços empenhados, nada cumpria o propósito de gerar alegria. Num determinado momento, cada um no seu reino, os três viram uma estrela brilhante (que não era vista por mais ninguém), que se transformou num norte e motivou-os a sair em busca do desconhecido. Acabaram se encontrando no meio do caminho e descobriram que o brilho da estrela em verdade refletia o sorriso de uma criança. E notaram que uma coisa estranha acontecia quando olhavam para o bebê: eles perdiam sua compostura real e eram dominados por um desejo imenso de rir. E, quando riam, tornavam-se leves. Assim, decidiram mudar de vida. Um rei disse: “É horrível ter de estudar ciência o tempo todo. Vou me transformar em poeta.” (ALVES, 2004, p. 28). O

segundo afirmou: “É horrível rezar o tempo todo. Vou ser palhaço. O riso é o início da oração.” (ALVES, 2004, p. 29). E o terceiro completou: “E eu descobri o prazer supremo que vem sempre acompanhado de alegria: brincar. Vou ser um fabricante de brinquedos. Quem brinca volta a ser criança. E quem volta a ser criança está de volta ao paraíso.” (ALVES, 2004, p. 31).

O filósofo Gaston Bachelard (1988, p. 130) afirma: “A infância não é uma coisa que morre em nós e seca uma vez cumprido o seu ciclo. Não é uma lembrança. É o mais vivo dos tesouros, e continua a nos enriquecer sem que o saibamos.” Há também um conto de Ruth Rocha, chamado “Quando a escola é de vidro”, que conta uma história da escola onde os alunos tinham que se encaixar em vidros (cada série tinha um tamanho de vidro diferente). Havia alunos que não cabiam nos vidros, mas eram atarrachados com força. Só era possível respirar na hora do recreio ou na aula de educação física. Alguns começaram a usar os vidros fora da escola e já não sabiam inventar brincadeiras nem rir. Até que entra na turma um menino que se recusou a entrar no vidro, respondia as questões rapidamente e era engraçado. A presença dele inspirou outros da turma a não entrar mais nos vidros. Diante do alvoroço criado, os vidros foram quebrados e o dono da escola resolveu adotar outra estratégia pedagógica e passou a chamá-la de Escola Experimental.

Faz-se essencial, nesse sentido, a criação de um espaço-tempo que favoreça a liberdade para divagar, escutar, dialogar, discernir, expressar, explorar, convidar o corpo, despertar o coração e criar. É preciso um distanciamento da ação para permitir refletir sobre ela, um não-lugar, um intervalo, um respiro, como escreve Bartolomeu: “[...] respirar é trazer o mundo para dentro, deixa-lo visitar o coração e devolvê-lo filtrado. Mas eu não o devolvia apenas filtrado. Devolvia escrito.” (QUEIRÓS, 2007, p. 26). E nesse espaço, cabem não apenas as palavras, mas igualmente outras linguagens, acessíveis através das modalidades e materialidades da arte, que poderiam favorecer um acesso direto ao inconsciente, sem intermediação. São cada vez mais raros os espaços de silêncio, de vazio, de introspecção. E como são essenciais nos processos criativos, como escrito por Bartolomeu:

Antes de iniciar meu trabalho, eu respiro o silêncio. No silêncio, leio, em mim, mais e melhor o que ainda está por dizer.[...]
Ainda menino, eu soube que o silêncio é porto, onde ancoram o vivido e o sonhado. E do porto do silêncio eu parti para todas as minhas viagens, tanto para o além do firmamento como para o interior de mim. A palavra só se desperta diante do ruído do silêncio.” (QUEIRÓS, 2007, p. 12-19)

Dar espaço para a escuta de si, para acesso ao manancial inesgotável do inconsciente é apurar o ouvido para o fluxo de muitas vozes, talvez um percurso interior de acesso à formação estética docente.

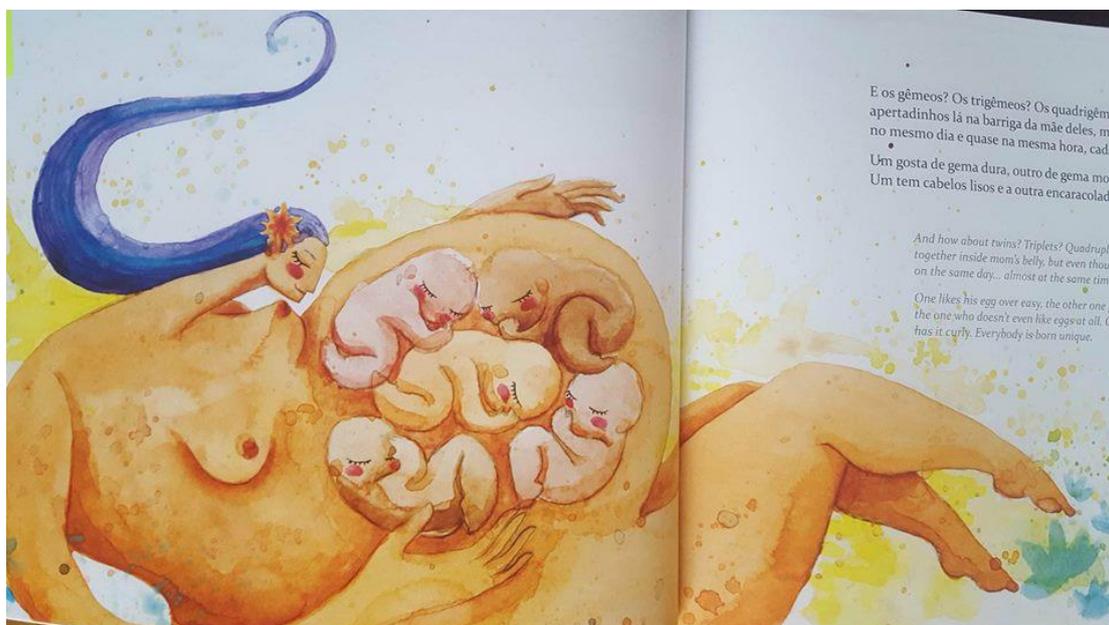


Imagem 24: Prenúncio de partos

VOZES QUE EMBALAM IMAGENS DO INCONSCIENTE

[...] os pequenos detalhes não foram feitos para serem notados.

Eles foram feitos para serem descobertos.

E quando paramos para procurá-los, os pequenos detalhes aparecem.

Aqui ou acolá.

Minúsculos.

Mas de repente tão presentes, que se tornam imensos.

Os pequenos detalhes são tesouros.

Verdadeiros tesouros.

Aliás, não existe tesouro maior que os pequenos detalhes.

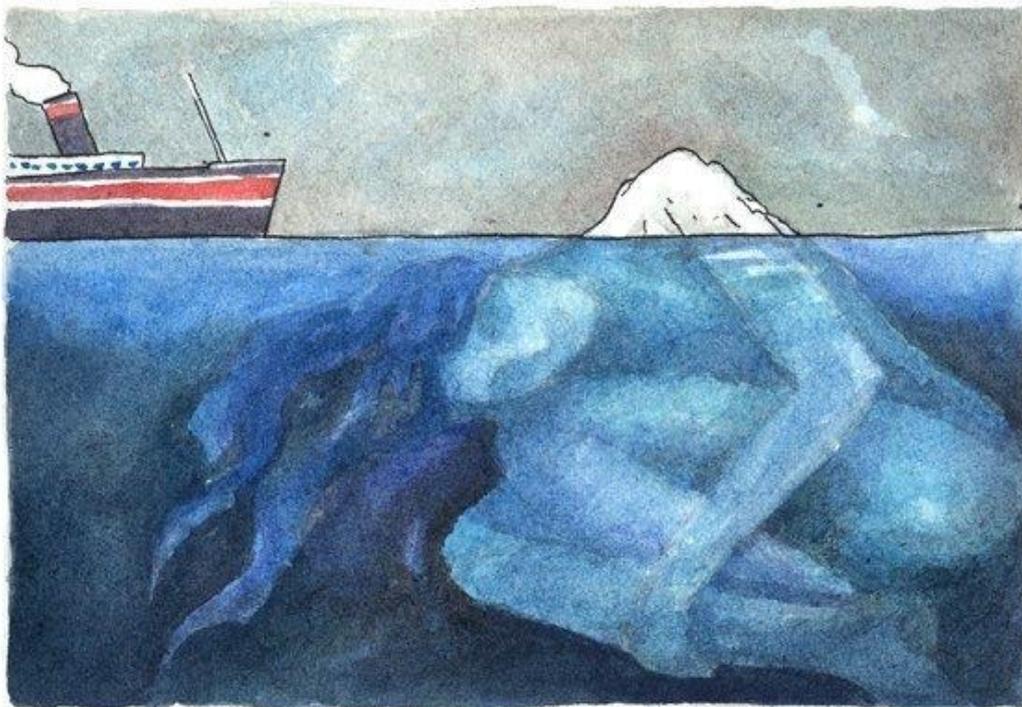
Um único desses detalhes é suficiente para enriquecer o instante que passa.

Um único desses detalhes é suficiente para mudar o mundo.

Germano Zullo

Minha vida é um inconsciente que se realizou.

Carl Gustav Jung



18.4.13

Imagem 25: Mar do Inconsciente

Como suporte necessário para lidar com o universo das imagens e símbolos, mergulhei em pressupostos da psicologia analítica de Carl Gustav Jung e da psicologia arquetípica de James Hillman.

Jung mostrou como cada um pode assumir a vida como uma aventura de autodescoberta: “Ars totum requirit hominen! (A arte requer o homem inteiro!) exclama um velho alquimista. Justamente é este ‘homo totus’ que se procura.” (citado por JUNG, 1994, p. 20). Uma busca não pela perfeição, mas pela totalidade, pela inteireza. Em evento proporcionado pelo TEAR, ponto de cultura e educação, em 2017, localizado na Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, tive oportunidade de ouvir a pesquisadora Gabriela Romeu, que há anos viaja o Brasil para investigar a infância. Ela nos contou sobre o processo de preparar a mala para suas viagens: inicialmente priorizava seu material de registro: a câmera, lentes, tripé, etc. Depois, buscou incluir alguns brinquedos artesanais para facilitar a interação com as crianças. Atualmente constatou que o mais importante a levar é ela inteira. Nesses tempos fragmentados, não tenho dúvidas que a inteireza é a qualidade mais relevante e desafiante a ser conquistada.

Jung identificou na alquimia, um percurso análogo às etapas do desenvolvimento humano para alcançar a inteireza. Em suas pesquisas e descobertas, há conceitos que ajudam a ampliar o universo vivenciado na educação e na formação de professores, tais como: individuação, símbolos, função transcendente, sombra, arquétipos, inconsciente coletivo e amplificação, que serão apresentados a seguir.

Processo alquímico

Jung observou que o processo de individuação (de tornar-se, a cada dia, a melhor versão de si mesmo) tinha etapas semelhantes às da transformação do metal em ouro, realizadas pelos alquimistas. O processo consiste, na maioria das vezes, em unir uma oposição, isto é, um embaixo (água, negrume, animal, serpente, etc.) com um em cima (pássaro, luz, cabeça, etc.), e uma esquerda (elemento feminino) com uma direita (elemento masculino). A reunião dos opostos, afinal, desempenha uma alquimia no

processo psíquico desencadeado pela confrontação com o inconsciente, que requer esforço e enfrentamento: “O caminho não é isento de perigo. Tudo o que é bom é difícil, e o desenvolvimento da personalidade é uma das tarefas mais árduas.” (JUNG, 2002, p. 27).

O processo alquímico possui três fases distintas: nigredo, albedo e rubedo, representado, respectivamente, pelas cores preta, branca e vermelha. O nigredo corresponde à massa confusa, ao emaranhamento. O albedo seria a luz, iluminação, *insight*, e o rubedo representaria a *Opus alquímica*, ou seja, o resultado do processo de transformação, a obra.

Quando o consciente encalha por não mais encontrar saídas viáveis, a alma inconsciente vai reagir à estagnação insuportável, como uma reação ou compensação. Estagnações, acompanhadas de desorientação, ocorrem quando a vida se tornou unilateral. Em muitos casos, as oportunidades de desenvolvimento da personalidade ficaram soterradas e inconscientes em algum ponto do passado. O sonho, os sintomas, os fracassos, porém, podem levantar pistas e apontar caminhos rumo à integração da polaridade:

[...] a oportunidade de poder penetrar na esfera irracional da vida e da experiência, vai ter uma importância incalculável. Com isso, também mudará o seu dia a dia normal, que até pode adquirir um novo interesse. Afinal, a maioria das coisas depende muito mais da maneira como as encaramos, e não de como são em si. Vale muito mais a pena viver as pequeninas coisas com sentido, do que as maiores, sem sentido algum. (JUNG, 2007, p. 43)

A alquimia aspira à beleza no refinamento da matéria e na realização da individuação que se revela como uma expressão criativa da personalidade, numa atitude de reverência aos fatores desconhecidos que colaboram com o processo. É necessária uma observação atenta e cuidadosa das mensagens do inconsciente, como uma experiência numinosa: “Nada descreve melhor a situação anímica do que a divisão de seu local de trabalho: de um lado o ‘laboratório’, onde manipula retortas e cadinhos, e de outro, o oratório, onde implora a Deus a necessária iluminação” (JUNG, 1987, p. 399). Há uma dinâmica viva no material do inconsciente, cuja observação levou Jung a conquistar uma visão mais filosófica e criativa do ser humano, em busca de contínua transformação, rompendo com as teorias biológicas da psique e do referencial médico de patologia e cura, dominantes em seu tempo. O processo requer uma atitude de reverência aos fatores desconhecidos, o que Jung nomeia como observação atenta e cuidadosa do inconsciente.

Ao expressar o mundo simbólico das forças arquetípicas, a alquimia valorizou a linguagem poética das imagens. Neste sentido, o trabalho com o corpo, com a matéria, é essencial para facilitar as transformações na personalidade. As cristalizações, sintomas, bloqueios são mensagens, clamores por movimento, soltura, expressão. O corpo é o *têmenos* (vaso sagrado) que acolhe o processo alquímico de transmutação. Os alquimistas trabalhavam para resgatar o espírito aprisionado na matéria, depurando-a até revelar sua essência.

Função transcendente

Para Jung (1984), “função transcendente” é o que torna possível a passagem de conteúdos inconscientes para o consciente, através dos símbolos, entendidos como processo e ponte. Diz o autor: “É chamada transcendente, porque torna possível organicamente a passagem de uma atitude psicológica para outra, sem perda do material inconsciente” (JUNG, 1984, p. 6). O que propicia essa união de maneira equilibrada é o símbolo, elemento comum aos sistemas consciente e inconsciente. Sua intencionalidade diz respeito à possibilidade de ir além (transcender) de um conflito sem cair na imparcialidade.

Na mitologia, Hermes é o deus que representa o mensageiro entre os mundos, aquele que provoca a dança dos símbolos e viabiliza as conexões, os fluxos, as fendas e as veredas. O símbolo tem a mesma função de Hermes.

Segundo Damiano Jr. e Mello (2014), a função transcendente é uma síntese de qualquer trabalho que se proponha a fazer uso das imagens. O símbolo entendido como processo e ponte, não apenas como expressão de conteúdos inconscientes. Uma perspectiva que traz o ser humano como um ser formado pelos símbolos, que possuem plurais perspectivas hermenêuticas. Jung interessou-se pelas religiões e filosofias, o que representou uma ruptura com a tradição científica dominante que focalizava *o logos* como razão e verdade:

A consciência é um processo momentâneo de adaptação, ao passo que o inconsciente contém não só todo o material esquecido do passado individual, mas todos os traços funcionais herdados que constituem a estrutura do espírito humano. O inconsciente contém todas as combinações da fantasia que ainda não ultrapassaram a intensidade

limiar e, com o correr do tempo, e em circunstâncias favoráveis, entrarão no campo luminoso da consciência. (JUNG, 1984, p. 1)

Ao priorizar os mitos e imagens, Jung reafirmou a psicologia como ciência do sentido, guiada pelo desconhecido que afeta, como uma experiência originária. Para Jung, os símbolos são originados do material bruto do inconsciente, lapidados e expressos pela consciência. Desta forma, o símbolo necessita do homem para vir a ser e o ultrapassa, podendo revelar fatores preexistentes no inconsciente coletivo. A função transcendente unifica os pares de opostos e um novo homem surge deste encontro. Quando a consciência se fecha para o inconsciente, cristalizando-se, surgem os sintomas e transtornos psíquicos. A racionalidade sozinha não sustenta a vida e tira-lhe o significado. “Muitas vezes as mãos sabem resolver enigmas que o intelecto em vão lutou por compreender.” (JUNG, 1978, p. 21). Esse estado de fluidez através das atividades manuais para capturar as imagens provindas do inconsciente era buscado continuamente por Jung tanto nos processos junto a seus pacientes quanto nele mesmo:

Por isso estímulo meus pacientes, nessas horas, a pintar de verdade o que viram no sonho ou na fantasia. Em geral objetam que não são pintores: costumo responder que os pintores, hoje em dia, também não o são, que atualmente a arte é totalmente livre, e que o que importa não é a perfeição do quadro, mas unicamente o esforço que se faz para pintá-lo. [...] É que a arte de pintar exterior é bem diferente do que pintar de dentro para fora. (JUNG, 2007, p. 45)

Esse esforço de traduzir o indizível, desajeitadamente, como uma criança é o recurso utilizado por Jung para que se produza algo, para sair de um estado passivo:

Nesta fase, passa a ser ativo. Passa a representar coisas que antes só via passivamente e dessa maneira elas se transformam em um ato seu. Não se limita a falar no assunto. Também o executa. [...] O valor desta descoberta é inestimável, pois é o primeiro passo para a independência. Usando esse método – se me for permitido usar este termo – o paciente pode tornar-se independente em sua criatividade. [...] O que pinta são fantasias ativas – aquilo que está mobilizado dentro de si. (JUNG, 2007, p. 46-47)

Sempre que me sentia bloqueado, eu pintava ou esculpia em pedra: tratava-se sempre de um *rite d'entrée* que trazia pensamentos e trabalhos. (JUNG, 1961, p. 155)

Na medida em que conseguia traduzir as emoções em imagens, isto é, ao encontrar as imagens que se ocultavam nas emoções, eu readquiria a paz interior. (JUNG, 1961, p. 158)

Jung reconhecia que tal exploração, além de potencialmente fecunda, era arriscada e escreveu uma regra fundamental à psicologia analítica, que pode muito bem ser aplicada

a qualquer outra área de atuação “era minha convicção de que não poderia esperar de meus doentes que tentassem aquilo que eu mesmo não ousara fazer.” (1961, p. 158) Partir para o campo da ação que revela imagens interiores e dissolve máscaras e requer muita coragem. Jung escreve (1961, p. 164): “Redigindo as anotações a respeito de minhas fantasias, certo dia perguntei a mim mesmo: ‘Mas afinal o que estou fazendo? Certamente tudo isso nada tem a ver com ciência. Então do que se trata?’ Uma voz disse em mim: ‘O que fazes é arte.’”. Diante de tais experiências expressivas, os símbolos emergem em abundância. Mas o que são os símbolos?

Símbolos

Uma palavra ou uma imagem é simbólica quando há implicação de algo além de seu significado manifesto ou imediato (JUNG, 2008). Algo vago, desconhecido ou oculto, que pode parecer familiar na vida cotidiana, mas que pressupõe conotações especiais. Quando a mente explora o símbolo, ela é conduzida a ideias que estão fora do alcance da razão. As mensagens do inconsciente são, muitas vezes, tão ambíguas e enigmáticas como as declarações dos oráculos. Diz o autor: “Os sentidos do homem limitam a percepção que este tem do mundo à sua volta. [...] não importa que instrumentos ele empregue; em um determinado momento há de chegar a um limite de evidências e de convicções que o conhecimento consciente não pode transpor.” (JUNG, 2008, p. 21). Há um processo contínuo de absorção subliminar, sem conhecimento consciente, bem como de expulsão, como a intuição e os sonhos. As emoções e intenções represadas são armazenadas internamente, como ressalta com lucidez o poeta amazonense; “O que não fiz ficou vivo pelo avesso.” (MELLO, 2016, p. 15). Jung define como **complexos**, esses temas emocionais reprimidos. E desenvolveu um método para investigação do inconsciente que chamou de *circunvolução*, cujo centro é a imagem do sonho. Para ele, “a consciência resiste, naturalmente, a tudo que é inconsciente e desconhecido” (JUNG, 2008, p. 31), por isso, no processo, são captados rastros desse material subliminar. Há muito conteúdo que se torna inconsciente porque simplesmente não há lugar para ele no consciente. Esquecer é normal e necessário, porém o conteúdo fica circulando internamente e busca brechas para a expressão. Jung também ressalta que o inconsciente não é apenas um simples depósito do passado, mas está cheio de germes de ideias e situações psíquicas futuras, que nascem das escuras profundezas da psique.

Inconsciente coletivo

Jung, em suas práticas e estudos, observou similaridades em histórias pertencentes às diferentes culturas, também contidas nos mitos, contos de fada, além de relatos de sonhos de pacientes e imagens geradas por pessoas com sintomas psiquiátricos. Elaborou, a partir do aprofundamento desta questão, o conceito de inconsciente coletivo, uma camada mais profunda do inconsciente, constituída de padrões não individuais, mas universais: os instintos e os arquétipos. Há o inconsciente pessoal e o coletivo. Jung elucidada (1984, p. 231):

O inconsciente coletivo representa uma camada mais profunda do que o inconsciente pessoal, que está próximo da consciência. Os ‘grandes’ sonhos, isto é, os sonhos ‘importantes’, provém desta camada mais profunda. Além da impressão subjetiva que eles causam em nós, sua importância se revela já na própria conformação plástica, muitas vezes rica de força poética e de beleza.

Arquétipos

Jung (1984, p. 231) chama de arquétipo: “termo que designa formas específicas e grupos de imagens que se encontram, sob formas coincidentes, não só em todas as épocas e em todas as latitudes, mas também nos sonhos individuais, nas fantasias, nas visões e nas ideias delirantes.” Os arquétipos transcendem as experiências pessoais. Trata-se de uma das manifestações da energia psíquica que se torna visível por meio de uma imagem ou se evidencia nos comportamentos externos, principalmente os que expressam as experiências básicas e universais da humanidade (nascimento e morte, casamento e separação, maternidade, paternidade, criatividade).

Por ter carga energética, a imagem proveniente do arquétipo impressiona e fascina, podendo possuir o ego. Isso se torna evidente, por exemplo, durante uma crise psicológica ou num momento de êxtase ou inspiração. Este conceito foi criado a partir da observação de temas típicos bem definidos, presentes nos mitos e na literatura universal, que se repetem em sonhos, imagens, fantasias, delírios e alucinações de todos os indivíduos (GRINBERG, 2003).

Complexo

Complexo é um conjunto carregado de energia, uma imagem de determinada situação psíquica de forte carga emocional e afetiva e, além disso, incompatível com a atitude habitual da consciência. Goza de um nível elevado de autonomia, como um corpo estranho que parece ter vida própria. Ao reprimir o complexo, na próxima oportunidade, ele retorna com maior intensidade. “[...] os complexos se comportam como os diabretes cartesianos e parecem comprazer-se com as travessuras dos duendes.” (JUNG, 1984, p. 32)

A via régia que nos leva ao inconsciente, entretanto, não são os sonhos, como ele pensava, mas os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas. Mesmo assim, essa via quase nada tem de régia, visto que o caminho indicado pelos complexos assemelha-se mais a um atalho áspero e sinuoso que frequentemente se perde num bosque cerrado e, muitas vezes, em lugar de os conduzir ao âmago do inconsciente, passa ao largo dele. (JUNG, 1984, p. 36)

Os complexos fazem parte da constituição psíquica e são objetos da experiência interior (JUNG, 1984). A forma pela qual lidamos com eles favorece nosso bem-estar ou infelicidade. Os complexos não possuem apenas uma conotação negativa. Eles carregam manifestações vitais da psique inconsciente. Assim sendo, não devemos temê-los, mas encontrar um continente para sua expressão. “A liberdade do eu cessa onde começa a esfera dos complexos, pois estes são potências psíquicas cuja natureza mais profunda ainda não foi alcançada.” (JUNG, 1984, p. 38).

Sombra

Corresponde aos aspectos não reconhecidos, não expressos, por não serem aceitos socialmente ou por causarem culpa, que se acumulam em camadas profundas e inconscientes da psique. A sombra é o somatório da realidade rejeitada que o homem não quer ver em si mesmo ou nos outros, que então se acumulam no inconsciente (DETHLEFSEN; DAHLKE (2007)).

Individuação

É o processo de tornar-se, a cada dia, a melhor versão de si mesmo (*Self*). Ocorre eminentemente na maturidade, quando a curva da vida inicia seu declínio e a finitude é considerada. Um sentido de urgência traz coragem de romper com as expectativas e demandas sociais. “A individuação, de acordo com Jung, é um processo de diferenciação, de diferir, reconhecer os muitos complexos, vozes e pessoas que somos.” (HILLMAN, 2010, p. 105). Nesse processo, a personalidade desenvolve-se e unifica-se, e o indivíduo torna-se consciente de sua identidade profunda como ser único (*in-divíduo*) e autêntico no mundo.

JUNG, HILLMAN E A EDUCAÇÃO

O escritor moçambicano Mia Couto é constantemente questionado sobre como consegue conciliar as atividades de escritor e biólogo. E ele fica curioso em relação ao que leva as pessoas a pensar que existe um problema de compatibilidade entre dois fazeres:

A verdade é que para mim não existe conflito. Pelo contrário, hoje não sei como poderia ser escritor caso eu não fosse biólogo. E vice-versa. Nenhuma das atividades me basta. O que me alimenta é o diálogo, a interseção entre os dois saberes. O que me dá prazer é percorrer como um equilibrista essa linha de fronteira entre pensamento e sensibilidade, inteligência e intuição, entre poesia e saber científico. (COUTO, 2011, p. 56)

Como biólogo, espregueia territórios africanos e colhe lendas, mitos e crenças dos povos primitivos, acessando dimensões mitológicas, espirituais, que inspiram narrativas do escritor. Numa entrevista, ao ser perguntado se realmente acreditava no que escrevia, ele respondeu que substituiria o verbo acreditar por “permitir ser atravessado por outras lógicas”. Uma atitude de alargamento investigativo em campos desconhecidos, territórios do inconsciente suspeito. Postura de pesquisador, constato.

Esse diálogo entre consciente e inconsciente é o campo fértil da analítica junguiana, em busca da “individuação” e poderia contribuir para os recursos utilizados na educação, indo além das amarras da racionalidade, explorando e agregando outras forças que influenciam a ação humana. Jung observou nos mitos as forças maiores, a expressão

dos arquétipos do mundo sensível, que ultrapassam o inconsciente pessoal e alcançam o coletivo. Um percurso de inteireza diante da integração de polaridades: a razão e a imaginação, o lógico e o simbólico. Uma educação através da sensibilidade mítica, do coração imaginativo, de linguagens da arte que legitimam as experiências humanas. O que exige uma postura diferenciada do educador, como observado por Luciana Ostetto:

A exemplo da educação do terapeuta, Jung acentua a importância do autoconhecimento do professor. Não se refere, portanto, à aquisição de conhecimentos teóricos e técnicos, mas de um conhecimento que emerge da busca em conhecer-se. No campo em que estamos transitando, será decisivo o conteúdo anímico. Uma alma alimentada, aberta, florescida, ligada aos apelos da criança interna, tanto mais ajudará o professor na sua jornada e, por conseguinte, as crianças. (OSTETTO, 2006, p. 194)

No caminho de cultivo da alma na educação, é necessário integrar o mistério e a emoção, dimensões reprimidas que geram uma guerra surda entre os que ensinam e os que aprendem (ATIHÉ, 2008). As formas tradicionais e coletivas de transmissão de cultura são substituídas por versões empobrecidas e estereotipadas, em narrativas massificadoras: “Na contramão da arte, como era de se esperar, a educação manteve-se ao lado da religião e da política.” (ATIHÉ, 2008, p. 59). A arte apresenta-se como um veículo de educação para a consciência simbólica, como um fio de Ariadne, que, em meio aos perigos do labirinto do inconsciente, guia o explorador ao retorno à consciência:

Freud identificava, na arte, um caminho seguro para transitar entre fantasia e realidade, além de considerar os artistas, poetas e romancistas como seus guias. Sonhos e delírios deixaram de ser identificados unicamente como eventos erráticos e patológicos, para apontar uma direção rumo ao conhecimento da psique humana. A alma desvelava-se por meio de suas dores e das imagens que estas a levavam a secretar, tanto em suas manifestações defensivas, quanto nas criativas. (ATIHÉ, 2008, p. 60)

Os saberes seriam gerados, nessa perspectiva integradora, a partir da tensão entre a objetificação da ciência e a subjetificação através do poema, mito, religião. Um processo de reencantamento dos discursos, da imaginação.

Jung desenvolveu a teoria dos *Tipos Psicológicos*, como norteadora das quatro maneiras para reconhecer o mundo e orientar-se: pensamento e sentimento (as racionais); sensação e intuição (as irracionais), combinadas com as atitudes de introversão e extroversão. A diferença entre as funções irracionais e racionais é a ausência ou presença,

respectivamente, da mediação de um julgamento ou avaliação. A função sensação é a dos sentidos. Na função intuição, a percepção se dá através do inconsciente, através de “pressentimentos”, “palpites” ou “inspirações”. Hillman direcionou sua atenção à repressão da função sentimento, do lado afetivo da psique: “A perda é a principal característica do sentimento hoje; estamos perdidos, sem saber como sentir, onde sentir, por que sentir e até mesmo se sentimos.” (HILLMAN, 2002, p. 116). Para restaurar essa dimensão, o psicólogo propõe o vínculo, as relações sinceras como caminhos. E ressalta seu aspecto coletivo: “os sentimentos não são apenas pessoais; refletem fenômenos de cunho histórico e universal; são comuns e coletivos.” (HILLMAN, 2002, p. 118). Através da função sentimento avaliamos o mundo, através de relações estabelecidas entre uma situação, pessoa, objeto ou momento que nos afetaram: “A função sentimento desenvolvida é a razão do coração, que a razão da mente não compreende muito bem.” (HILLMAN, 2002, p. 132). Ao sentir, a qualidade e o valor das coisas são explorados e amplificados.

O ESPÍRITO, A ALMA E O CORPO

Em busca da inteireza, encontrei em Hillman (1998) reflexões pertinentes. Para o autor, há um tripartido cosmo composto por espírito, alma e corpo. Hillman utiliza as metáforas de picos e vales para refletir sobre as diferenças entre espírito e alma. Os picos estão relacionados às alturas, cumes, elevação, locais alcançados, por exemplo, por práticas de respiração e meditação. Os picos seriam espaços para desenvolvimento do espírito. Os vales evocam ideias de descida, longa depressão, abismo, vazio, sombras, oco, lágrimas. Os vales, como dimensões da profundidade, são caminhos para encontrar a alma. Diz o psicólogo: “Através da depressão adentramos a profundidade, e nas profundidades encontramos alma.” (HILLMAN, 2010, p. 208).

E os picos e vales estabelecem uma ligação: quanto maior a profundidade interna alcançada, mais alturas e distâncias serão conquistadas. Essa diferença também é marcada em Bachelard (2008), que utiliza a casa como metáfora para o ser interior, onde o porão e o sótão simbolizam diversos estados da alma. O porão corresponde ao inconsciente, o sótão, à elevação espiritual. Num encontro do Círculo de Estudos e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR), com Ana Angélica Albano,

realizado na UFF – Campus Gragoatá em Niterói, dia 31 de maio de 2017, a palestrante ressaltou que só aquele que foi muito fundo dentro, pode ir muito longe fora. Essa fala me fez lembrar da história contida no livro *A força da palmeira*, de Annabela Lopez (2014), em que um homem mau resolve colocar uma pedra em cima de uma jovem palmeira que crescia no deserto. Diante da incapacidade de crescer para cima, foi ampliando suas raízes para baixo e para os lados, atingindo até os mananciais de água mais profundos e frescos. Isto fortaleceu a árvore de tal modo que ela se tornou uma palmeira rainha. Ao encontrar com o homem que outrora feriu-a disse: “Ben Sadok devo agradecer-lhe: sua carga me fez mais forte.” Em todo processo de individuação, são justamente a dificuldade, a privação, o sofrimento, exemplos de detonadores das forças e aprendizados para constituição do ser.

Dessa forma, para cultivar a alma, é preciso um processo análogo à arqueologia: um espaço e tempo de escuta onde luzes e sombras sejam acolhidas e trabalhadas: “A autotransformação no vale exige o reconhecimento da história, uma arqueologia da alma, uma escavação das ruínas, uma remodelagem.” (HILLMAN, 1998, p. 216). As artes em geral (música, dança, teatro, literatura, artes plásticas e outras expressões) são vias de acesso ao mergulho interior. É interessante a similitude nos universos e plurais linguagens acessadas por crianças, loucos, poetas e sonhadores.

Hillman desenvolveu a psicologia arquetípica, pois seu olhar canalizou-se para as estruturas mais arcaicas da psique: os arquétipos. As imagens arquetípicas aparecem nas produções das crianças. O arquétipo do *Puer* relaciona-se com a infância, o lúdico, a espontaneidade, a brincadeira. E cada pessoa possui uma estética pessoal. O aprofundamento em si é uma trilha para o cultivo da alma. “O casamento *puer-psique* resulta, antes de mais nada, de interiorização crescente.” (HILLMAN, 1998, p. 226). O arquétipo do *Puer*, pela relevância nesta pesquisa, será apresentado em detalhes mais adiante.

Hillman (1998) ressalta ainda que uma das qualidades essenciais para a elaboração da alma é o reconhecimento da pluralidade interna, da fragmentação, da necessidade de dar espaço a outras vozes e ao politeísmo. Ele defende que os seres humanos estão sempre enredados com diversos deuses. E são os mitos que revelam incessantemente a interação entre o humano e o divino: “Ao invés de um campo de forças, somos cada um de nós um campo de relacionamentos de pessoas interiores, uma comunidade interior, um corpo

político.” (HILLMAN, 2010, p. 79). Na literatura, são fartas as narrativas da pluralidade que nos habita. Vejamos alguns exemplos:

Eu somos tristes. Não me engano, digo bem. Ou talvez: nós sou triste? Porque dentro de mim, não sou sozinho. Sou muitos. E esses todos disputam minha única vida. Vamos tendo nossas mortes. Mas parto foi só um. Aí, o problema. Por isso, quando conto a minha história me misturo, mulato não das raças, mas de existências. (COUTO, 2013, p. 75)

Estou muitas. Por alguns instantes, me atiro para fora do círculo onde me fecho. Me fecharam. Os espelhos abrem fendas por onde escapo. Os espelhos das portas dos armários do meu quarto. Eu em muitas direções. Súbita e múltipla, em cada posição. Vou e volto, olhos nos espelhos. Eu em tantos rumos nunca trilhados, que por rápidos instantes os reflexos me concedem. (CUNHA, 2001, p. 47)

Meu poema
é um tumulto:
a fala
que nele fala
outras vozes
arrasta em alarido.

(estamos todos nós
cheios de vozes
que o mais das vezes
mal cabem em nossa voz
[...]
tudo isso em ti
se deposita
e cala.
Até que de repente
um susto
ou uma ventania
(que o poema dispara)
chama
esses fosseis à fala.

Meu poema
é um tumulto, um alarido:
basta apurar o ouvido.
(GULLAR, 2015, 499-500)

O peito, o corpo, é sempre uno, mas as almas que nele residem não são nem duas, nem cinco, mas incontáveis, o homem é um bulbo formado por cem folhas, um tecido urdido com muitos fios.
(HESSE, 1955, p. 65)

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas

trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós
(LEMINSKI, 2013, p. 32)

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo.
(ANDRADE, 1955, p. 221)

Considerando e integrando toda essa diversidade que nos habita, a pluralidade de linguagens, a necessidade do silêncio, do resgate da criança interior, do espaço e do tempo para experimentações estéticas como uma cartografia para tocar o coração, para o desenvolvimento da pesquisa foi pensada uma proposta de percurso que chamei “Estúdio do sensível”. No espaço-tempo proposto, configurado em encontros com professoras de educação infantil, a utilização de instrumentos que dialogam com a arte e as atividades expressivas e simbólicas abriria canais e possibilidades, tanto para a produção dos dados da pesquisa, quanto para experiências docentes. No capítulo a seguir trarei detalhes dessa proposição.

– III –
ESTÚDIO DO SENSÍVEL: ESPAÇO DE DEVANEIO SIMBÓLICO

*O espaço convida à ação, e antes da ação a
imaginação trabalha.*

Gaston Bachelard

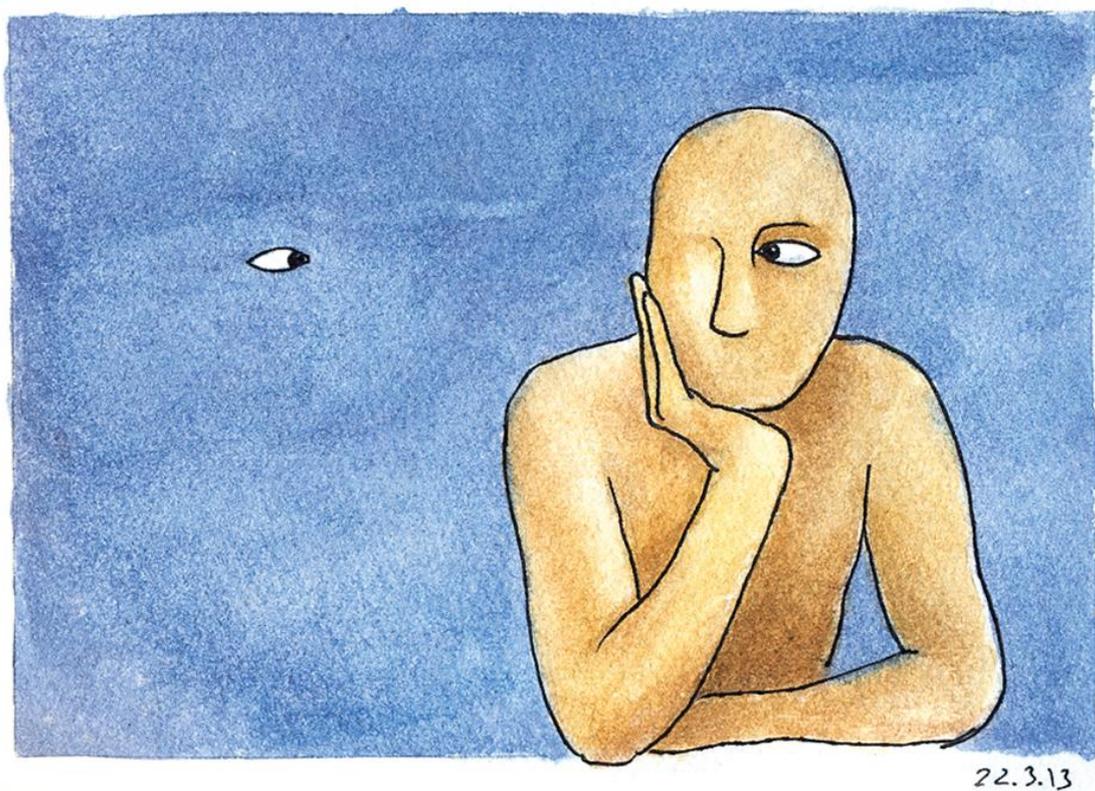


Imagem 26: Projétil

O objetivo desta pesquisa é analisar as contribuições do oferecimento de espaços poéticos, simbólicos e expressivos na formação de professores da Educação Infantil, discutindo potencialidades de narrativas de si engendradas no processo criativo. Seus objetivos específicos são: analisar implicações e desdobramentos das vivências expressivas nos professores, quanto à postura de escuta, de atenção, de expansão das leituras de si, do outro e do mundo; observar a potencialidade dos recursos expressivos na direção de evocar memórias pessoais e ampliar a narrativa de si; sondar caminhos de como semear delicadeza e beleza na educação.

Para a produção dos dados, foi projetado o trabalho de campo chamado “Estúdio do Sensível”, que consiste na criação de um espaço-tempo para a vivência de entrega ao silêncio, ao respiro, às artes, às materialidades expressivas, ao corpo dançante, considerando a relevância e a escassez de tais recursos e linguagens na formação docente oferecida atualmente. No âmbito da pesquisa, a proposta contemplou dez encontros com duas horas de duração cada, com oferecimento dos recursos da dança circular, biblioterapia, arteterapia e escrita criativa, que serão apresentados em detalhes a seguir neste capítulo.

Direcionado para docentes de Educação Infantil, o convite à participação foi feito através das redes sociais, e-mail e cartazes fixados no Campus Gragoatá da UFF (no prédio da Faculdade de Educação e na Creche UFF). As interessadas enviaram e-mail à pesquisadora e firmaram as inscrições. O grupo iniciou com a participação de 11 professoras de instituições de educação infantil públicas, sendo: 5 docentes de instituições federais e 5 de instituições municipais – Niterói (02), Nova Iguaçu (01), São Gonçalo (01) e Rio de Janeiro (01) e uma professora sem vínculo empregatício. Já no primeiro encontro, conversamos e negociamos sobre as condições de participação e da necessidade de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide Anexo 1). Ao longo dos encontros, algumas professoras precisaram se desvincular da proposta, por dificuldades diversas, como por exemplo: de deslocamento e de liberação por demandas profissionais e pessoais. Sendo assim, a pesquisa continuou com 08 participantes.

Os encontros foram desenhados para serem momentos de refúgio numa atmosfera cuidada para entrega às linguagens sensíveis. O acolhimento iniciava com danças circulares. Em seguida havia o oferecimento de uma nutrição literária e um momento de produção expressiva (com a utilização de materiais diversificados), preferencialmente em

silêncio. Havia a possibilidade de inverter a ordem, ou seja, primeiro convidar à uma atividade expressiva e, durante ou após, oferecer um estímulo literário. Após a conclusão dos trabalhos feitos à mão, expostos no centro da roda, era dedicado um tempo para as ressonâncias da palavra escrita num “caderno de bordo”, que ficava sob a guarda das participantes e eram trazidos para cada novo encontro. Feitos os registros escritos, passava-se à partilha oral e ao fechamento através das danças circulares.

Todos os dez encontros foram conduzidos por mim, o que envolvia dedicação no preparo dos materiais e recursos oferecidos. Sua estrutura, linguagens e materiais utilizados serão apresentados com detalhes no capítulo IV.

Para o registro e a produção de dados, adotei um “caderno de ressonâncias”, para ancorar narrativas que pudessem não apenas descrever o vivenciado em campo, mas também para capturar imagens, contornos, desdobramentos, mensagens nas entrelinhas, sussurros da dimensão da não-palavra e questões relevantes para o objetivo da pesquisa. Também fiz registros fotográficos dos encontros e, ao final do processo, solicitei que as participantes selecionassem e fotografassem algumas páginas de seus cadernos de narrativas para que eu pudesse ter acesso e, conforme relevância, também trouxesse à análise.

Sigamos, em uma descrição mais detalhada dos veículos utilizados para acesso às expressões simbólicas do inconsciente: a arteterapia, a biblioterapia, a dança circular e a escrita criativa.

ARTETERAPIA: ARTESANIA DE SI

A arte tem valia porque nos tira de aqui.
Fernando Pessoa

A arte não ama os covardes.
Vinicius de Moraes



Imagem 27: Descobertas

A arteterapia é a “terapia através da arte”, em um percurso para materializar símbolos através de modalidades expressivas variadas (PHILIPPINI, 2013). A arte entendida como processo expressivo, sem preocupação com valor estético, mas como instrumento para acesso à profundidade do psiquismo.

Durante o desenvolvimento do fazer artístico, o indivíduo vivencia uma experiência de transformação, tanto no que se refere aos materiais, quanto a si mesmo, no cotidiano e nas relações interpessoais. A criação de objetos e obras potencializa uma nova realidade, exercitando, no próprio viver, uma experiência de criar e recriar.

Em cada ato nosso, no exercê-lo, no compreendê-lo e no compreender-nos dentro dele, transparece a projeção de nossa ordem interior. Constitui uma maneira específica de focalizar e de interpretar os fenômenos, sempre em busca de significados. (OSTROWER, 1989, p. 9).

Ao longo da experiência, cada pessoa acumula um material psíquico considerável que não pode ser expresso, devido a campos de força opressores variados, como fatores sociais, culturais, pessoais, dentre outros. Através da arte, os símbolos desvelados representam uma espécie de vazamento do que borbulha internamente, o que Durand (2001) chamou de “secreção”:

[...] a imagem passou de um simples papel de sintoma ao de agente terapêutico, e toda uma escola de pesquisadores tentará guiar os sonhos de um paciente para que este libere, por meio de uma secreção, por assim dizer, as imagens-anticorpos que contrabalançarão ou destruirão as imagens neuróticas obsessivas. (DURAND, 2001, p. 38)

A arte permite ao homem expressar e ao mesmo tempo perceber os significados correlacionados com sua vida, numa contínua busca por um ténue equilíbrio com o meio circundante. Este processo se dá pela revelação de símbolos, através do uso dos materiais expressivos da arte. O homem compreende a realidade a partir da simbolização interna. O campo simbólico não se reduz à linguagem verbal, porém a palavra linguagem é utilizada para designar outras formas de expressão como as produzidas através das artes plásticas, do som, do movimento e da dança: “Devido a nossa matéria psíquica ser imagem, fazer imagem é uma via régia, um caminho real para o cultivo da alma. Engendrar alma requer sonhar, fantasiar e imaginar.” (HILLMAN, 2010, p. 81).

No processo, é essencial a criação de um espaço sagrado para gerar proteção e fluidez do contato e expressão dos conteúdos simbólicos do inconsciente, com liberdade e espontaneidade. Um espaço, um tempo e um templo, para fazer contato e dialogar com as imagens do inconsciente que se manifestam através dos símbolos.

Construir, manter, cuidar e ampliar espaços acolhedores ao processo criativo para que as subjetividades imagéticas, tenham vez e voz e, deste modo, cada um possa se reconhecer em sua própria produção expressiva. (PHILIPPINI, 2013, p. 25)

Criado o espaço, disponibilizados os recursos expressivos, acompanhados da postura acolhedora do responsável pela atividade, abre-se o campo para a experiência do fora: “As imagens internas são tão vivas e fortes que até parece que um projetor as lançou sobre o papel ou a tela.” (SILVEIRA, 1982, p. 135).

De acordo com a American Association of Art Therapy (Associação Americana de Arteterapia), a arteterapia é um processo terapêutico enriquecedor da qualidade de vida das pessoas, tanto para aquelas que vivenciam doenças, dificuldades ou traumas, quanto para as que buscam desenvolvimento pessoal. Os benefícios são inúmeros: ampliação do conhecimento de si e dos outros, aumento de autoestima, melhor relação com os sintomas, alívio de estresse e ansiedade, desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais, tudo isto proporcionado através da vivência da criação lúdica pela arte e da reflexão sobre os símbolos revelados e sua ligação com o contexto.

A arte conta a história desde os primórdios da humanidade, como é o caso das pinturas nas cavernas (CHIESA, 2004). Em seus registros, há inúmeras manifestações, constituindo um consistente documentário nos níveis social, emocional e intelectual. O encontro com a arte é um convite para um jogo simbólico. Não se pode sair o mesmo após uma exposição num museu ou após a leitura de um grande livro. São exercícios de uma intensa, cognitiva e afetiva atividade, provocada pelo contato com os símbolos. E só é possível “jogar com”. Toda obra deixa como que um espaço de jogo que a pessoa precisa preencher, num movimento hermenêutico constante. Esta liberdade de movimento é fundamental para o vivente. E, neste jogo, o passado, presente e futuro unem-se e apresentam-se. Reter o tempo é perdurar nas vozes do ouvido interior. Toda obra de arte tem um tempo próprio, um dizer que nos impõe:

Quanto mais nos inserimos e permanecemos aí, tanto mais eloquente, tanto mais multifacetada, tanto mais rica se mostra a permanência. A essência da experiência de tempo da arte é que aprendemos a nos demorar. Talvez esta seja a correspondência apropriada entre a nossa finitude e aquilo que denominamos eternidade. (GADAMER, 2010, p. 187)

A arte cumpre um propósito muito maior do que a transmissão de valores ou ideias e pode nos ajudar em nosso cotidiano, através de sete funções: rememoração, esperança,

sofrimento, reequilíbrio, compreensão de si, crescimento e apreciação (DE BOTTON & ARMSTRONG, 2004). A escrita e a arte são formas de guardar, preservar, capturar o instante, conservar as coisas amadas, relevantes ou seja: rememorar. Como diz lucidamente o poeta:

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar. (CÍCERO, 1996, p. 337)

Nessa perspectiva, uma boa obra artística é aquela quando o núcleo da significação é capturado, como um recorte da essência, um veículo para conservar experiências belas e passageiras, de reduzir a complexidade aos seus aspectos mais significativos.

Quanto à esperança, as artes alegres, agradáveis, graciosas exercem especial atração sobre as pessoas privadas dessas representações. A ocasional potência desse tipo de arte em emocionar, gerar lágrimas, poderia indicar anseios de harmonia. Já o enfrentamento do sofrimento é um ensinamento inesperado através da arte. A dor pode ser representada de maneira digna, como se a beleza pudesse sublimá-la: “Na arte, a sublimação se refere aos processos psicológicos de transformação, em que experiências ordinárias e pouco significativas se convertem em algo nobre e refinado – exatamente o que pode acontecer quando sofrimento e arte se encontram.” (DE BOTTON; ARMSTRONG, 2004, p. 26). As artes oferecem perspectivas de observação abrangentes, de onde se examinam nuances da condição humana.

Quanto ao reequilíbrio, trata-se de um grande desafio, onde a arte pode ser um instrumento para contato com o que nos falta, promovendo um equilíbrio interno. Através

de sua variedade, a arte poderia injetar vida na realidade limitante. É possível entender os desequilíbrios específicos de um período histórico, através da popularidade das obras de arte da época.

Um outro aspecto é a compreensão de si. Partindo do pressuposto que somos enigmas de nós mesmos, ao nos depararmos com obras de arte, temos os sentidos despertados, mesmo que não compreendamos imediatamente. Uma espécie de reação estética que provoca uma ponte entre o mundo externo e o interno: “Em outras palavras, uma parte esquiva e fugidia do pensamento, da nossa experiência é pega, editada e devolvida a nós melhor do que era antes, de forma que enfim sentimos que nos conhecemos com mais nitidez.” (DE BOTTON; ARMSTRONG, 2004, p. 44)

É possível sentir e descobrir valores mais claramente em objetos pelos quais sentimos afinidade do que em nossa mente. São representações imagéticas que vão além das limitações das palavras. E, além de revelar aspectos mais ocultos de si, também pode ajudar a transmitir aos outros o que somos, através da escolha dos objetos que nos cercam: “Gostamos de objetos de arte, mas não é só isso. Em alguns casos mais especiais, somos um pouco parecidos com eles. São os meios pelos quais conhecemos a nós mesmos e permitimos que os outros nos conheçam melhor.” (DE BOTTON; ARMSTRONG, 2004, p. 48).

Quanto à possibilidade de crescimento, as relações desagradáveis e constrangedoras na interação com as obras de arte denotam um conjunto de associações negativas, muitas vezes autobiográficas. A aversão pode estar relacionada às experiências traumáticas, que provocam reações defensivas. A postura defensiva irritadiça leva a um empobrecimento por generalizações indevidas. Nesse sentido, o envolvimento com a arte abre a possibilidade de, através do envolvimento e receptividade à estranheza, enfrentamos nossos medos e repulsas, mediados pela obra.

Obras que geram sensações desagradáveis oferecem possibilidades de crescimento. A capacidade de aceitar coisas que antes nos devastariam é um reconhecimento da maturidade em lidar com o estranho.

A sétima função da arte apresentada pelos autores é a apreciação: “Assim, para definir uma missão da arte, uma de suas tarefas é nos ensinar a ser bons amantes: amantes de rios e amantes de céus, amantes de rodovias e amantes de pedras. E – muito importante –, em algum ponto do caminho, amantes de seres humanos.” (DE BOTTON; ARMSTRONG, 2004, p. 103). Os sentidos ficam atentos diante do novo, do

desconhecido. No hábito, suprimimos a exploração das sensações. A arte é um convite a redimensionar o que admiramos: a olhar o mundo de forma mais atenta e generosa.

Em síntese, através da arte, poderíamos registrar experiências memoráveis, alimentar a esperança, enfrentar o sofrimento com dignidade, favorecer o equilíbrio, trabalhar o autoconhecimento, ampliar a experiência e recuperar a sensibilidade. É sugerido não avaliar uma obra através da leitura técnica, política, histórica, por seu caráter contestador, mas por sua intervenção auto investigativa. Assim, ao invés de dar aulas a respeito da obra e sua importância, De Botton e Armstrong (2004) recomendam fazer perguntas para tecer pontes com as subjetividades dos expectadores. Quem dá exemplos de como fazê-lo é Rubem Alves (2004, p. 5):

[...] não tente interpretar o texto. Entregue-se, simplesmente, ao seu gozo. Mas você poderá fazer outras perguntas: ‘O que é que esse texto me fez pensar? Por que caminhos da imaginação ele me fez voar?’ A resposta a um texto não é interpretação. É o outro texto que você, leitor, produz inconscientemente enquanto lê...

A ideia pode ser aplicada a outras linguagens como a pintura, desenho, esculturas, etc. Acredito que as funções da arte propostas possam contribuir para processos de formação estética de docentes e alunos, um campo vasto de explorações da subjetividade, numa abordagem alternativa que não se restringe aos conhecimentos técnicos das obras, mas abrange um inesgotável recurso para despertar os ampliar sentidos, o coração e a imaginação.

Há doutores que defendem que é necessário trazer a palavra após a produção da imagem para conectar o sentido. Há outros que evidenciam que apenas a imagem, mesmo sem a representação verbal ou escrita, já cumpre sua função. Mas é Jung que reforça a interdependência nesta relação:

Até onde é possível, no momento, tirar conclusões de caráter mais genérico, a formulação estática precisa da compreensão do significado do material, e a compreensão, por sua vez, precisa da formulação estética. As duas se completam, formando a função transcendente. (JUNG, 1978, p. 17)

As modalidades a serem utilizadas no processo arteterapêutico são variadas, tais como: colagens, pinturas, desenhos, fotografias, tecelagem, bordados, costura, mosaico, assemblagem, modelagem, construção, criação de personagens, maquetes, instalações, escrita criativa, contação de histórias, produção de vídeos, consciência corporal, dentre outras possibilidades. Apresento uma síntese das modalidades expressivas, suas

especificidades e aplicações, baseada no livro *Linguagens e materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades*, de Angela Philippini (2009):

Colagens: Linguagem operacionalmente simples, de baixo custo e com diversas possibilidades plásticas, útil para trabalhar síntese, ordenação, estruturação, integração e descoberta de novas configurações. É ideal para o início do processo arteterapêutico. Beneficia-se da organização de um banco de dados iconográfico, formado de imagens de jornais, revistas, fotografias, materiais publicitários, *folders*, rótulos de embalagens, papéis de presente, dentre outros. O recurso pode ser enriquecido através da utilização de técnica mista, integrando elementos como panos, fitas, botões, sianinhas, macarrão miúdo, contas e sementes, barbantes, dentre outras inesgotáveis possibilidades.

Fotografias: São verdadeiros documentários das emoções, especialmente no resgate de memórias afetivas, percepção da autoimagem, renovação e ampliação de um olhar estético. Sebastião Salgado, renomado fotógrafo brasileiro que conquistou reconhecimento internacional, afirma:

A fotografia é para mim uma escrita. É uma paixão, pois amo a luz, mas é também uma linguagem. Poderosíssima. Quando comecei, não tinha limites; queria andar por todos os lugares onde minha curiosidade me levasse, onde a beleza me comovesse. Mas também por todos os lugares onde houvesse injustiça social, para melhor descrevê-la. (SALGADO, 2014, p. 43)

Pinturas: Possíveis com tintas diversas, tais como: acrílica, a óleo, plástica, aquarelas, artesanais, guache, nanquins, feitas de pigmento vegetal, dentre outras, são especialmente indicadas para ativar o fluxo criativo. Facilita a liberação de conteúdos inconscientes, favorecendo o desbloqueio, através de experimentações com o inusitado, com o dissolver, com o expandir e ativar a percepção emocional das cores. A pintura essencialmente ativa o fluxo criativo.

Desenhos: Permitem revelar histórias pessoais, através do refinamento da observação. Podem ser utilizados materiais gráficos variados, como: lápis de cera, lápis de cor, grafite, carvão de desenho, hidrocores, pastel seco, pastéis a óleo, penas ou canetas de nanquim. A técnica viabiliza a percepção espacial e da relação luz-sombra, delinear e configurar, favorece a objetividade e a coordenação viso motora e psicomotora entre figura/fundo.

Tecelagens: Utilizadas para tramar, estruturar, integrar, relacionar, desembaraçar, ordenar, articular, entrelaçar e organizar. Os fios utilizados são variados: lãs, barbantes tingidos ou em suas cores naturais e, também, fitas, tiras de tecido, cordões, ráfia, tiras de garrafas PET, tiras de papel.

Costuras e bordados: Aplicáveis para desenvolver paciência, delicadeza, minúcia, lentidão, ritmo harmônico, reunião de segmentos e ordenação.

Modelagens: Ideais para trabalhar volume e tridimensionalidade, podem ser utilizados materiais diversos como: argila, *papier-mâché*, massa artesanal de modelagem, massa de *biscuit*, jornal e plástico. Contribuem para a reabilitação motora, para concretizar, desenvolver a percepção de volume, a tátil e a de tridimensionalidade.

Mosaicos e assemblagens: Utilizados para ordenar, ressignificar e integrar fragmentos numa proposta de totalidade, de sentido. É possível utilizar azulejos, embalagens plásticas, cacos de vidro, pedaços pequenos de papel, conchas do mar, pedras, espelhos, casca de ovo, cascas de árvores, sementes, pedaços de E.V.A. (Etil Vinil Acetato), dentre outros materiais.

Construção: Linguagem mais complexa, pois demanda, simbolicamente, consciência e integridade de estrutura, centramento, integração de segmentos. Este trabalho específico propicia um campo simbólico de continente, espaço psicodinâmico protegido, para guardar valores, reciclar histórias e sentimentos e, assim, contribui para edificar, agregar, integrar, compor, equilibrar e reconstruir.

Máscaras e personagens: Atividade que propicia dar voz às histórias pessoais, tanto as que já foram vividas, quanto às que a pessoa deseja ainda viver. Criar personagens é dar voz à multiplicidade que habita cada um. A vivência destas estratégias favorece a compreensão de conteúdos antes imersos e obscurecidos no inconsciente e acessam, muito frequentemente, o inconsciente coletivo, favorecendo o aparecimento de deusas, monstros, fadas, heróis e personagens míticos, o que muito contribui no processo arteterapêutico.

Contação de histórias: Tanto os mitos como os contos de fada contêm indicadores do percurso de individuação e funcionam como uma cartografia para o percurso terapêutico. Neles estão contidas estruturas simbólicas que retratam padrões universais, oriundos de arquétipos que habitam o inconsciente coletivo.

Produção de vídeos: Em sua especificidade de colocar as imagens em movimento, este recurso expressivo contribui para o reconhecimento da autoimagem, agilidade narrativa, percepção de identidade, orientação espacial, ativação da percepção, seleção e enquadramento de um foco e senso de composição. Ver-se através de um vídeo é uma possibilidade de um encontro ou reencontro ou confronto. E, assim, abrir o caminho para refletir, ter *insights* e tomar decisões para possíveis transformações.

Consciência corporal e ritmos vitais: O corpo é uma casa, uma moradia, um templo, um instrumento, uma caixa de ressonâncias do vivido, do sentido, de dores e amores incorporados, um vasto recurso de exploração, de vozes guardadas, de potencialidades expressivas: “Ao trabalharmos com a matéria (que é o nosso corpo) através dos movimentos, vamos resgatando também nosso espírito, ou seja, o significado mais profundo dos símbolos adormecidos dentro de nós, promovendo assim a circulação de energia entre o consciente e o inconsciente” (ALMEIDA, 2009, p. 63).

Através das experimentações dessas modalidades e materialidades da arte é possível engendrar um inesgotável recurso de acesso às dimensões plurais do ser, que alcançam a interdisciplinaridade: são do campo da formação, da pesquisa, do registro, da intervenção, do cuidado, do autoconhecimento, da cura.

BIBLIOTERAPIA: LEITURA DE SI, DO OUTRO, DO MUNDO

*Um livro é um mudo que fala,
um surdo que responde,
um cego que guia,
um morto que vive.*

Padre Antônio Vieira

*Oral ou escrita, a literatura é uma oferta de
espaço. As palavras não cansam de revelar
paisagens, passagens.*

Michele Petit



Imagem 28: Ondas de saberes

Biblioterapia é a terapia através de livros (OUAKNIN, 1996). É a utilização da literatura como veículo de cuidado, não somente do corpo-objeto, mas daquilo que anima o corpo, o sopro de vida, também chamado alma. Nossa palavra é nosso sopro, como revela o conhecimento ancestral indígena Guarani:

Para o pensamento Guarani, ser e linguagem, alma e palavra são uma coisa só. A palavra *ayvu* expressa o espírito como som vivo, sopro-luz primeiro, aquilo que é eterno em cada indivíduo e que vivifica o corpo e manifesta-se no reino humano sob a pele da palavra, pelo sopro que a preenche. (JECUPÉ, 2001, p. 55)

Nomear é dar fluxo, é respirar, é anunciar. As palavras refletem o que habita o pensamento, crenças, valores, possibilidades e cristalizações. O campo arado de pensamentos constituirá o próprio universo pessoal. E é preciso arejar para restaurar a leveza, a sanidade, como afirma Bachelard (1988, p. 174): “Assim os poemas vêm em nossa ajuda para reencontrar a respiração dos grandes sopros, a respiração primeira da criança que respira o mundo. [...] que engrandecimento do sopro quando são os pulmões que falam, que cantam, que fazem poemas! A poesia nos ajuda a respirar bem.”

Como relatado no memorial de formação, meu encontro com a biblioterapia foi não esperado, surpreendente e arrebatador. Foi uma experiência de identificação de um sentido para a existência, que mudou os rumos de minha vida e colocou-me numa postura de luta e aprendizagem contínuas. A tradução desse sentimento encontrei nas palavras da escritora Lygia Fagundes Telles (2007, p. 128): “*Vocare*, aprendi nas aulas de latim. O chamado. Obedecer a esse chamado é uma destinação e não condenação [...]. Obedecer à vocação seria simplesmente exercer o ofício da paixão.” Tocada pela paixão, pelo sentimento do absoluto (como explicarei mais adiante), desde 2011, entreguei-me de corpo e alma à biblioterapia, em busca de aprofundamento teórico e prático da utilização da literatura como veículo de cuidado. Realizo atendimentos individuais no consultório e em grupo através de rodas de leitura semanais, desde julho de 2011.

A biblioterapia pode ser realizada através de formas diversas de leitura: solitária, partilhada com outra pessoa (profissional ou não) e coletiva (OUAKNIN, 1996). Na leitura solitária, trava-se um diálogo respeitoso, onde o leitor tem a liberdade de fazer as pausas que desejar para processar o que está sendo dito, para usufruir do poder intelectual possível na solidão, que a conversa dissipa pelo corte da fala do outro. É também um convite ao devaneio, pois certas imagens literárias (a literatura é uma arte dinâmica pela potência de gerar imagens) abrem universos de possibilidades, retomam o fôlego, criam

espaços de liberdade: “A leitura é um encontro entre duas subjetividades, a do leitor e a do autor, que se enriquecem mutuamente.” (OUAKNIN, 1996, p 199).

Partilhar uma leitura é alargar a percepção, é considerar a polissemia, é ampliar repertórios, para sair da petrificação das certezas, para alimentar a liberdade de imaginar para imaginar a liberdade: “A leitura biblioterapêutica faz sair da petrificação do ser, que se assenta na petrificação das palavras. Soltura das palavras acorrentadas em estruturas definitivas, onde não têm força para dizer a vida.” (OUAKNIN, 1996, p. 229).

A pluralidade literária, aplicada de forma dedicada para cuidar, contribui de formas diversas: ao nomear angústias, ao promover um espelhamento interno, ao abrir para o diálogo por encontrar afinidade de ideias e sentimentos, ao desconstruir crenças e linguagens cristalizadas, ao expandir perspectivas e possibilidades de ser. Há trechos ou obras literárias que atuam como movimentos de ressonância e repercussão. Ressonância, pois penetram mais profundamente e despertam imagens apagadas e repercussão pelo impacto gerador de uma urgência de expressão (BACHELARD, 2008).

Mas não são todos os livros que provocam esse movimento. Um papel fundamental no processo é o do mediador: um apaixonado por leituras, com algum acervo literário atravessado, que se disponibiliza para um grupo e inicialmente faz um exercício de escuta: “Cada escuta acorda uma suspeita” (QUEIRÓS, 2007, p. 13). O livro escolhido como intervenção precisa dialogar com a demanda identificada, com o contexto, com o público, para ser ponte convidativa para a chegada das narrativas, como diz Hillman (2010, p 411): “Então, realizamos aquele milagre que é encontrar as palavras certas, palavras que carreguem acuradamente a alma, onde pensamento, imagem e sentimento se entrelacem.”

Como aluna e mãe de alunos na educação ao longo da vida, o que vivenciei foi a imposição de obras literárias desconectadas com a realidade circundante, o que gerava um sentimento desagradável de obrigatoriedade, de ausência de prazer, de resistência, que contribuem para um afastamento do manancial inesgotável da literatura. Atualmente, com os recursos da internet, é possível ter acesso a sinopses, comentários e avaliações de livros por especialistas, críticos, por professores e pelo público em geral, ou seja, resumos fragmentados da obra, filtros e interpretações. Privados da pluralidade de linguagens e repertórios do humano, há uma redução de perspectivas que fomentam universos fechados, dogmatizados, que levam às intolerâncias, violências, distanciamentos da

diversidade, à depressão. O escritor israelense Amós Oz afirma que o fanático é um ponto de exclamação ambulante, não só não muda de opinião, como não muda de assunto. Ele afirma que o antídoto para o fanatismo é a curiosidade. Ele recomenda a literatura estrangeira pois a considera como uma possibilidade de entrar na casa das pessoas de diferentes culturas, nos cantos onde os segredos são guardados, nas mentes e, assim, ver o mundo sobre outra perspectiva.

A biblioterapia pode contribuir no “cultivo da alma”, não apenas através das narrativas orais, mas também das imagéticas. As ilustrações e projetos gráficos apresentados através dos livros são iniciações estéticas que alcançam profundidades e dimensões do campo da não-palavra. São veículos para tocar o coração. E o importante, diante do oferecimento, é observar as reações corporais: de surpresa, de repulsa, de relaxamento, encantamento ou tensão, de uma lágrima ou um sorriso expresso. Nise da Silveira valorizava profissionais sensíveis para lidar com os pacientes do hospital psiquiátrico; não dava importância para títulos ou formações específicas, mas para quem tivesse habilidade e sensibilidade em espreitar o canto do olho das pessoas. A descrição desse olhar também encontrei em Eliane Brum (2014, p. 34): “[...] deixava escapar pela esquina dos olhos um desejo agoniado por um mundo mais largo.”

As leituras partilhadas em grupo contribuem para, além de cuidar, desenvolver a habilidade no uso da língua, ampliação de vocabulário, concentração, para conquistar uma inteligência mais sutil e crítica, para promover desenvolvimento pessoal, social, cultural e político, pelo exercício de pensar para melhor discernir, fazer escolhas e colocar a própria voz na roda. O acolhimento da diversidade é também exercitado. Nas rodas de leitura que realizo semanalmente, temos uma premissa inspirada na frase de Saramago: “A tentativa de convencer o outro é uma falta de respeito, uma tentativa de colonização do outro”. Assim sendo, cada um é convidado a colocar seu ponto de vista e a calar para dar espaço ao ponto de vista do outro. Se as opiniões forem opostas, melhor ainda: assim teremos um leque maior de perspectivas e leituras de mundo para alcançar. Não há imposição de ideias, nem disputa. Há uma oportunidade de fazer contato com plurais leituras e formas de ver, respeitosamente.

Além da escolha do acervo, é essencial criar um espaço acolhedor, através de um mediador afetuoso, que faça um convite (não uma intimação). Alguém capaz de ouvir com atenção, de acolher e valorizar a palavra de cada um, a coragem de expor a

fragilidade. A presença nas rodas me ensinou que é necessário desenvolver os aspectos feminino e masculino na mediação de um círculo de leitura: o feminino que acolhe, convida à expressão, cuida e o masculino que coloca limites e incentiva o posicionamento, a ação possível.

Livros são ofertas de espaço que promovem simultaneamente escapadas e encontros. São respiros mediados por palavras grávidas de sonhos e horizontes. Michele Petit (2009), uma antropóloga que investigou mediadores de leitura em locais com adversidades (como assolados por guerras, pobreza extrema, campos de refugiados, etc.) relata que os livros lidos coletivamente eram como moradias provisórias, uma maneira de recriar um pouco a casa perdida, um exercício possível de liberdade: “Ler tem a ver com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar à vontade em um outro mundo e dele sair. Por meio dessas idas e vindas, o leitor traça a sua autonomia, mediante a qual ele se reconstrói.” (PETIT, 2009, p. 92). A autora relata que a leitura é uma via privilegiada para recuperar a criança de todas as idades, num ambiente calmo, protetor e estético. Uma oferta de alternativas. Fiquei muito impactada pelo trecho onde a autora relata o caso de um menino peruano de dez anos que garantia sozinho a sobrevivência de sua família, pois sua mãe estava doente. Todas as noites o menino empurrava o carinho de mão no mercado e quando perguntado sobre qual era o seu sonho, respondeu: “Poder comprar um carrinho de mão maior.” Esse menino não tinha sequer condições de sonhar, o que inexoravelmente gera um estreitamento da existência. É como diz Bachelard (1998, p. 165): “[...] não é porque a passagem é estreita que o sonhador sente-se comprimido – é por estar angustiado que o sonhador vê o caminho se estreitar.” Essas circunstâncias aniquilam perspectivas, a pessoa é incapaz de imaginar alternativas, as possibilidades ficam reduzidas e empobrecidas. A leitura põe o pensamento em movimento, retoma a atividade de simbolização, de construção de sentido, provoca *insights*, promove ecos diante do obscuro, do indizível, alcança auroras.

Certa vez, atendi no consultório um homem de 23 anos de idade, que sofria de convulsões desde criança. Por conta de sua patologia, viveu extremamente protegido, pois, quando a convulsão se manifestava, ele ficava agressivo, quebrava objetos ao redor com riscos de ferir os outros e a si mesmo. Cresceu numa redoma que o isolou do mundo. Sua falta de liberdade gerava grande ansiedade e agressividade. Em busca de algum autor que pudesse dialogar com ele, ofereci o “Notas de subsolo”, de Dostoiévski, que fala justamente da raiva contida. Na semana seguinte, ele sacodia o livro para mim e dizia: “

O que é isto aqui? Parece que foi eu que escrevi!”. Nossa surpresa foi perceber, ao ler a biografia do autor, que ele tinha ataques de epilepsia. E, apesar da patologia, tornou-se imortal, pela capacidade de criar obras com enredos que revelam a profundidade e complexidade do humano. Meu paciente recebeu um duplo estímulo: alguém conseguiu nomear seu turbilhão interno, e, ao mesmo tempo, abriu uma possibilidade ainda então não imaginada: começar a escrever para traduzir o que é passar por tal situação.

“A beleza salvará o mundo” é uma frase escrita por Dostoiévski, dita pelo personagem Príncipe Míchkin, no romance *O idiota*, que se tornou título de livro escrito pelo búlgaro Todorov (2014). O protagonista do romance do escritor russo era chamado de idiota pois conservava valores, diante de um mundo degenerado. Essa necessidade vital de beleza para nos içar do caos é abordada por Todorov. Na análise do autor, a beleza pode ser traduzida como sendo a capacidade de habitar plena e exclusivamente o presente. Ela é o sentimento de uma “realização interior”, da vivência da plenitude. A arte como busca obsessiva da beleza seria capaz de nos salvar da fragmentação, da dispersão, da decadência. Porém seu percurso não é livre de dificuldades, muito pelo contrário. Por esse motivo, nossos heróis são seres errantes e falíveis, ou seja, humanos. Igualmente Cervantes criou o personagem Quixote, que com o imaginário nutrido por muitos livros, decide criar uma fantasia para colocar no lugar do ambiente decadente:

[...] tanto naquelas leituras se enfrascou, que passava as noites de claro em claro e os dias de escuro em escuro, e assim, do pouco dormir e do muito ler, se lhe secou o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízo. Encheu-se-lhe a fantasia de tudo que achava nos livros, assim de encantamentos, como pendências, batalhas, desafios, feridas, requebros, amores, tormentas, e disparates impossíveis; e assentou-se-lhe de tal modo na imaginação ser verdade toda aquela máquina de sonhadas invenções que lia, que para ele não havia história mais certa no mundo. (CERVANTES, 1978, p. 30)

É preciso oferecer alternativas, esperança, semear campos de delicadeza, nortes sensíveis para promover uma revolução sutil e a literatura é um dos potentes veículos para tal. Bachelard (2001, p. 3) afirma: “Criar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova.”

O que venho presenciando nos atendimentos que realizo é que quando consigo encontrar um autor que nomeie o sentimento de angústia, tal fato assemelha-se à capacidade de diagnosticar algo, por mais terrível que seja. Nomear, enunciar é anunciar um caminho para cuidar. Inspirados pelos autores, os pacientes são incentivados a descrever o que sentem. Escritas, as angústias, os medos encontram uma via de saída,

promovendo catarse e alívio. Há trechos primorosos da literatura que retratam essa propriedade:

Nasci em São Paulo, mas passei a infância em pequenas cidades do interior do Estado [...]. Figura importante dessa idade de ouro foi uma pagem que me fazia confidências e me contava histórias sinistras, apavorantes, com lobisomens e antigos mortos que se levantavam e lá vinham com seu canto fanhoso até nossa porta. Eu ouvia e ficava tremendo de medo debaixo das cobertas. Até que, certa noite em que minha pagem não pode ser a contadora de histórias, resolvi substituí-la e então fiz a descoberta: senti menos medo quando passei de ouvinte para narradora. Enquanto contava, deixei de tremer, me senti poderosa porque transferia para os outros o medo que me aniquilava, sim, me senti independente, forte. (TELLES, 1980, 157)

Escreve a história dessa dor e eu te livro dela. É uma troca: eu te prometo. [...] cada hora de recreio, cada domingo inteiro, cada hora-de-fazer-dever eu escrevia a história da minha vontade de morrer. E fui achando tão difícil de fazer, que, em vez de sentir vontade de morrer, eu só pensava como é que se fazia a história de uma vontade de morrer; em vez de sentir a dor do amor, eu só sentia a força que eu fazia pra contar a dor. Então, quando um dia a história ficou pronta, a vontade de morrer tinha sumido; o amor pelo Omar também: no lugar deles agora só tinha a história deles. (BOJUNGA, 2015, p. 100).

Esse encontro direto com a dor, com o que faz sofrer, mediado pela literatura, é chamada “biblioterapia clínica”, termo utilizado por Clarice Caldin (2010). É aquela que toca na ferida, dialoga com ela, ressignifica-a e busca incorporá-la e cicatrizá-la. Considero principalmente a literatura infantojuvenil e a poesia como recursos privilegiados de cuidado de assuntos densos, pois a sensibilidade e sutileza da poética da narrativa verbal e visual parecem sublimar o sofrimento. Por outro lado, chamo de “biblioterapia de fruição”, quando o objetivo é desviar da dor, mudar de assunto, ir para um outro lugar, exercer a liberdade interior, impregnar-se de beleza, exercer a capacidade de ser maior do que os dramas e condições que nos cercam. Um exemplo foi uma visita hospitalar que fiz a uma criança vítima grave de câncer, em cuidados paliativos. Levei diversos livros leves, divertidos. Ela se divertiu, sorriu, apesar de sua condição. Uma semana depois ela faleceu e a família agradeceu-me por proporcionar os últimos momentos lúdicos a que teve acesso.

A leitura nos permite encontrar uma família de alma:

Os espaços coletivos de leitura tiram cada um de sua solidão, fazem-no compreender que esses tormentos são compartilhados pelos que estão a seu lado, mas também por aqueles que encontra nas páginas lidas ou por quem as escreveu. Essas experiências literárias contribuem para a formação de uma sensibilidade e uma educação sentimental. (PETIT, 2009, p. 165)

A arte de conversar, de trocar experiências e segredos, de mostrar forças e fragilidades, baseada na leveza e na profundidade, no talento de ouvir, em ruptura com as violências ao redor, é formadora de vínculos de afeto, que se desdobram além das rodas de leitura e fortalecem uma rede de apoio e convívio, uma “fábrica do sensível”, como diz Rancière (2009, p. 63): “Pela noção de ‘fábrica do sensível’, pode-se entender primeiramente um mundo sensível comum, uma habitação comum, pelo entrelaçamento de uma pluralidade de atividades humanas”.

A proposta de utilização da biblioterapia no projeto “Estúdio do Sensível” intenciona promover uma ampliação do repertório literário com vocação para humanizar, despertar os sentidos, a sensibilidade, as memórias e narrativas, além da vivência da potencialidade da literatura no cuidado e desenvolvimento humanos.

DANÇA CIRCULAR: CONEXÃO E PLENITUDE NA RODA

Para mim, a dança é uma mensagem poética do mundo divino.

Bernhard Wosien

*Quantas oportunidades você perdeu por não saber dançar?
E em quantas oportunidades você dançou por não saber perder?*

Chico Donato

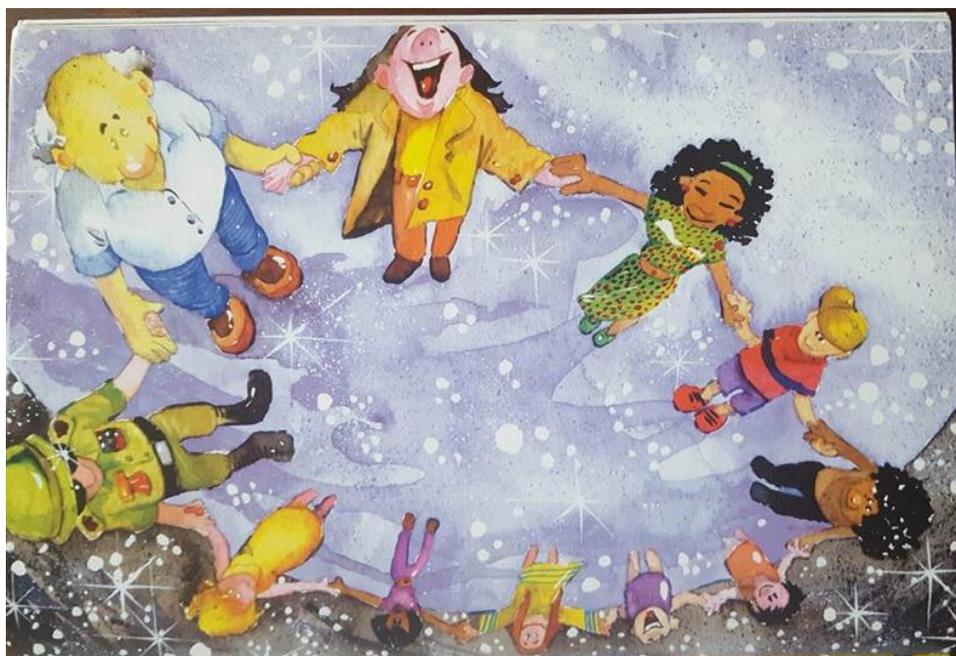


Imagem 29: Ciranda

Fui capturada pelas danças circulares em 2011, durante a participação de um curso de extensão em terapia expressiva chamado “Cuidar de si com arte”, realizado no Hospital Antônio Pedro em Niterói, coordenado por Denise Vianna, onde Luciana Ostetto era a focalizadora. Vivi o arrebatamento do encontro.

A dança circular é uma expressão humana originária desde tempos imemoriais, que vivifica símbolos encontrados em abundância na natureza e na cultura dos povos, como por exemplo: o círculo, o espiral, o labirinto, a cruz, o sol, a lua. Antes de ter instrumentos, o homem produzia sons com seu próprio corpo, ao bater palmas, marcar o ritmo com seus pés e usar a voz como melodia. Historicamente é vivenciada com propósitos variados como: para celebrar a fertilidade, os laços familiares, para conectar com o sagrado, reverenciar os deuses, pedir proteção, agradecer colheitas, perpetuar a cultura dos povos e suas raízes (guardando seus cantos, sons e movimentos), celebrar coletivamente datas relevantes, manifestar alegria na coletividade dentre outros (BARTON, 2012). São ritos do encontro, que convidam à conexão do ser com múltiplas dimensões simultâneas: consigo mesmo, com o outro (pelas mãos dadas na roda), com a cultura, com o espaço, com a espiritualidade, com os deuses que nos habitam:

Quando o ser humano da antiguidade dançava, ele vivenciava os deuses em torno de si. Como mortal, ele era guiado e estava cercado à direita por Apolo, o deus da luz e do conhecimento e à esquerda pelo deus Dionísio, que o estimulava impulsivamente a uma bem-aventurança próxima do original, a um *em-theos-iasmos*, a uma interiorização de Deus. (WOSIEN, 2002, p. 8)

As Danças Circulares Sagradas constituem um movimento gerado a partir do encontro do bailarino Bernhard Wosien, com a comunidade de Findhorn, na Escócia (OSTETTO, 2014). Bernhard possuía um espírito dançante, que respondia espontaneamente com movimentos corporais a partir de estímulos musicais: “O ser humano se torna um dançarino quando se deixa emocionar pelo que escutou.” (WOSIEN, 2002, p. 59). Deixou a carreira no balé clássico para pesquisar as manifestações folclóricas dos povos em roda. Ao acolher um convite da comunidade de Findhorn na Escócia, sentiu a potência da dança em favorecer a conexão com o sagrado: “Nas formas mais antigas das danças circulares encontrei o caminho para a meditação da dança, como um caminhar para o silêncio. Esta meditação tornou-se para mim e meus alunos uma oração sem palavras. Sintonia dos acordes harmônicos do espírito, do corpo e da alma.”

(WOSIEN, 2000, p. 117). Ostetto (2014, p. 43) reforça essa conexão: “A dança circular abre uma conexão com o sagrado dentro de nós. Na forma, no gesto, na música somos convidados a entrar em contato com outras dimensões de nosso ser. A experiência me mostrou.” O que percebo como dançante é que se não fico atenta a cada passo (seja ele simples ou elaborado), erro, rompo o fluxo. A dança exige de mim uma total atenção ao momento presente, uma atitude de cuidado interno e externo. Sinto realmente como uma meditação em movimento, um exercício de atenção e presença, de esvaziamento do racional, de entrega e comunhão:

O objetivo da dança é a harmonia. Por isso exige do grupo um estado de alerta, pois, como na vida diária, a falta da atenção, os ritmos inexatos, a falta de dedicação ao detalhe, as inibições do poder-se-dar ao todo, levam à desarmonia e, finalmente, ao caos. Enquanto que os pés marcam sinais na terra, torna-se visível a intensidade da oração na dança como aspiração e destino em comum através das mãos unidas. (WOSIEN, 2002, p. 75-76)

Em tempos caóticos que geram pessoas e processos fragmentados, dar as mãos na roda para viver a experiência da dança e da música, requer coragem de entregar-se, de expor-se, de acolher o inacabamento, de ir além, de preencher o presente com alegria e prazer. Um exercício vivo de acolhimento da diversidade, não como discurso, mas como atitude, onde se trabalha a tolerância, sem discutir ideias: as diferenças e divergências são dançadas de mãos dadas na roda (WOSIEN, 2000; OSTETTO, 2014). E é necessária uma força de entrega para a vivência da totalidade.

A cada repetição vivencia-se um processo de aprofundamento e lapidação, ativados pelas dimensões da não palavra: “Aprender a linguagem sem palavras da dança significa um abrir-se, ser um aprendiz-que-busca atento pelo seguir os traços, pelo permanecer e pelo seguir.” (WOSIEN, 2000, p. 136). O silêncio possibilita acesso à pluralidade de dimensões e linguagens: “Mal nos manifestamos na dança, nós, bailarinos, falamos numa linguagem que, sem dúvida é muda, mas é certamente uma linguagem sensivelmente mais antiga do que aquela que usa a língua.” (WOSIEN, 2000, p. 27). Fico surpresa como algumas pessoas seguras de seus saberes intelectuais mostram-se frágeis diante de uma experiência de dançar em roda, como se o corpo fosse surpreendido pela escassa oportunidade de colocar-se, de exibir-se autêntico, incapaz de mascarar fragilidades e inacabamentos, de acolher o erro: “Antes de me organizar, tenho que me desorganizar internamente. Para experimentar o primeiro e passageiro estado primário de

liberdade. Da liberdade de errar, cair e levantar-me.” (LISPECTOR, 1998, p. 62). Um exercício de coragem e confiança em si mesmo e no grupo. Uma entrega ao todo que poderá acontecer: “Nada vai substituir a vivência direta. É preciso entrar na dança para compreender o seu significado mais profundo e, quem sabe, ser capturado pela sua força e beleza. Na dança circular sagrada não é a técnica o principal. É a entrega.” (OSTETTO, 2014, p. 70)

São elementos característicos das rodas: um centro (para canalizar nossa intencionalidade, centramento e foco), não haver expectadores (todos estão juntos de mãos dadas), o acolhimento da diversidade e do erro e o focalizador como partícipe da roda. O centro é vivido como um colo do mundo que acolhe o tempo cíclico (WOSIEN, 2002; OSTETTO, 2014), um reflexo de círculos de criação presentes na natureza: da dança dos planetas em torno do sol, dos movimentos dos rodamosinhos na água, no ar, nos ninhos, nas formas circulares de plantas e seres:

Formas geométricas sagradas, originadas da figura do círculo, espelham a unidade da natureza e do cosmos. São o modelo básico de todas as relações de troca e sua disposição concêntrica indica as transições entre as diferentes formas de existência ou dimensões. Seu centro é o símbolo da força da criação divina, que flui incansavelmente para o Aqui e o Agora. (WOSIEN, 2004, p. 7)

O focalizador é quem cuida do fluxo da energia na roda. Responsabilidade que requer habilidades de fazer leituras do grupo, perceber vibrações de harmonia e desarmonia, acolher e superar dificuldades, sem estabelecer relação hierarquizada: “Para organizar a roda e impulsionar o trabalho, há uma figura essencial: o ‘focalizador’. Ele não é um professor, não é um líder. Partícipe da roda, lado a lado com todos formando os círculos, ele é a pessoa que dá apoio e segura o foco da dança.” (OSTETTO, 2014, p. 69). Desde que assumi a focalização de um grupo de danças circulares na UFF durante 2017, tenho constatado a necessidade de muito estudo e pesquisa sobre as danças, suas origens, seus movimentos. Cada vez que apresento alguma coreografia, que ainda não foi vivenciada inúmeras vezes, sinto que ela ainda não criou raízes no meu corpo, ainda não foi apreendida por ele. A responsabilidade deu-me a dimensão da entrega de “corpo e alma” ao processo. E é impressionante a constatação de quantas vezes racionalmente não lembrava dos passos, mas ao colocar a música, o corpo sabia o que fazer, o que evidenciou uma pedagogia diferenciada, centrada no dinamismo corporal. Como trabalho com rodas

de leitura, criei encontros para leitura de trechos dos livros de Bernhard e Maria-Gabriele Wosien, Ana Barton e Luciana Ostetto, que constituem pilares referenciais para mim. Numa dessas oportunidades, Sandra Mazzoni, formadora de focalizadores no Rio de Janeiro, contou-me de uma dançante que tinha muita dificuldade em acertar passos básicos e que, para sua surpresa, diante de uma coreografia mais complexa, alcançou uma desenvoltura perfeita. E ela disse à Sandra: “não me pergunte o que está acontecendo porque eu não sei.”

Historicamente, as danças eram uma forma de educação aceitável e fácil, usadas para comunicar lendas e histórias (BARTON, 2012). A dança possuía um cunho social, inicialmente utilizadas nos ritos de vida e morte, posteriormente foi levada pela nobreza aos grandes salões. São comuns as variações de uma mesma dança, utilizadas por diferentes gerações, territórios, clima, tipo de roupas. Como um processo dinâmico, orgânico, vivo e pulsante.

Bernhard reforça o carácter pedagógico das danças: “Deveria ser aspiração de uma sociedade o estímulo de fatores constitutivos da personalidade, assim como a educação de pessoas criativamente participativas. A dança é uma oferta desta ordem. Onde pessoas dançam umas com as outras, elas se educam e se formam a si mesmas.” (WOSIEN, 2000, p. 66). E trata-se de uma educação que contempla simultaneamente o sensível, o corpo, a beleza, a alegria, a introspecção, a conexão. E Ostetto reflete sobre o aprendizado de um modo de pensar e agir circularmente:

Pensar circularmente significaria não pensar em linha reta, na afirmação de uma única voz e verdade. Significaria abrir-se ao diálogo, ao acolhimento da dúvida e da diversidade, à construção de múltiplos enredos afirmados no encontro das singularidades de crianças e adultos, de alunos e professores. Não uma técnica, procedimento metodológico, mas um modo de agir, de ser, de acolher.” (OSTETTO, 2014, p. 98)

Em roda, são acolhidas as sugestões, a diversidade dos saberes, os símbolos evocados, as habilidades, as limitações, a poética de cada um. A escuta é favorecida pela circularidade. Lado a lado, irmanados, ligados pelo coração, entregamo-nos, individual e coletivamente, para a experiência de integração e transcendência. A poesia “Cantiga quase de roda”, de Thiago Mello (1983, p. 79-81), sintetiza delicadamente essas dimensões alcançadas.

Cantiga quase de roda

Na roda do mundo
lá vai o menino.
O mundo é tão grande
e os homens tão sós.
De pena, o menino
começa a cantar.
(Cantigas afastam
as coisas escuras.)
Mãos dadas aos homens,
lá vai o menino,
na roda da vida
rodando e cantando.
A seu lado, há muitos
que cantam também:
cantigas de escárnio
e de maldizer.
Mas como ele sabe
que os homens, embora
se façam de fortes,
se façam de grandes,
no fundo carecem
de aurora e de infância
- então ele canta
cantigas de roda
e às vezes inventa
algumas – mas sempre
de amor ou
de amigo.

Cantigas que tornem
a vida mais doce
e mais brando o peso
das sombras que o tempo derrama, derrama
na frente dos homens.
Na roda do mundo,
lá vai o menino,
rodando e cantando
seu canto de infância.

Mas lá nas funduras
do peito, outro canto
lhe nasce e ressoa
- erguido de assombros
e de escuridões.
Vazio de infância,
varado de dores,
é o canto mais triste
que as noites já ouviram.
Porquanto o menino
não deixa que o mundo
lhe escute esse canto

doloroso e inútil.
Pois sabe que os homens
embora se façam
de graves, de fortes,
no fundo carecem
de claras cantigas
- senão ficam ocos,
senão endoidecem.

E então ele segue
cantando de bosques,
de rosas e de anjos,
de anéis e cirandas,
de nuvens e de pássaros,
de sanchas senhoras
cobertas de prata,
de barcas celestes
caídas no mar.

Na roda do mundo,
Mãos dadas aos homens,
lá vai o menino
rodando e cantando
cantigas que façam
o mundo mais manso,
cantigas que façam
a vida mais doce
cantigas que façam
os homens mais crianças.

ESCRITA CRIATIVA: VORAGEM E CORAGEM NA PRÓPRIA VOZ

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu.

Clarice Lispector



Imagem 30: Soltura

A escrita finca raízes no chão, espalha-se na terra, ancora ideias, materializa sopros, provoca respiros, fecunda futuros, une fragmentos no mosaico do fio narrativo, favorece a construção de significados, revela surpresas diante do fluxo do mistério que se apossa da mão como veículo, transforma deriva em norte. É bússola, é semente.

Se escrevemos, iniciamos uma arqueologia das paixões, atiçamos o fogo de desejos e feridas que nos habitam. Dialogamos com nossos fantasmas e Deuses. O fruto do processo, o parto das letras, nem sempre é acolhido, reconhecido, valorizado. No embalo de dar lume aos fósseis, chegam sombrias vozes dos predadores internos, que reduzem repertórios e possibilidades, que criticam e desqualificam, que limitam a vida.

A escrita criativa se propõe a acolher o inacabamento que nos constitui, a entender que somos seres em processo de vir a ser, a conceber a ousadia como elemento fundamental da descoberta de si e a proporcionar uma costura possível. Como diz Clarice: “Escrevo-te em desordem, bem sei. Mas é como vivo. Eu só trabalho com achados e perdidos.” (LISPECTOR, 1998, p. 66). Um claro compromisso com a expressão, com o fluxo, com a emoção, característico do elemento água. Os quatro elementos presentes no processo de transformação.

O incentivo à escrita criativa é parte essencial de meu trabalho clínico. Sou testemunha diária das transformações no sistema de crenças e capacidade de ampliar horizontes, provocadas pelos estímulos literários e considero o ápice do processo, quando a pessoa começa a escrever, abrindo o fluxo narrativo a partir de seus sentimentos, reflexões e *insights*; quando a pessoa ganha força no dizer, quando acessa a possibilidade de reinventar-se através da própria escrita. Uma via régia de acesso à própria voz, como diz o poema “Canção”, de Quintana (2005, p. 34-35):

Cheguei a concha da orelha
à concha do caracol.

Escutei
vozes amadas
que eu julgava
eternamente perdidas.

Uma havia
que dentre as outras mais graves
tão clara e alta se erguia...

que eu custei mas descobri
que era a minha própria voz:

sessenta anos havia
ou mais
que ali estava encerrada.

Meu Deus, as coisas que ela dizia!
As coisas que perguntava!

Eu deixei-as sem resposta.

As outras vozes, mais graves,
tampouco
nenhuma lhe respondia.

O mundo é um búzio oco,
menino...

Mundo de vozes perdidas
e onde apenas o eco
eternamente
repete as mesmas perguntas.

O ser humano é um narrador de mundos e é na discursividade que tem a possibilidade de ocupar seu espaço e revelar o sentido de seu existir, de buscar saídas para o desconhecido que se apresenta.

Há outros ofícios, mas escrever é diferente. É calar e falar ao mesmo tempo. É uma espiral infinita nas duas pontas. Entre um infinito e outro, estou eu, com um dos braços revolvendo a terra, lodo, raiz – e com o outro, tento alcançar o que me foge sempre, sem que ao menos, saiba o que é. (LATINI, 2006, p. 16).

Através da singularidade de cada narrativa é possível espreitar o significado das experiências e entrar em contato com seus enigmas: “Quando a palavra acontece é mais um passo que se anda mistério adentro. A palavra amplia o mundo. Ela clareia seus escuros sem lhe roubar as sombras. Também o mundo, como eu, não se mostra por inteiro.” (QUEIRÓS, 2007, p. 29). E, ao narrar, o sujeito se ouve e, não raro, surpreende-se com o revelado, reforça suas descobertas e o conhecimento de si mesmo. É preciso coragem para acessar as profundidades:

Entro lentamente na minha dádiva a mim mesma, esplendor dilacerado pelo cantar último que parece ser primeiro. Entro lentamente na escrita assim como já entrei na pintura. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras – limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer. (LISPECTOR, 1998, p. 14)

E a liberdade de escrever, de criar novas realidades representa um respiro na existência, uma possibilidade de ausentar-se do caos e habitar um outro espaço: “[...] eu escrevo e assim me livro de mim e posso então descansar.” (LISPECTOR, 1999, p. 21).

A palavra no papel inaugura um corpo: “Quando a festa acabou, descobri que estava nua. Meu livro não era feito de letras, mas de carne. [...] O livro respirava como um corpo, o meu corpo.” (BRUM, 2014, p. 130). Expressar é ganhar corpo, existir: “Escrever é me imprimir.” (QUEIRÓS, 2007, p. 22). Desconfio que a resistência em escrever, os relatos da dificuldade em encarar uma página em branco, provém de um medo em abrir o canal para um diálogo interno: “Criar de si próprio é muito grave. Estou me criando. E andar na escuridão completa à procura de nós mesmos é o que fazemos. Dói. Mas é dor de parto: nasce uma coisa que é. É-se.” (LISPECTOR, 1998, p. 42). Cada um é protagonista de si, quando configura a própria história a partir de fragmentos das histórias que recebeu, como escreve Larossa (2003, p. 22):

Talvez os homens não sejam outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para tentar aí recolher as palavras que falam de nós.

Um outro caminho de evocar as narrativas é a busca pela memória, ou “rastros atrás”, como revela a escrita quase que sussurrada como um segredo por Lygia Bojunga (2007, p. 96):

[...] pra me conhecer melhor eu tinha que conhecer melhor meu rastro atrás: comecei a viajar com frequência pra minha infância e pra minha adolescência. Fui me interessando pelas escavações que eu fazia nessas viagens (me senti tão arqueóloga!...) e, a cada “descoberta” que o passado tinha soterrado, o meu interesse pela Memória crescia, se alastrava [...] Um dos grandes alimentos da Imaginação se chama Memória. Quanto mais ela se faz presente mais a nossa Imaginação se fortifica.

A autora constatou em suas travessias que tanto a memória quanto a imaginação possuem vários compartimentos e camadas e quanto mais uso fazemos, mais elas se sensibilizam, se aprofundam e nos revelam. E é preciso permitir-se circular e explorar campos desconhecidos, tateando percursos:

A gente vai rabiscando a página, jogando nomes ao acaso, iscando e ciscando a vida para pegar o que está dentro das palavras: as emoções. Às vezes, ou quase sempre, é um tormento fazer as palavras combinarem com as ideias, os pensamentos, as emoções que se chocam

dentro de nós como blocos de gelo navegando em água turva, farpas imantadas e boiando tontas em mar estranho. Tudo é da mesma matéria, mas a palavra briga com a vida, você sabe. (MARINHO, 2005, p. 12-13)

E o corpo é uma caixa de ressonância de memórias através das sensações, basta impregná-lo de lugares, sabores, aromas, texturas para acionar seus mecanismos evocadores de histórias e narrativas.

E o que será que aconteceu na travessia do trabalho proposto? Que questões emergiram, que descoberta fizemos em comunhão? Quais foram os desdobramentos e reflexões decantadas pela experiência? Sigamos, na dança da construção de veredas nesse grande sertão do desconhecido.

– IV –

REINAÇÕES DA IMAGINAÇÃO DINAMIZADA

*Quem não sonha o azul do voo, perde seu poder de pássaro.
É sonhar, mas cavalgando o sonho e inventando o chão para o sonho florescer.*

Thiago de Mello

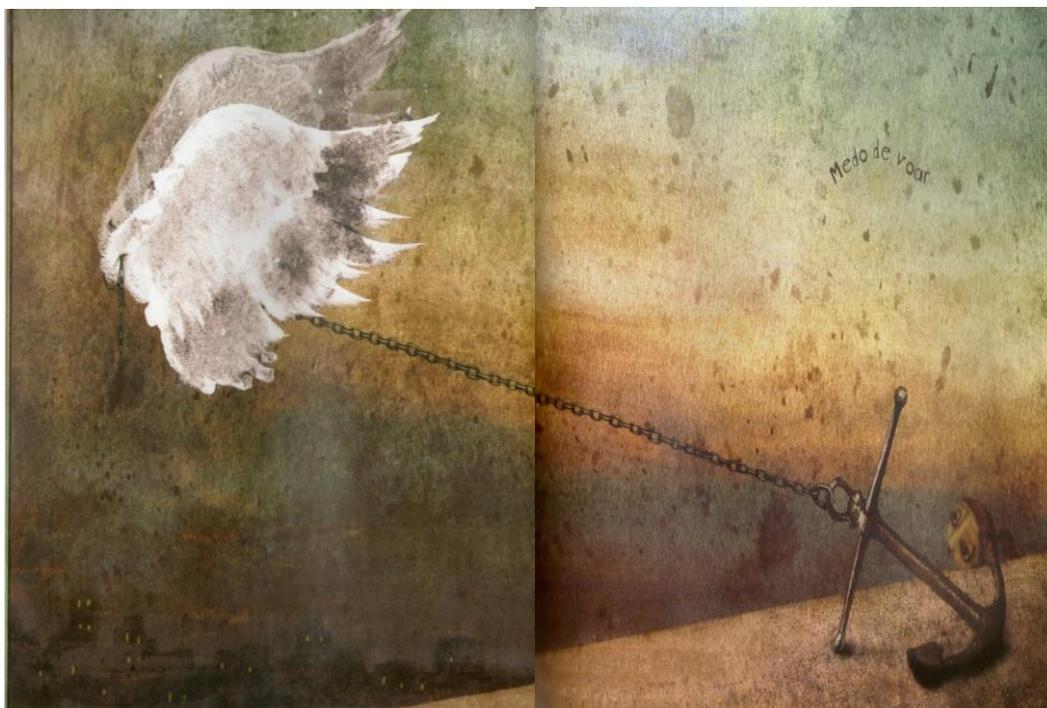


Imagem 31: Desejo de voo

A travessia da jornada de experimentações foi realizada no período de 13 de setembro de 2017 a 11 de janeiro de 2018, às quartas, das 15h30min às 17h30min, no auditório da Creche UFF. O encontro de finalização foi realizado nos jardins do Solar do Jambeiro, uma casa-museu com amplo quintal, localizado no Ingá, na cidade de Niterói, RJ.

O auditório da Creche UFF, localizado num espaço aprazível, silencioso, espaçoso, cercado de árvores, flores e pássaros, favoreceu a atmosfera buscada para os encontros do “Estúdio do Sensível”: um *têmenos*, espaço propício para entrega e vivência do sagrado. A cada encontro, o local era preparado com esmero, firmando o centro das danças circulares no meio do salão e duas mesas preparadas nas laterais: a dos materiais expressivos e a do lanche. Havia uma estrutura norteadora das experiências: início com danças circulares, estímulo literário e atividade expressiva (ou vice-versa), tempo-espaço para a escrita criativa, partilha oral do processo e fechamento com danças circulares.

A tabela descritiva a seguir, sintetiza o percurso trilhado no trabalho de campo realizado:

No	Data	Dança Circular	Arteterapia	Biblioterapia
1	13/09/2017	Cirandeiro, Ancient Mother, Erev Shel Shoshanim	Colagem de imagens de revistas em caderno pessoal de registros	Nuno e as coisas incríveis, de André Neves
2	20/09/17	Te ofereço paz, Zambaba, Jacu, Erev Shel Shoshanim, Eu morava na areia e A dança do sol	Desenho livre com giz de cera. lápis de cor e hidrocor	Fascículos variados da Coleção Gênios da Pintura
3	27/09/17	Murucututu, Eu morava na areia, Lute Lute, Al Achat, dança do sol	Areia colorida em suporte de isopor	Variados livros infanto-juvenis

4	03/10/17	Lute Lute, Al Achat, Boi de Mamão, Dans Vanietais. Oficina de Carimbó, no Festival Interculturalidades na UFF	Tecelagem de “Olho de Deus”, com lãs coloridas	Lições de Feitiçaria, de Rubem Alves e Feito à mão, de Lygia Bojunga.
5	11/10/17	Dança do sol, Lute Lute, Hai Chika Chika e Dança da lua	Técnica mista, com colagem de recortes de papéis coloridos, missangas e outras miudezas	Bichos do Lixo, de Ferreira Gullar, Diários de Classe, de Bartolomeu Campos de Queirós, Poesia, de Paulo Leminski e Escritos em verbal de ave, de Manoel de Barros
6	18/10/17	Zambaba, Dambala, Vine, Peras Stous Peras Kambos, Ód lo Ahavti Dai e Elm. No fechamento: Ancient Mother, Pradesh, Dança da Lua e Babanam Kevalan	Pintura com tinta guache, em apenas um lado do papel, para dobrá-lo posteriormente	Farto acervo de livros de poesia para perambulação literária
7	01/11/17	A dança dos quatro elementos, Madre Tierra	Fotografias para capturar olhares através de um passeio pelo Campus e parada no gramado próximo ao mar para a escrita	Poesia “A cebola”, de Pablo Neruda, Conto “Laranja de sobremesa”, de Astrid Cabral e <i>O livro dos abraços</i> , de Eduardo Galeano
8	08/11/17	Dança do sol, Elm, Jacu e Allunelul	Modelagem com biscuit colorido	Poemas, de Mia Couto e “Inventário da Infância”, de Gabriela Romeu

9	29/11/17	Ancient Mother, O canto das ancestrais, Kore/Perséfone e Madre Tierra	Construção de pião artesanal, além de desenho livre sobre papel mágico. Cada participante foi solicitado a trazer um objeto feito pela própria mão	Desaplanar, de Nick Sousanis e Registros na educação infantil: pesquisa e prática pedagógica, organizado por Luciana Ostetto
10	11/01/18	Al Achat, Eu morava na areia e Te ofereço paz	Finalização das atividades, com entrega dos trabalhos, partilha de reflexões, desdobramentos e narrativas registradas	

A escolha dos veículos expressivos utilizados foi feita a partir de minha própria experiência na pós-graduação em arteterapia, onde aprendi durante as aulas e em encontros de supervisão de trabalho de campo que é essencial oferecer a maior diversidade possível de linguagens e materialidades, pois somos todos como cofres humanos: não sabemos qual será a chave que abrirá caminhos de acesso ao manancial do inconsciente, o oculto em histórias, memórias e potencialidades. Essa fartura de linguagens também foi buscada no oferecimento de livros (infantojuvenis ou de poesia ou até de fascículos de artistas consagrados, nos encontros 2, 3 e 6). Nos encontros 1, 4, 5, 7 e 9, os livros ou trechos literários selecionados buscaram dialogar com a atividade expressiva proposta, partindo do meu acervo pessoal de trabalho com a biblioterapia. O processo de escolha das danças foi mais abrangente, considerou inúmeras variáveis, como: grau de dificuldade, energia do encontro, preferências das participantes, conexão com a materialidade proposta, disponibilidade do tempo. Apesar da abrangência dos critérios, a estrutura dos encontros pressupunha a abertura e o fechamento das atividades através das danças circulares. Assim aconteceu. E percebia, a cada encontro, que tal formato favorecia a criação de um tempo-espço simbólico.

Neste capítulo organizo um mosaico vivo das experiências, busco apresentar iluminuras das vivências durante os encontros, descrevendo as ações propostas em cada sessão e visibilizando uma trama de narrativas imagéticas e textuais, suspeitadas como relevantes (minhas e das participantes) no processo de travessia da pesquisa. As participantes autorizaram a utilização de seus nomes próprios.

MOSAICO VIVO DE EXPERIÊNCIAS

1 - Perto do longe	
Data	13/09/17
Atividade	Colagem de imagens em caderno de registros
Materiais	Cadernos, imagens de revistas, cola, tesoura
Estímulo	Nuno e as coisas incríveis, de André Neves
Danças	Cirandeiro, Ancient Mother, Erev Shel Shoshanim
Símbolos evocados	árvore, serpentes, mar, avião, mundo, borboleta, terra, barco, rosa, rede, família, mãos, céu

Primeiro encontro. Expectativa que gerou o preparo cuidadoso dos detalhes. E elas chegaram, aos poucos, respiração ofegante, coração acelerado, olhos arregalados pelo desconhecido. Vieram de longe: Maricá, Magé, Piratininga, Ilha do Governador, São Gonçalo. E demos as mãos, em torno do centro da roda e iniciamos com uma ciranda. Respiramos, sorrimos e seguimos dançando. Foi então apresentada a proposta da pesquisa, dos acordos participativos do termo de consentimento, das atividades intencionadas, dos dias e horários em que estaríamos juntas. Cada participante recebeu um caderno para registros e ressonâncias das vivências propostas. A atividade do dia era fazer uma colagem no caderno, selecionando imagens recortadas de revistas para um primeiro contato com o inconsciente.

Durante a atividade no primeiro dia, um fato me chamou a atenção: as participantes perguntavam continuamente se podiam isso ou aquilo. Por diversas vezes reforcei que poderiam fazer o que quisessem, sem regras. Apesar disso, elas continuavam perguntando e demonstrando a dificuldade em experimentar a liberdade. Suspeitei que possuíam poucos espaços para as explorações, para o lúdico e para a autenticidade.



Imagens 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38: Mosaico arteiro 1

2 - Olhar para dentro	
Data	20/09/17
Atividade	Desenho livre
Materiais	Folha A3, giz de cera, lápis de cor e hidrocor
Estímulo	Fascículos da coleção “Gênios da Pintura”
Danças	Te ofereço paz, Zambaba, Jacu, Erev Shel Shoshanim, Eu morava na areia e A dança do sol
Símbolos evocados	Serpente, raízes, sementes, plantas, casa, caminho, rio, alvo, palhaço, rosto, cavalo, menina, cabelos, vento, mesa, flores, mar, horizonte, sol, gaivotas, emaranhado

No segundo encontro, após folhear diversas imagens das produções de gênios da pintura e escolher uma que tivesse impactado fortemente (mesmo sem saber o porquê), cada participante foi convidada a fazer um desenho livre. Uma espécie de bloqueio tomou conta do grupo e escrevi em meu caderno:

Elas relataram a dificuldade com o desenho, em encarar a folha em branco. Isabella falou que manda as crianças desenharem como se fosse a coisa mais natural do mundo, mas agora estava se dando conta do desconforto, do enfrentamento em se expor diante dos outros e de si mesma. Algumas ficaram um bom tempo diante da folha em branco, dizendo que não só não sabiam o que fazer, como não sabiam desenhar. Citei Jung, que escreveu que as mãos sabem resolver enigmas que o intelecto em vão lutou por compreender. Sugeri que pensassem com as mãos, sem compromisso com beleza, mas com entrega e fluxo de expressão. E as cores foram chegando, tatuando símbolos na brancura das ideias. E vieram raízes, sementes, serpentes, mar, barco, céu, gaivota, cavalo, criança, casa, caminho, mesa, flor, alvo e cor. O abstrato também se fez presente, que, como observou Nise da Silveira, revela e oculta simultaneamente: uma expressão possível do que talvez fosse intolerável revelar. Colocamos as imagens selecionadas e os desenhos na roda e evocamos as narrativas orais. (20/09/2017).

Convido o leitor observador a vagar nas imagens das artes plásticas escolhidas e desenhos produzidos pelas professoras, diante do espaço-tempo de acolhimento criado. Os títulos das imagens referem-se aos nomes das obras e seus respectivos criadores.



Imagem 39: “Mulher chorando”, de Picasso

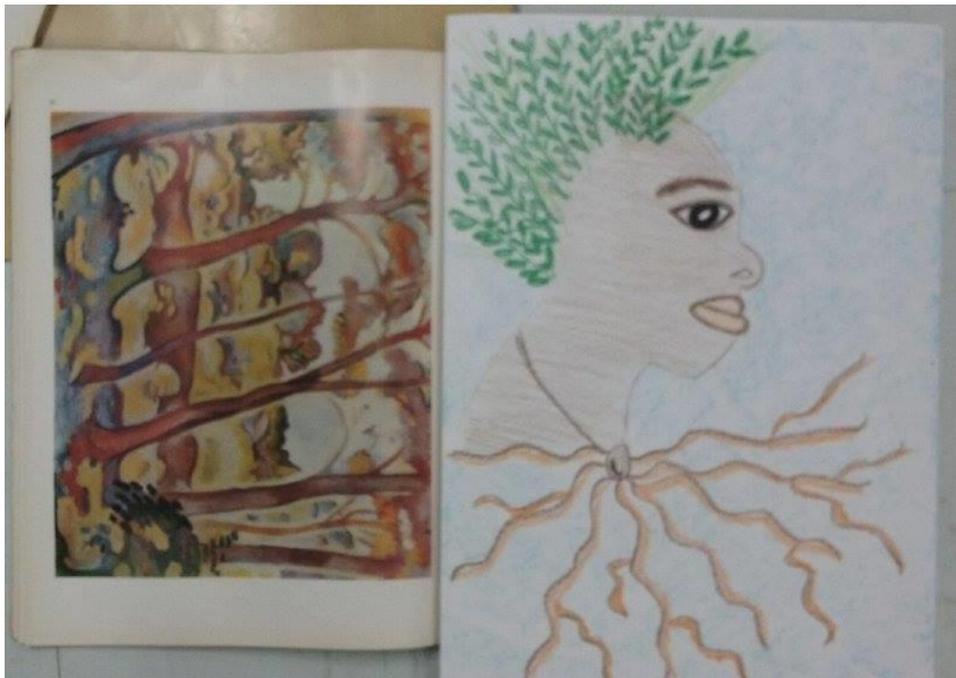


Imagem 40: “Paisagem de la Ciotat”, de Braque

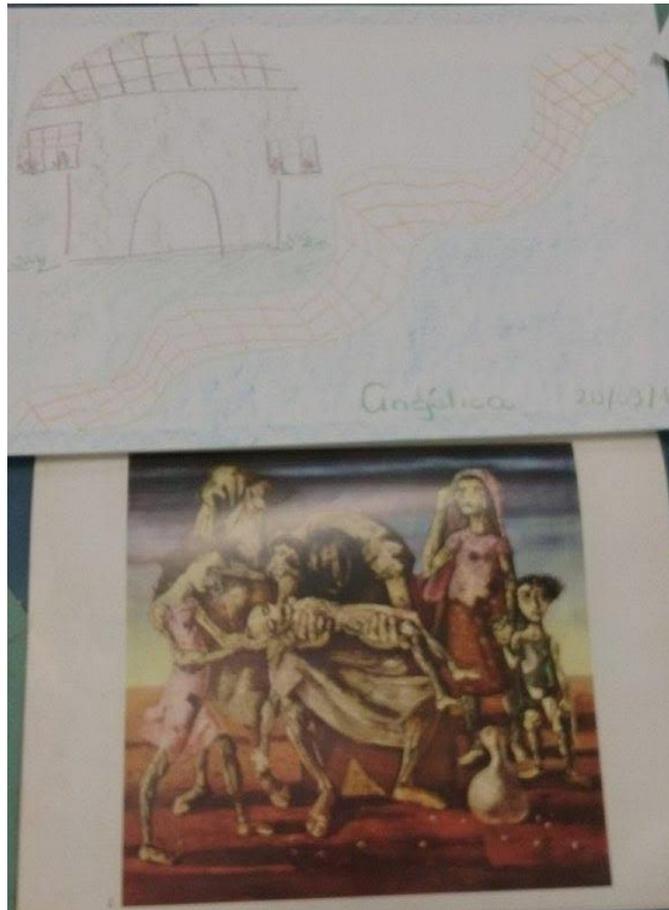


Imagem 41: “Menino Morto”, de Portinari

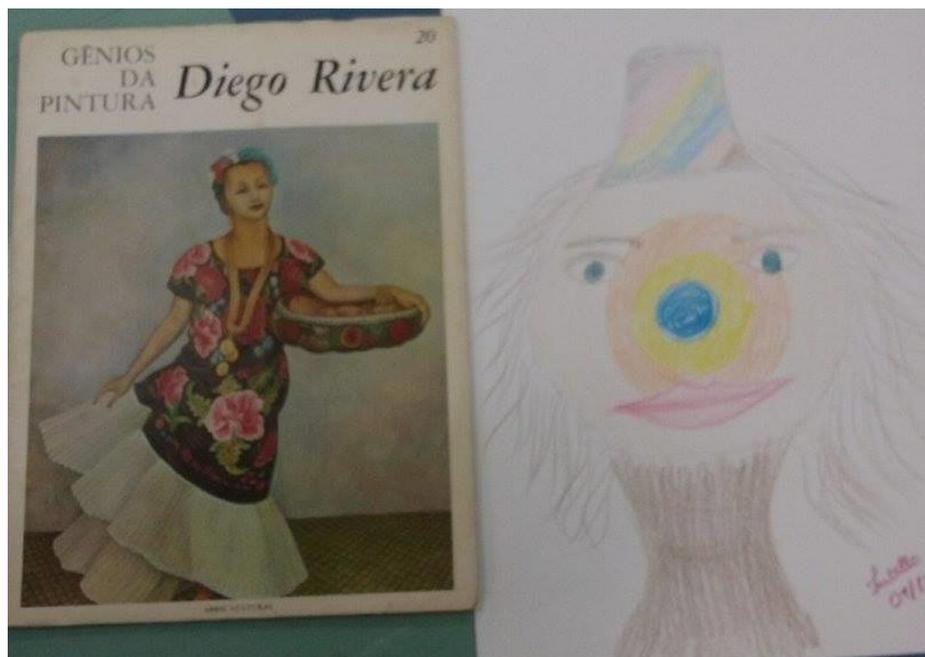


Imagem 42: “Retrato de Lola”, de Diego Riviera

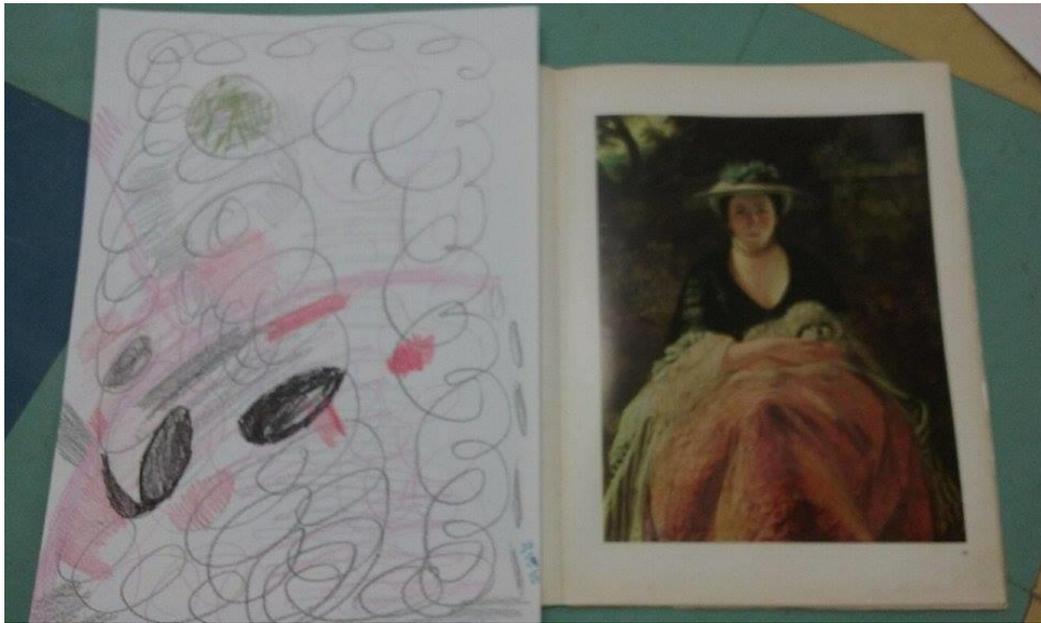


Imagem 43: “Nelly O’Brien”, de Joshua Reynolds



Imagem 44: “Natureza morta com melancias”, de Henri Matisse

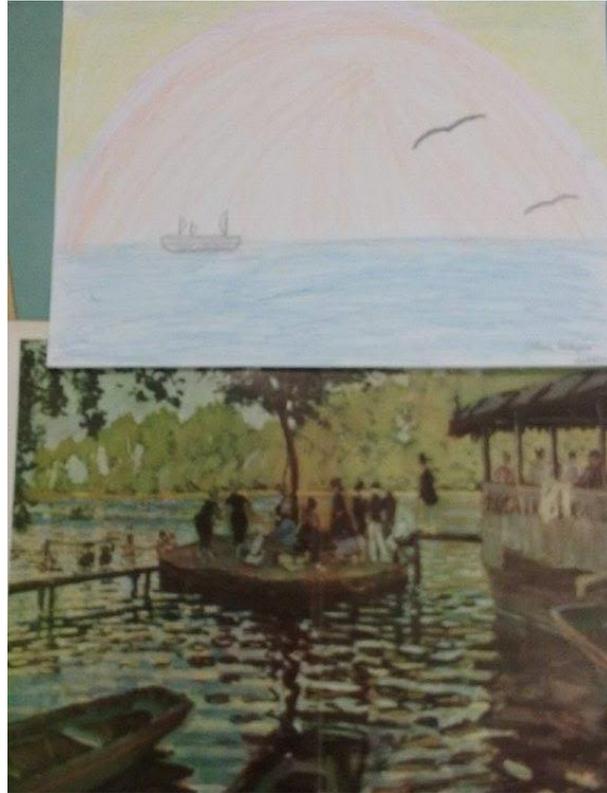


Imagem 45: “La Grenouillère”, de Claude Monet

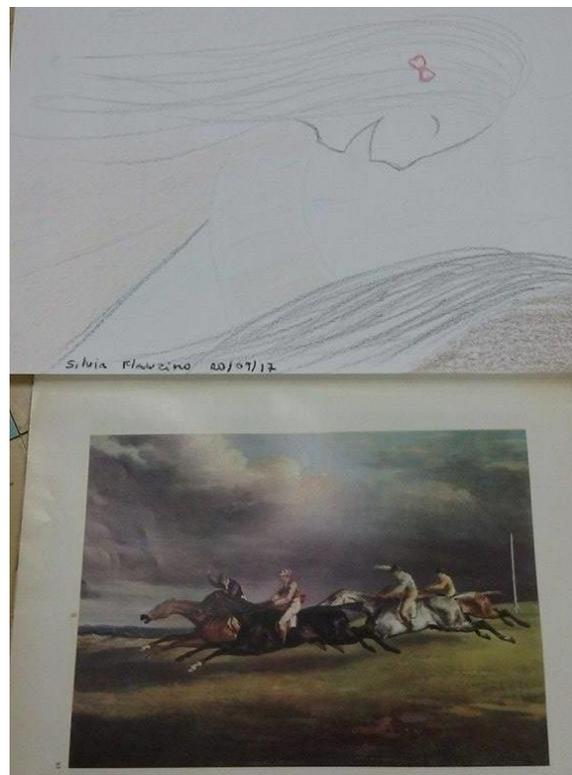


Imagem 46: “O Derby de Epsom”, de Théodore Géricault

Olhando a atividade no conjunto (obras, partilha oral após a atividade, narrativa no caderno de bordo), percebo que favoreceu um mergulho introspectivo e suscitou murmúrios do que estava oculto, subliminar. O símbolo da raiz foi ligado à ancestralidade por Renata; a imagem da miséria remeteu a uma desnutrição além do alimento para o corpo em Angélica; a abundância de cores e frutos foi ligada a uma permissão de ser e explorar com fartura para Isabella; a imagem que remeteu Alcione à infância, a fez produzir um infinito cheio de espaço; Silvia cavalgou no vento em seu anseio de mais liberdade, reavivado através da imagem.



Imagens 47, 48, 49 e 50: Mosaico arteiro 2



Imagem 51: Docentes dançantes

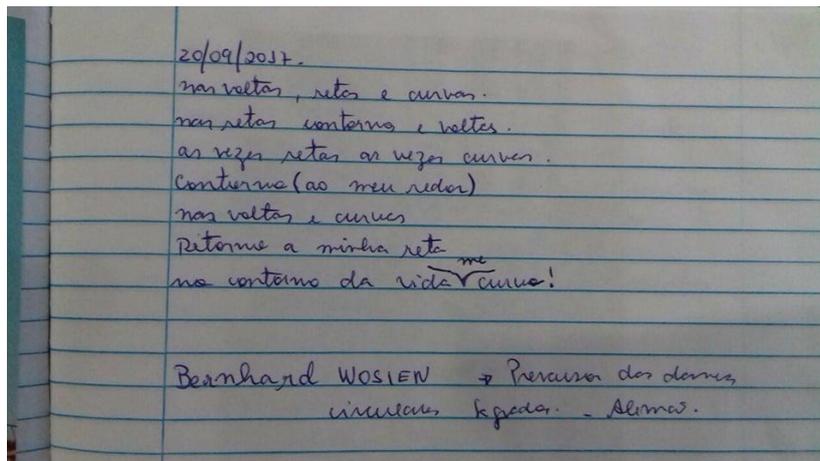
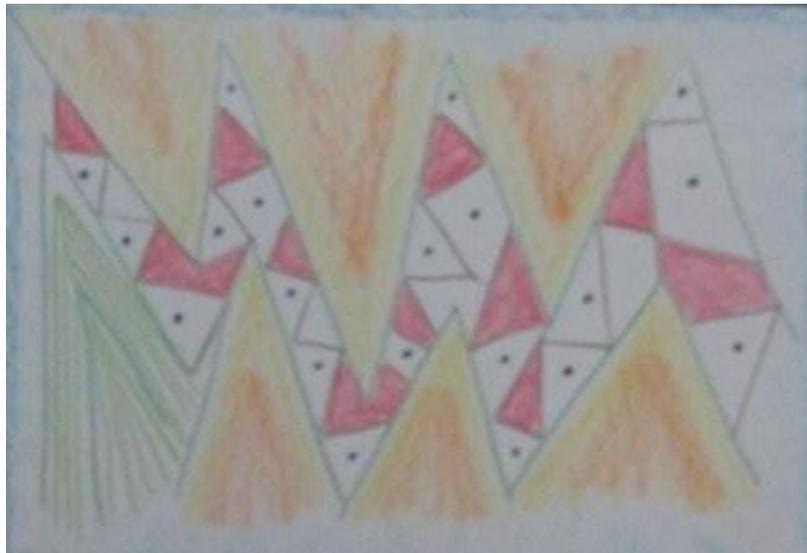
A fecundidade dos processos atravessados era visível, mas me deparei novamente com um certo receio de entrega ao processo, como mostra o trecho em meu caderno:

É comum em nossos encontros as participantes interromperem a todo momento para anotar referências, fontes, etc. Sugeri que, ao invés de empreender esforço em capturar para repassar, que aproveitassem esses momentos para se entregarem, para vivenciarem, para se permitirem também serem cuidadas. O que observei pela reação corporal foi como uma retirada de um fardo dos ombros. (20/09/2017)

Silvia chegou a mencionar que em sua escola alega que está fazendo um curso. Se não chamasse de curso, poderia não ter a permissão de participar. Por isso se preocupa em capturar informações para depois poder fazer uma espécie de relatório ou prestação de contas.

A dificuldade em participar, que se apresentou ao longo do projeto de pesquisa em faltas, atrasos, necessidade de saída antecipada, me faz suspeitar de uma espécie de preconceito na criação de espaço de si, como algo não importante. Tive a sensação de identificar uma dose de culpa em algumas participantes por viverem a leveza, a beleza, o mergulho introspectivo.

Schirley, diante de sua produção plástica, escreveu uma poesia em seu caderno:



Imagens 52 e 53: Entrelaçando linguagens

*Nas voltas, retas e curvas.
Nas retas contornos e voltas.
Às vezes retas às vezes curvas.
Contorno (ao meu redor)
nas voltas e curvas
Retorne a minha reta
no contorno da vida me curvo!* (Schirley, 20/09/2017)

3 - Contenção exposta	
Data	27/09/17
Atividade	Colagem de areia colorida em suporte de isopor
Materiais	Areia colorida, bandejas de isopor, cola
Estímulo	Variada literatura infantojuvenil aplicável a todas as idades
Danças	Murucututu, Eu morava na areia, Lute Lute, Al Achat, dança do sol
Símbolos evocados	Olhos, palmeira, mandala, coração

No terceiro encontro, espalhei diversos livros infantojuvenis, para serem degustados, manuseados, lidos e escolhidos.



Imagens 54, 55, 56, 57 e 58: Mosaico arteiro 3

Após a seleção, foi oferecida areia colorida para uma produção plástica. Isabella agarrou-se à *Selvagem*, de Emily Hughes; Schirley encantou-se com *Ana, Guto e Gato dançarino*, de Stephen Michael King; Silvia escolheu *O coração e a garrafa*, de Oliver Jeffers e Renata foi tocada pela *A força da palmeira*, de Anabela Lopes.



Imagem 59: Escolhas do afeto

Em meu caderno, registrei:

Percebo que há um fio tênue que liga as escolhas e expressões vivenciadas neste dia: a contenção da expressão. Dentre as personagens, Ana não produzia suas artes, uma mulher tinha o coração engarrafado para não sofrer, a Palmeira crescia para baixo e a Selvagem sofria com a tentativa de domesticação. [...] Ficou evidente um processo condicionante que contém, repreende e não permite o fluxo e a autenticidade. (27/09/2018).

Essa contenção foi percebida por Isabella, como mostra seu registro:

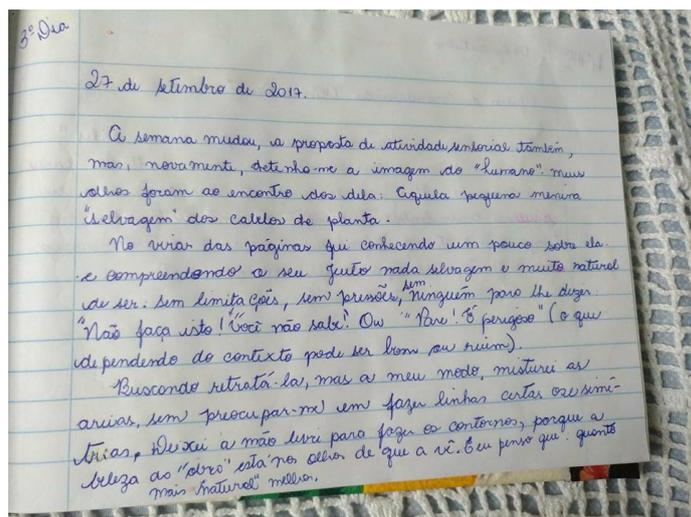
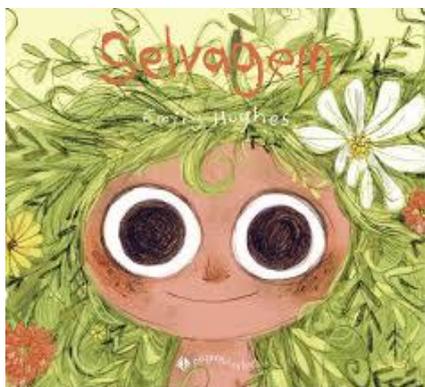


Imagem 60: Fiapos de voz

[...] Meus olhos foram ao encontro dos dela: aquela pequena menina 'selvagem' dos cabelos de planta. No virar das páginas fui conhecendo um pouco sobre ela e compreendendo o seu jeito nada selvagem e muito natural de ser: sem limitações, sem pressões, sem ninguém para lhe dizer 'Não faça isto! Você não sabe' ou 'Pare!' 'É perigoso' (o que dependendo do contexto pode ser bom ou ruim). Buscando retratá-la, mas a meu modo, misturei as areias, sem preocupar-me em fazer linhas certas ou simetrias. Deixei a mão livre para fazer os contornos [...]. (Isabella, 17/09/2017).

Percebe-se em sua narrativa um reconhecimento de que o chamado "selvagem" pode ser simplesmente algo coerente com sua natureza. Talvez inspirada pela personagem, Isabella parece ousar permitir o fluxo expressivo, guiada pela liberdade das mãos. Ela reconhece que: "a beleza da 'obra' está nos olhos de quem a vê. [...] quanto mais 'natural' melhor.



Imagens 61 e 62: Reconhecimento e reconexão

4 - Alegria na soltura	
Data	03/10/17
Atividade	Tecelagem de “Olho de Deus”
Materiais	Lãs coloridas, palitos de madeira, tesoura
Estímulo	Lições de Feitiçaria, de Rubem Alves e Feito à mão, de Lygia Bojunga.
Danças	Lute Lute, Al Achat, Boi de Mamão, Dans Vanietais. Oficina de Carimbó, no Festival Interculturalidades na UFF
Símbolos evocados	Quadrado, mandalas, olhos

No quarto encontro, a proposta era produzir “Olhos de Deus”, com lã colorida. “Olho de Deus” é uma mandala considerada talismã que, simbolicamente, relaciona-se com os ciclos da vida na natureza. É de origem da cultura dos índios Huicholes, no México, utilizada como uma oferenda aos deuses para pedir proteção ou favores. Na língua nativa desse povo significa: “O poder de ver e compreender as coisas desconhecidas, ver as coisas como elas realmente são.” (MATTOS, s.d.).

Depois de fazer uma demonstração do início do processo e da forma de conduzir o fio, cada participante entregou-se a tecer sua peça.



Imagem 63: tecelãs

Através da atividade, Joelza resgatou memórias e escreveu:

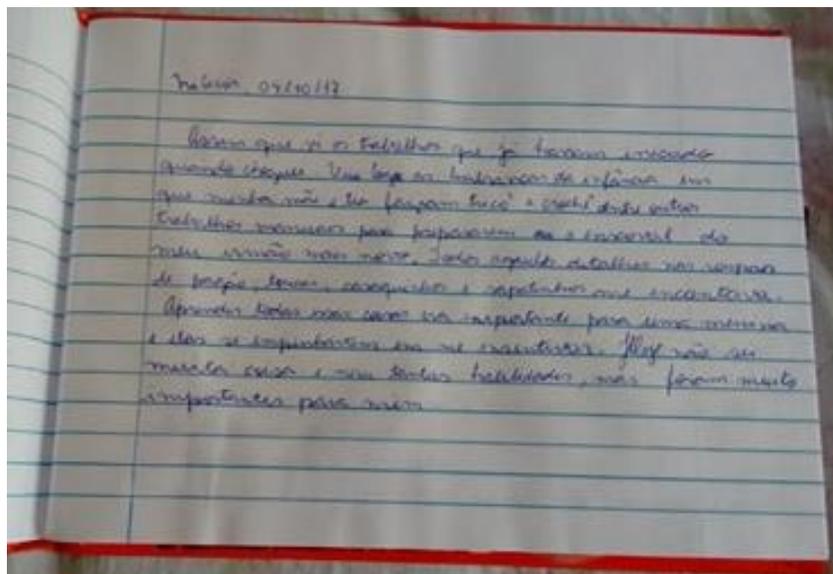


Imagem 64: Murmúrio de memória

Assim que vi os trabalhos que foram iniciados quando cheguei, vieram logo as lembranças da infância em que minha mãe e tia faziam tricô e crochê, dentre outros trabalhos manuais para prepararem o enxoval do meu irmão mais novo. Todos aqueles detalhes das roupas de pagão, toucas, casaquinhos e sapatinhos me encantavam. Aprender todas essas coisas era importante para uma menina, e elas se empenhavam em me ensinar. Hoje não sei muita coisa e nem tenho habilidades, mas foram muito importantes para mim. (Joelza, 04/10/2017).

Schirley, que não seguiu as orientações de feitura, deu fluxo ao seu próprio método, o que resultou num belíssimo formato, o que surpreendeu o grupo. Falamos então sobre a fecundidade dos desvios. Registrei em meu caderno:

Enquanto tecíamos, diante dos “erros”, perguntei: “Por que vocês não experimentam acolher essa transgressão construtiva?” O grupo todo ficou impactado por essa expressão e possibilidade. Quiseram anotar, repetir a frase e, enquanto as mãos trabalhavam, diziam que gostariam de incorporar essa filosofia na vida: da possibilidade de errar como etapa do aprendizado de acolher a incompletude e criar. (03/10/17)

Após a surpresa da beleza das peças produzidas, foi dado tempo para registro no caderno, fizemos uma mandala com as produções e realizamos a partilha.



Imagens 65, 66 67 e 68: Mosaico arteiro 4

Nesse dia, terminamos com 30 minutos de antecedência para participar de uma Oficina de Carimbó, evento que fazia parte do “Territórios da Arte – Interculturalidades”, no próprio Campus Gragoatá da UFF. Registrei a atmosfera vivida na atividade:

Partimos para a quadra e alegria já estava presente no caminho, ao atravessar um vasto campo gramado, com sabor de soltura. Encontramos uma roda animada ao som de uma banda. Mulheres com grandes saias, em círculo, ensinando passos tradicionais da cultura do Pará. [...] Num determinado momento, o vocalista contou que, no Carimbó, todos fazem tudo: cantam, dançam, tocam instrumentos. Lembrou que as pessoas são seres completos, que podem muitas coisas, mas acabam sendo fragmentadas, acreditando que não são capazes de experimentar outras habilidades. Reforçou que errar faz parte e convidou os interessados a vivenciar diferentes atuações na roda. Assisti a vários participantes pegarem as maracas, experimentarem o tambor de percussão. Estar na roda, partilhando a alegria é sentir-se parte de uma grande família. Posteriormente uma das participantes enviou uma mensagem ao grupo: ‘Obrigada gente! Que experiência maravilhosa tivemos hoje’. (03/10/17)



Imagens 69 e 70: Alegria de criança

5 – Brincar: relaxar e expandir	
Data	11/10/17
Atividade	Colagem de materiais descartados
Materiais	Recortes de papéis coloridos, cartões, envelopes, missangas e outras miudezas
Estímulo	Bichos do Lixo, de Ferreira Gullar; Diários de Classe, de Bartolomeu Campos de Queirós; Poesia, de Paulo Leminski e Escritos em verbal de ave, de Manoel de Barros
Danças	Dança do sol, Lute Lute, Hai Chika Chika e Dança da lua
Símbolos evocados	Notas musicais, árvore, criança, grama, baleia, polvo, algas, peixe, navio, avião, gaivotas

No quinto encontro fomos provocados pelo livro *Bichos do Lixo*, de Ferreira Gullar, onde o poeta brinca com recortes que faz de inúmeros materiais que recebe, como: envelopes, catálogos, cartazes, etc. Ao invés de jogá-los fora, como todos fazemos continuamente, ele picota esses papéis e brinca de criar seres inusitados, além de escrever algo diante do revelado. Uma provocação brincante. Nesse dia, fiquei reflexiva diante de um relato de uma das participantes mais assíduas e registrei:

Silvia, ao iniciar o trabalho, mencionou sua sensação de levar um tempo para chegar, para estar inteira, para respirar e entrar na aventura através das mãos. Um tempo para o rito de passagem, de uma dimensão à outra, do externo para o interno. Ela disse: 'A gente vai chegando na gente aos poucos'. (11/10/17)

Constatação que gerou um consentimento silencioso do grupo. Senti como se a lucidez dessa voz interior estivesse ecoando e se amplificando à proporção do silêncio vivido durante as artesanias manuais.

Foram apresentados outros livros: um sobre Matisse para mostrar que a colagem de papéis coloridos foi um recurso plástico utilizado pelo artista e o *Diários de Classe*, de Bartolomeu Campos de Queirós, onde ele provoca uma atividade: descobrir palavras ocultas nas letras do próprio nome e, com elas, criar uma poesia. Silvia parece ter encontrado dentro de si, alguém que a incentiva a ir além, talvez a própria Silvia criança:

*Silvia via Lia.
Vai Lia, vai!
Lia ia, ia, ia.
Aí, Lia via Silvia: vai Silvia, vai!
Silvia ia, ia.
Aí, Silvia via Lia. (Silvia, 11/10/2017).*



Imagens 71 e 72: Descobertas no resgate

Isabella, enquanto criava imagens com os recortes, contou que, como docente de educação infantil, ficava impressionada como as crianças viam recursos de brincadeira em tudo: num pedaço de papelão, numa folha amassada, num galho, nas variadas possibilidades diante da lama. Ela falava de forma entusiasmada, afirmando convicta que jamais se deve subestimar a percepção, a inteligência e a capacidade de uma criança. E seu processo criativo foi revelador.



Imagem 73: Espaço para o inconsciente

Em seu processo, as imagens foram emergindo e foi muito simbólica a necessidade de uma folha a mais, para representar o fundo do mar, o desconhecido, o invisível, que possui tantas riquezas, assim como o que pulsa no inconsciente.

Ela brinca com os pedaços de papéis que também cola em seu caderno, transformando-os em guarda-chuva, peixe e letra A (de Amor).

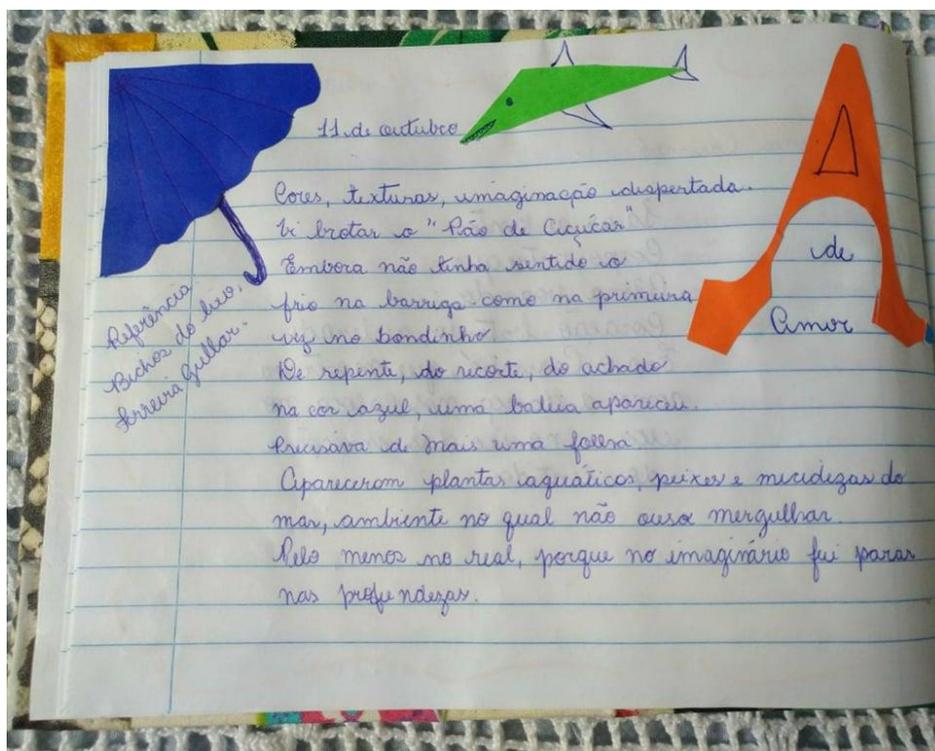


Imagem 74: Ateliê ambulante

Em seu caderno podemos ler:

Cores, texturas, imaginação despertada. Vi brotar o 'Pão de açúcar', embora não tenha sentido o frio na barriga como na primeira vez no bondinho. De repente, do recorte, do achado na cor azul, uma baleia apareceu. Precisava de mais uma folha. Apareceram plantas aquáticas, peixes e miudezas do mar, ambiente no qual não ousa mergulhar. Pelo menos no real, porque no imaginário fui parar nas profundezas. (Isabella, 11/10/2017).

6 – Encontro com o inesperado	
Data	18/10/17
Atividade	Pintura projetiva com as mãos
Materiais	Folhas A3, guache
Estímulo	Farto acervo de livros de poesia para perambulação literária
Danças	Zambaba, Dambala, Vine, Peras Stous Peras Kambos, Ód lo Ahavti Dai, Elm, Ancient Mother, Pradesh, Dança da Lua e Babanam Kevalan
Símbolos evocados	Coração, mandala, borboleta, altar, árvore, rios, olhos, verde

No sexto encontro, vivemos talvez um dos recursos expressivos mais impactantes em nossa travessia: a pintura projetiva. A proposta era utilizar tinta guache em abundância em apenas uma metade de folha A4 e posteriormente dobrá-la. Pude perceber, comparativamente com outras modalidades expressivas, a pintura como uma potente geradora de símbolos e projeções do inconsciente, além de seu efeito apaziguador do estado interno. Durante o processo, cada uma adotou uma estratégia: Silvia usou água para dissolver os nódulos de tinta. Renata colocava um dedo em cada pote, ficando com a mão colorida. Joelza ia desenhando caminhos; Isabella, uma mandala. Schirley buscava utilizar todo o espaço disponível. Diante do fechar e abrir, todas, sem exceção, surpreenderam-se. Umas positivamente, outras negativamente. As projeções foram instantâneas.

Nas partilhas, ficou evidente a pluralidade de leituras, pois o autor de cada pintura compartilhava seus significados e impressões, que eram ampliados pela diversidade do olhar do grupo. Registrei em meu caderno algumas impressões:

[...] os caminhos de Joelza duplicaram-se harmonicamente, encontrando-se, com olhos atentos na parte superior. Ao descrever, ela parecia ter recebido um bom presságio e ficou em estado de graça. Houve decepção no resultado de Silvia, Renata e Isabella. Silvia sentiu-se frustrada por não ser capaz de controlar o resultado. Após a atividade, foram disponibilizados inúmeros livros de poesias e Silvia escolheu uma de Astrid Cabral: 'Que eu não me arvore/a contradizer o efêmero./Sou artigo perecível./Escrevo na água.' Renata viu o verde invadir seu desenho e dominar tudo. Ela inicialmente até se afastou, pois não queria ver o resultado, ficou desconfortável com ele. Porém, incentivada a dialogar com a imagem e falar sobre ela, Renata ressaltou que o verde, para ela, representa a esperança. Ela possui olhos verdes e nos contou que uma

criança uma vez perguntou se ela enxergava tudo verde. Ela acredita que possui esse filtro da esperança em seu olhar. De todas as participantes, é a que mais tem fome de leitura e escrita. Manifestou sua profunda gratidão e contentamento em ter participado do livro 'Registros na Educação Infantil', organizado por Luciana Ostetto. Isabella estava com uma energia diferente. A reprodução na outra parte da folha foi decepcionante para ela, o que abriu um campo de expressão com outros descontentamentos. Ela contou que se apega muito às crianças da escola e que sente saudade dos alunos do lugar anterior onde trabalhava. Recebeu também críticas em relação ao seu jeito no novo espaço de atuação, que a fez transbordar em emoção e lágrimas. Sua tristeza foi acolhida. Foram partilhadas palavras de apoio e fizemos um abraço coletivo. Cada uma pôde se espalhar para degustar variadas poesias e registrar em seus cadernos, poesias garimpadas. (18/10/17)



Imagens 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81 e 82: Mosaico arteiro 5

7 – Passeio nos sentidos	
Data	01/11/17
Atividade	Fotografias para capturar olhares através de um passeio pelo Campus
Materiais	Celulares com câmera
Estímulo	Poesia “A cebola”, de Pablo Neruda, Conto “Laranja de sobremesa”, de Astrid Cabral e <i>O livro dos abraços</i> , de Eduardo Galeano
Danças	A dança dos quatro elementos, Madre Tierra
Símbolos evocados	Vento, grama, pássaros, verde, mar

No sétimo encontro, fiz provocações poéticas: coloquei uma cebola e uma laranja no centro da mesa e pedi que as participantes descrevessem, com a máxima riqueza de detalhes, o que estavam vendo. Após esgotar pontos de vista, compartilhei trechos da literatura: “Ode à cebola”, de Pablo Neruda e “Laranja de sobremesa”, de Astrid Cabral. O objetivo era incentivar os portais inaugurados através do olhar poético. Partimos então para um passeio pelo Campus da Universidade num convite a olhar para os detalhes do caminho com vagar, como se os víssemos pela primeira vez, com olhos de poeta. A proposta era também capturar iluminuras fotográficas.



Imagem 83: Sabor da infância

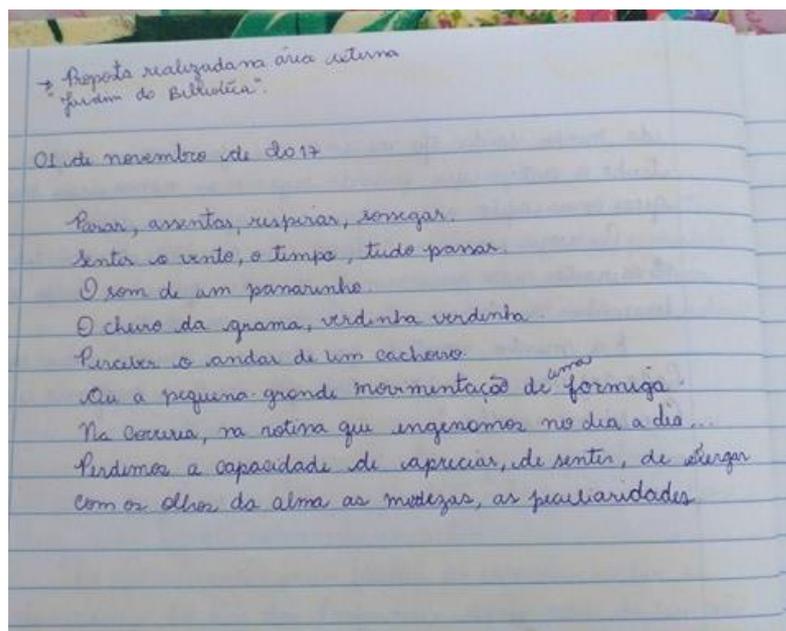
Logo na saída da creche, havia uma árvore com coquinhos cor de laranja, que fez Silvia lembrar do sítio da avó, das brincadeiras, do aroma, do sabor. Percebemos e sentimos o quanto o sensorial ativado fermenta instantaneamente as memórias.

No meu caderno, registrei uma pergunta de Alcione: “*Como se fotografa o vento?*”. Lembrei-me instantaneamente de Manoel de Barros e qual foi minha surpresa, quando ao folhear a Poesia Completa do poeta, encontrei os versos: “Querida transformar o vento./Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.” (BARROS, 2010, p. 384). Fiquei comovida com a ressonância. Como é gratificante arar o campo do sensível!

Ao final do passeio em devaneio, sentamos no gramado, próximo ao mar. Foi dado um tempo para o silêncio, para os sentidos, para o vazio, para a escrita. As produções foram partilhadas e surpreendi-me ao constatar que todas as três foram feitas em forma poética.



Imagem 84: *A poética do espaço*



Imagens 85: Sopros escritos

Parar, assentar, respirar, sossegar./Sentir o vento, o tempo, tudo passar./O som de um passarinho./O cheiro da grama, verdinha verdinha./Perceber o andar de um cachorro/ou a pequena grande movimentação de uma formiga. Na correria, na rotina que engendramos no dia a dia... perdemos a capacidade de apreciar, de sentir, de enxergar com os olhos da alma as miudezas, as peculiaridades. (Isabella, 01/11/2017).

O ar, o vento, o verde, o mar. O tempo passa e a gente nem vê. Quando vê, lá foi ele. Parar, pensar no nada, onde tudo está. E quando você percebe, já era para ter percebido, que não havia percebido. E o que tem valor realmente? Talvez aquilo que para o mundo não valha nada. O valor está no seu olhar. A criança sim consegue ver o que eu não vejo: a liberdade livre de juízos, a liberdade pura, o simples ser. (Silvia, 01/11/2017).

Percebe-se uma recorrência da valoração através do olhar das grandezas do ínfimo, da apropriação da maestria da criança.

8 – Modelar para a-cor-dar	
Data	08/11/17
Atividade	Modelagem
Materiais	Biscuit colorido, tesoura
Estímulo	<i>Poemas</i> , de Mia Couto e caderno “Inventário da infância”, de Gabriela Romeu.
Danças	Dança do sol, Elm, Jacu e Allunelul
Símbolos evocados	Sereia, pássaros, flores, cabeça, ovos, colorido

No oitavo encontro a proposta era modelar biscuit. Nesse encontro, o tema que emergiu foi o desafio e riqueza da inteireza do ser.



Imagens 86, 87, 88, 89, 90: Mosaico arteiro 6

Capturei fragmentos do vivido em palavras:

Em silêncio, as mãos tateavam cores, formas e desejos. E os símbolos começaram a emergir. Silvia estava agitada, por tentar remanejar um exame médico para participar da aula e conseguir alguém para pegar sua filha na escola. Ela, que esteve tão presente em todos os encontros, parecia que não estava lá. Era como se apenas o corpo estivesse chegado, mas a atenção e a energia estavam fugidias, em outro lugar. O fato provocou essa reflexão do quanto nos colocamos fragmentados diante dos compromissos [...], como se a alma estivesse distanciada do corpo. O grupo seguiu suas produções e explorações. Ficamos encantadas com a beleza plástica das peças. As provocações do 'Inventário da Infância', elaborado pela pesquisadora Gabriela Romeu, que levei para mostrar ao grupo, fez acender os fios de memória e narrativas. Foram evocados os cheiros, os sabores, as texturas, os territórios do brincar, as cantigas, os quintais da infância. Joelza contou que brinca muito através de sua atuação docente. E refletimos como a criança é inteira em tudo o que faz, presente em cada detalhe, que parece ser um portal para a imensidão. Olhar liberto e brincante de poeta. (08/11/17).



Imagem 91: Ciranda das produções

9 – Colorido revelado	
Data	29/11/17
Atividade	Confecção de brinquedo popular e desenho
Materiais	Lápis de cor, papelão, tesoura, fita durex colorida, “papel mágico” (de superfície preta e fundo colorido), espetos de madeira
Estímulo	<i>Desaplanar</i> , de Nick Sousanis e <i>Registros na educação infantil: pesquisa e prática pedagógica</i> , organizado por Luciana Ostetto
Danças	Ancient Mother, O canto das ancestrais, Kore/Perséfone e Madre Tierra
Símbolos evocados	Pássaro, círculo, lua, labirinto

No nono encontro, cada participante foi convidada a trazer um objeto pessoal feito pelas próprias mãos, que revelasse um talento pessoal. Isabella trouxe um cachecol feito em tear manual, técnica aprendida de forma autodidata. Schirley trouxe estandartes costurados e bordados, além de brinquedos populares artesanais e nos ensinou a fabricar um pião com lápis de cor e papelão.

Apresentei o livro *Desaplanar*, de Nick Sousanis, um quadrinista que apresentou sua tese de doutorado em forma de quadrinhos. Registrei:

Folheamos várias páginas do livro, lemos algumas influências sensíveis e imagéticas que inspiraram o autor à transgressão na forma acadêmica. As participantes manifestaram seu encantamento pelo alargamento de possibilidades, a partir do espaço para conhecer novas ideias e movimentos, como um fomento para o fluxo criativo. Ressaltaram o sentimento divino da criação, da capacidade de transformar, de fazer algo belo nascer. Comentaram o desperdício do cotidiano em ocupar tanto tempo nos celulares. (29/11/17).

Levei ainda papel mágico (que possui uma camada preta por cima e multicolorida em baixo), como metáfora de nossas habilidades tamponadas pela falta de tempo, espaço, estímulo. A proposta era criar um desenho expressivo utilizando um palito. A alegria na feitura chamou minha atenção. Elas ficaram genuinamente felizes e geraram registros em seus cadernos de narrativas.



Imagens 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98 e 99: Mosaico arteiro 7

10 – Fim ou começo?	
Data	11/01/18
Atividade	Finalização das atividades, com entrega dos trabalhos, partilha de reflexões, desdobramentos e narrativas registradas.
Danças	Al Achat, Eu morava na areia e Te ofereço paz.
Símbolos evocados	Palmeira, azul, mar, ventos, colorido

E o encontro para finalização aconteceu nos jardins do Solar do Jambeiro. Foi feita uma mandala com cangas para expor os trabalhos realizados ao longo do percurso.

Após as exposições e os relatos, ainda compartilhamos trechos de nossos cadernos de narrativas, dançamos no jardim e lanchamos, celebrando a conclusão do projeto, ao menos parcial, face às ausências de docentes que não puderam comparecer. Registrei em meu caderno:

Renata contou que as atividades a fizeram lembrar de como foi influenciada por sua professora do primário que tinha uma prática pedagógica cheia de afeto e atenção aos detalhes; que quando criança era chamada de 'empadinha', pois se desmanchava toda, tamanha a sensibilidade e fragilidade. [...] Ela destacou sua emoção no dia da vivência do Carimbó, que toda aquela imersão a fez reconectar com suas raízes culturais do Pará e suas memórias corporais e afetivas. Disse que através dos encontros encontrou o livro A força da palmeira, que hoje funciona como um esteio, um conhecimento que dá sustentação às travessias das dificuldades do cotidiano. Ela se surpreendeu ao constatar que, mesmo triste, era capaz de criar beleza.

A surpresa para Schirley foi a explosão de cores e energia em seus trabalhos e reconheceu que são reflexos espelhados e espalhados através de muita vida pulsante. Ficou muito impactada pelas danças circulares, pelo acesso à cultura dos povos através do corpo em movimento, da música. Gostou da descoberta de que o que alguém considera uma 'besteirinha' pode ser um grande pretexto para um relato poético. Ficou cativada pelos detalhes no preparo cuidadoso de cada encontro, na escolha das danças, dos materiais e trechos literários.

Isabella chamou a atenção para a emoção despertada ao lidar com a pintura, que evocou a saudade doída de seus ex-alunos. Relatou que, diante do fato, na semana seguinte à vivência, foi ao encontro deles e fez o rito de despedida e celebração de seu amor por eles. Ressaltou também que os encontros proporcionaram uma vivência do silêncio, que para ela é um grande desafio, pelo alto nível de ansiedade e agitação interna.

Silvia surpreendeu-se com o predomínio da cor azul nas suas produções. Ela achou intrigante o fato de fazer contato com o conjunto das obras, depois de um tempo. Desqualificou algumas de suas produções, como sem energia, sem

cuidado estético. Destacou que, ao longo do curso, aprendeu a reconhecer e respeitar a liberdade de criação das crianças, ao contrário de práticas que presencia diariamente de professores que guiam e controlam a produção dos pequenos. Reconhece que hoje se coloca mais no lugar deles. Contou-nos que o dia que mais reverberou internamente foi aquele em que sentamos em cangas no gramado em frente ao mar, com a sensação de ganhar um respiro em meio aos ventos, ganhando um horizonte. Gostou da poética da partilha, onde cada uma pôde ler suas palavras e ouvir as demais. (11/01/18).



Imagens 100, 101, 102, 103 e 104: Mosaico arteiro 8

A cada fechamento de ciclo, pressenti as ondas das ressonâncias, um campo fecundo que mobilizou o fluxo da vida, como na energia das sementes lançadas ao vento, que guardam toda a potência de uma nova planta no invólucro delicado e protetor da casca. São ciclos de vida-morte-vida contínuos. Acolhi os chamados, num desejo genuíno de aprofundamento.

– V –
ESPIRAIS DE RAÍZES E VOOS

O coração é como a árvore – onde quiser volta a nascer.

Mia Couto (adaptação de um provérbio moçambicano)



Imagem 105: Chegança

Chegada a etapa de aprofundamento dos dados gerados na travessia da pesquisa, respirei fundo, recolhi-me e convidei a lupa do olhar: para as imagens produzidas, para as narrativas registradas em meu caderno e nos cadernos das professoras participantes. Inspirada também pelas orientações recebidas na banca de qualificação do projeto, decidi listar os símbolos acessados através das produções plásticas, pontuando recorrências. Optei por aglutiná-los por temas, conforme demonstra a tabela a seguir:

Tema	Símbolo	Total
Elemento terra, natureza, origens (total 23)	Árvore/palmeira	5
	Raízes	1
	Sementes	1
	Plantas	1
	Terra	1
	Flores	3
	Gramma	2
	Verde	2
	Emaranhado/labirinto	2
	Serpente	2
	Casa	1
	Mesa	1
	Rede	1
Elemento ar, liberdade, leveza, transformação (total 21)	Pássaros	5
	Vento	3
	Avião	2
	Borboleta	2
	Cabelos	1
	Azul/céu	2
	Horizonte	1
	Lua	1
	Notas musicais	1
	Cavalo	1
	Cabeça	1
	Mãos	1

Elemento água, fluidez, imersão, profundidade (total 14)	Mar	4
	Navio/barco	3
	Rio	2
	Baleia	1
	Sereia	1
	Polvo	1
	Alga	1
	Peixe	1
Arquétipo do PUER, ludicidade, autenticidade, expressão vital (total 12)	Olhos	3
	Criança	2
	Coração	2
	Palhaço	1
	Ovo	1
	Colorido	2
	Sol	1
Inteireza, integração, individuação (total 10)	Círculo/mandala	4
	Mundo	1
	Caminho	1
	Alvo	1
	Altar	1
	Quadrado	1
	Família	1

Ressalto a predominância de dois símbolos evocados: da árvore e dos pássaros. Escolhidos, portanto, para o aprofundamento. Adotei como recurso metodológico de investigação o conceito de “amplificação” em Jung, que busca explorar o significado de uma imagem por meio de associações a símbolos universais encontrados na mitologia, nas ciências, na história e nos diversos campos da cultura, com o objetivo de esclarecer e incrementar seu significado metafórico. Como um processo de capturar ressonâncias e semelhanças, ao mesmo tempo desconhecidas e familiares:

A comparação que fizemos transita de uma imagem mais pessoal para uma que é coletiva e cultural; nós nos movemos do menor para um

maior, de alguma coisa bastante conhecida (no sentido de estar próximo) para alguma coisa bastante desconhecida (de longo alcance). A chave parece ser essa qualidade de semelhança essencial. (BERRY, 1974, p. 11)

Essa sensação de ligação entre algo desconhecido e, ao mesmo tempo, profundamente familiar é narrada por Luciana Ostetto, em sua tese de doutorado, diante do que foi tocado através das danças circulares:

Hoje tenho a impressão de que os sons e ritmos estavam lá dentro de mim, que eram músicas conhecidas e ao mesmo tempo desconhecidas, estranhas. Nunca ouvira aquelas composições, mas soavam tão familiares. Onde estaria o elo? Continuo não sabendo, mas a música na dança me remeteu a essa familiaridade estranhada de uma música antiga que me habitava. (OSTETTO, 2006, p. 53 e 54)

A conexão criada através de uma linguagem sensível convida à investigação. O recurso da amplificação possibilita uma leitura da imagem segundo padrões universais, possibilitando um aprofundamento, uma ponte para o inconsciente coletivo. O processo é ressaltado por Jung como fundamental para o fluxo da individuação, como mencionado em seu livro “Memórias, Sonhos e Reflexões”:

Mesmo aquele que adquire uma certa compreensão das imagens do inconsciente, acreditando, porém, que é suficiente ater-se a tal saber, torna-se vítima de um erro perigoso. Pois quem não sente a responsabilidade ética que seus conhecimentos comportam, sucumbirá ao princípio de poder. Disso poderão resultar efeitos destruidores não só para outros como também para a própria pessoa que sabe. As imagens do inconsciente impõem ao homem uma pesada obrigação. Sua incompreensão, assim como a falta de sentidos da responsabilidade ética privam a existência de sua totalidade e conferem a muitas vidas individuais um cunho de penosa fragmentação. (JUNG, 1975, p. 171)

Jung registrou a necessidade de se afastar da vida acadêmica para pesquisar os materiais de seu inconsciente, pois “sentia que era preciso encontrar uma orientação nova, completamente diferente, antes de retomar a palavra, pois me parecia incorreto ensinar a jovens estudantes no momento em que eu próprio me achava num estado de espírito profundamente marcado pela dúvida” (JUNG, 1975, p. 171). A dúvida e o erro foram evidenciados por Jung no percurso do aprofundamento e da aprendizagem, como mostra este outro fragmento:

Na minha prática psicoterapêutica de quase trinta anos acumulei uma série considerável de fracassos, que me influenciaram mais do que meus sucessos. [...] O psicoterapeuta pouco ou nada aprende com os sucessos, principalmente porque o fortalecem nos seus enganos. Os fracassos, ao invés, são experiências preciosíssimas, não só porque através deles se

faz a abertura para uma verdade maior, mas também porque nos obrigam a repensar nossas concepções e métodos. (JUNG, 2007, p. 36).

Para decantar as mensagens, sentidos e reflexões é preciso abrir um tempo-espço dedicado, alargado, com privacidade, silêncio e respeito ao inacabamento que nos constitui. Na travessia do trabalho de campo com as professoras, pude constatar o desafio em acolher o silêncio e o erro. Incluo, portanto, esses dois temas no aprofundamento analítico, pois intuo que devam ser respeitados e acolhidos como veículos essenciais na jornada na educação/ individuação. E, por fim, será abordado o arquétipo do *Puer*, que, ao longo da pesquisa, se revelou como um “catalisador” no processo de individuação.

SILÊNCIO: PORTO DE CHEGADA E PARTIDA

Desafio contemporâneo é viver o silêncio, tanto externo, quanto interno. Fala-se demais, ouve-se de menos. Sem silêncio não há entrega, respiro, aprofundamento. O mais grave é que a falta de silêncio inviabiliza a escuta, de si e do outro. Bartolomeu Campos de Queirós nos ensina a relevância da conquista do silêncio:

O silêncio decifra todos os labirintos. [...] O silêncio é essência. Se o olho do meu avô via, era uma visão em silêncio. Envolvido pelo silêncio, meu avô dispensa os olhos. Abaixava as pálpebras e buscava outras lonjuras. O silêncio era seu bilhete para viagens. (QUEIRÓS, 2004, p. 10-11)

Silêncio não é palavra. Silêncio é oração inteira. [...] o silêncio é porto, onde ancoram o vivido e o sonhado. E do porto do silêncio eu parti para todas as minhas viagens, tanto para o além do firmamento como para o interior de mim. A palavra só se desperta diante do ruído do silêncio. [...] O silêncio é mina, fonte de onde jorra a subversão capaz de ocupá-lo. Não se toca no silêncio, mas, por meio dele, adivinhamos nosso destino. (QUEIRÓS, 2007, p. 19-20)

Nos encontros da pesquisa com as professoras, eu sugeria que fizessem silêncio para permitir uma maior conexão com o processo, consigo mesmas. A dificuldade de silenciar era imensa. Se a escuta é uma habilidade essencial para a docência, como praticá-la se não há espaço algum para o silêncio? A educadora Luciana Ostetto ressaltou e narrou essa dificuldade durante sua pesquisa de doutorado:

Já havia observado desde a minha prática como professora, seja em sala de aula, em palestras ou outras atividades coletivas que entre professores, quando reunidos, a dificuldade em se concentrarem no silêncio é evidenciada. No processo de pesquisa, pude reforçar tal observação. Todos os quatro grupos com os quais dancei demoraram em fazer silêncio, apresentaram dificuldades para se colocar em atitude meditativa, que implicava voltar-se para si mesmo, para o recolhimento. Uma constatação provocativa! O encontro dos professores com o silêncio. Caminho lento. Parar de conversar ao entrarem na roda, dirigindo a atenção para um foco comum, o centro, os passos da dança, foi um aprendizado difícil, sim. Nos primeiros encontros, só barulho, tititi, ruídos. (OSTETTO, 2006, p. 203)

O escritor Caio Fernando Abreu gostava de cuidar do seu jardim e escrevia analogias que encantavam seus leitores. Eu seu livro *Pequenas Epifanias*, por exemplo, revelou: “E tenho medo de atrolhar a terra por dentro: se houver alguma coisa querendo nascer e não houver espaço?” (ABREU, 2006, p. 155). Toda vez que encontro pessoas incapazes de silêncio, de conexão, de entrega, de escuta, lembro dessa imagem de Caio: “terras atrolhadas”.

No Projeto de Extensão em Danças Circulares Sagradas da UFF, onde atuo como focalizadora, a mesma dificuldade de entrega ao silêncio gerou uma roda-desafio, onde toda e qualquer palavra foi proibida. A proposta era experimentar ampliar a percepção através dos sentidos, sem fala. E assim aconteceu, no dia 08 de maio de 2018: foram colocadas as músicas, ensinados e dançados os passos em silêncio absoluto. Muitas se surpreenderam, pois suspeitavam que não seriam capazes. E gostaram. Constatamos, surpresas, que dançamos muito mais (foram programadas 07 e vivenciadas 14 danças), com maior inteireza. Fomos, de mãos dadas, em silêncio, mais fundo e mais alto. Lembrei-me dos versos:

Fez-se um silêncio branco... E aquele que não morou nunca em seus próprios abismos, nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas, não foi marcado. Não será marcado. Nunca será exposto às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema. (BARROS, 2010, p. 82)

No livro *A vida secreta das plantas*, os autores descrevem um “movimento respiratório” no processo da planta gerar a semente, como se a regra básica de sua existência fosse formada de ritmos sucessivos de expansão e contração:

Ao progredir da folha para a flor, a planta sofre um declínio decisivo em sua vitalidade. [...] Em sua mera forma vegetativa, a vida é aqui vista recuando a fim de permitir que ocorra uma manifestação superior do espírito. [...] Após realizar na flor sua obra-prima, a planta atravessa uma vez mais um processo de recuo, localizado agora nos minúsculos

órgãos da fecundação. Finda a fecundação, o fruto começa a inchar. Isso é seguido por uma contração final e extrema na formação da semente no interior do fruto. Na semente, a planta renuncia de tal modo à aparência exterior, que nada parece restar senão uma partícula de matéria organizada. Essa coisinha inconspícua, no entanto, traz em seu âmago o poder de gerar toda uma nova planta. Durante cada expansão, o princípio ativo da planta se faz sentir como aparência visível; durante cada contração, ele recua da corporalidade externa para o que podemos descrever como um estado mais informe, um puro estado de ser. Encontramos assim o princípio espiritual da planta às voltas com uma espécie de ritmo respiratório, ora aparecendo, ora desaparecendo, ora assumindo poder sobre a matéria, ora se retraindo novamente dela. (TOMPKINS; BIRD, 1987, 124-125).

É esse “estado mais informe, um puro estado de ser” que se alcança através da renúncia à ilusão do controle, para permitir uma entrega ao silêncio, ao vazio. Igualmente, quem lida com a terra, sabe que, ao plantar direto, sem pausas, sem descanso, ela seca. Vivemos numa era tecnológica que nos submete a um fluxo contínuo e sem limites de estímulos. Assisto a pessoas incapazes de viver o vazio, continuamente percorrendo imagens de redes sociais em seus mecanismos eletrônicos. Todo um universo de informações está acessível, porém, em que momento o oferecido é digerido, processado, filtrado? Precisamos de respiros, de pausas, de silêncios, de vazios. O silêncio é uma chegada, um espaço para que outras vozes se manifestem, uma disponibilidade ao grande mistério.

Percebo que há práticas diversas que contribuem para a conquista do silêncio, como por exemplo: meditação, Yoga, Tai Chi Chuan, etc; permitir-se ficar quieto, contemplando a natureza por algum tempo. E há outras formas menos óbvias, mas igualmente potentes, que apresentarei a seguir.

Início pelo ato de escrever, e quem chamo para conversar a respeito é Lygia Bojunga (2015, p. 103):

À medida que fui andando pela vida, tropeçando daqui, acertando o passo de lá, mas sempre perseguindo o meu caminho, fui me dando conta de que a crítica que me faziam, desde que eu era deste tamanho (a de que eu era um ser impaciente e inquieto demais), estava certa. Eu era mesmo. Mas, dentro do meu mar de inquietação e impaciência, um belo dia enxerguei claro uma ilha calma: a da escrita. Mexer com letras – quando pequena, formando desenhos; depois formando palavras – me fazia ficar quieta.

Acredito que todos deveríamos empreender esforço em encontrar os caminhos para essa “ilha calma”.

Já a dança circular exige dos partícipes uma entrega de corpo inteiro, de mãos dadas na roda, sem plateia, atentos ao momento exato do início e do fim da dança, aos ritmos e sequências dos movimentos, ao que se passa interna e externamente. Nela constatamos que, se não for dada atenção plena a cada passo, erramos. Por esse motivo, as danças circulares são consideradas meditativas, não importa se lentas ou aceleradas. Elas exigem um estado de presença a cada instante. O pensamento fugidio se revela no abandono da conexão. Ao falar, ou deixar o pensamento ir para outro lugar, desconectamos e perdemos o compasso. Na dança, as fragilidades tornam-se públicas, o que requer a atitude de acolhimento do erro e do inacabamento inerente à condição humana. Em sua pedagogia, é preciso vivenciar as danças inúmeras vezes para que o aprendizado seja incorporado, para que raízes mais profundas sejam criadas. Dessa forma, o que sinto e observo na experiência com as danças circulares é que elas contribuem fortemente para a conquista do silêncio.

Anna Marie Holm, uma artista plástica contemporânea dinamarquesa, educadora, afirmou: “Enquanto você cria, você está conectado, não no produto final, mas no processo criativo.” (HOLM, 2005, p. 11). Manusear as diferentes materialidades no processo de criação requer presença: “cada material artístico fala alguma coisa para você” (HOLM, 2005, p. 55). Nesse diálogo interno através das sensações, o silêncio ara quintais brincantes de possibilidades.

Esses recursos (a escrita, a dança circular e expressão através da arte) foram ofertados para as professoras participantes da pesquisa, e geraram narrativas que os legitimaram como caminhos para o silêncio, para a conexão interior e para a inteireza. Isabella, por exemplo, no dia do fechamento dos encontros realizado no Solar do Jambeiro, ressaltou que os encontros do “Estúdio do Sensível”, principalmente a dança circular e as atividades expressivas, proporcionaram uma vivência do silêncio, que para ela representava um grande desafio, pelo seu alto nível de ansiedade e agitação interna. No dia 20/09, quando cheguei cedo para a preparação do espaço, encontrei Angélica sentada no banco do jardim da creche, esperando e contemplando a natureza. Ela comentou o quanto estava sendo bom ter esse espaço, de intervalo. Contou-me que já vem devaneando pelo caminho, que chega cedo para se aquietar, esvaziar, observar a natureza. Confessou que assim pode, por alguns momentos, respirar e relaxar da dureza do cotidiano. Na atividade proposta nesse dia, Angélica escolheu a obra “Menino Morto”, da série retirantes de Portinari e verbalizou a dor sentida no encontro com a imagem, por

conta da desnutrição revelada, não apenas de alimento, mas também de outras formas de dignidade.

O ambiente onde os encontros foram realizados favoreceu essa atmosfera, pois o local era cercado de natureza e no horário da vivência havia silêncio. O término dos encontros coincidia com pôr do sol. No dia 20/09, dançamos ao ar livre a “Dança do Sol”, de Bernhard Wosien, uma coreografia explicitamente meditativa, que chama ao recolhimento. Algumas docentes tiraram os sapatos e experimentaram a conexão direta dos pés com a terra, de mãos dadas na roda, vivendo a alegria do instante.

Percebo que ritualizar os tempos e espaços, marcar transições, celebrar conquistas, são importantes elementos do processo de entrega e inteireza, como pausas no fluxo incessante em que estamos imersos no cotidiano. Um exemplo nesse sentido foi a narrativa de Renata, no dia 27/09, que nos contou de sua alegria ao participar do lançamento do livro “Registros na educação infantil: pesquisa e prática pedagógica”, organizado por Luciana Ostetto (2017), que a fez experimentar um outro lugar: de reconhecimento, escuta, valorização e afeto. Um marco diante de uma conquista significativa.

E foi Silvia, na vivência do dia 11 de outubro, que bem traduziu o percebido nas docentes e em mim mesma: mencionou a sensação de levar um tempo para chegar, para estar inteira, para respirar e mergulhar na aventura de usar as mãos como veículo de criação. Reforçou que precisa de um tempo para viver o rito de passagem de uma realidade à outra, do externo para o interno e constatou: “a gente vai chegando na gente aos poucos.”

Para silenciar o tema, só a lucidez de uma poesia:

Põe o ouvido no chão
e interpreta os rumores em volta.
Predominam
passos inquietos e agitados,
passos medrosos na sombra,
passos de amargura e de revolta...
Nem começaram ainda
os primeiros passos de esperança.
Cola mais teu ouvido à terra.
Prende a respiração.
Solta as antenas interiores
- o Mestre anda circulando. (CÂMARA, 1976, p. 55)

O ERRO COMO CAMINHO

O cientista filósofo Marcelo Gleiser afirma, em seu livro *A simples beleza do inesperado*, que o mistério sempre será maior do que a capacidade do homem de alcançá-lo, medi-lo e controlá-lo: “Quando nossa Ilha do Conhecimento cresce, as praias da nossa ignorância, que demarcam a fronteira entre o conhecido e o desconhecido, também crescem. Quanto mais sabemos, mais descobrimos o quanto não sabemos.” (GLEISER, 2016, p. 72). Em sua visão, essa constatação libera a ciência de uma responsabilidade que não deveria ter: de ser a resposta para tudo, assumindo proporções de um saber divino. Ele questiona a crença de que é vantajoso saber de tudo, reconhece a limitação da ciência e recomenda abraçar a dúvida como parceira essencial da mente curiosa. “Qualquer sistema de conhecimento pode e deve falhar. Essa falha é necessária para o avanço do conhecimento. A falha alimenta a mudança e a transformação.” (GLEISER, 2016, p. 32). Esse limite do conhecimento consciente também é apontado por Jung: “Não importa que instrumentos ele empregue; em um determinado momento há de chegar a um limite de evidências e de convicções que o conhecimento consciente não pode transpor. [...] Assim, toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos.” (JUNG, 2008, p. 21). Que espaço há na educação para o acolhimento da dúvida, do erro, da investigação de caminhos não controláveis, desconhecidos?

No repertório das danças circulares temos *Tzadik Katamar*, uma dança tradicional de Israel, conhecida por nós como a dança do sábio e do louco. Ela é cheia de simbologias e oportunidades para aprendizados... no encontro com o erro. Sobre esse encontro, retomo um trecho do testemunho de uma educadora-pesquisadora, que fala sobre os sentidos de dançar pela primeira vez *Tzadik Katamar*:

Parecia feita para mim, para o meu momento (de “crise” com o mundo acadêmico), sob encomenda para chacoalhar verdades estabelecidas. [...] Parece-me que acordei para o louco, para a necessidade de ser louca na universidade para, através dele, prosseguir criando no ofício de ser professora. Adentrar no mundo desconhecido do louco exigia coragem e entrega. [...] E quem está aberto ao erro? Quem fica de frente e de bem com o erro? Difícil. A escola, a academia inclusive e sobremaneira, valoriza apenas o acerto. (OSTETTO, 2006, p. 60)

Considero importante destacar que esse é um dos convites da dança circular: poder errar, seguir pelo universo desconhecido, incerto e aventureiro aberto pelos passos de dança na roda. E para ir em frente, basta não ter medo de errar e, no caso da dança do

sábio e do louco, entregar-se aos seus movimentos complementares. Acompanhando o caminho descrito pela referida pesquisadora, chego também ao dicionário de símbolos, onde encontramos o Louco como uma carta do Tarô que não tem número, se coloca fora do baralho, fora dos muros.

O louco está fora dos limites da razão, fora das normas da sociedade. Segundo o Evangelho, a sabedoria dos homens é loucura aos olhos de Deus e a sabedoria de Deus, loucura aos olhos dos homens: por detrás da palavra loucura se esconde a palavra transcendência. (CHEVALIER, 2012, p. 560).

E é importante ressaltar que ele caminha, avança. Simbolicamente, assim como representado na coreografia da dança, tanto sábio como louco chegam à iluminação. Eles seguem caminhos diversos, mas estão em movimento.

No ofício de psicóloga e biblioterapeuta, constantemente recorro aos versos de Manoel de Barros (2010, p. 374): “A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. [...] Perdoai./Mas eu preciso ser Outros.” Além de Fernando Pessoa, em seu célebre *Poema em linha reta*: “Arre, estou farto de semideuses./Onde é que há gente no mundo?” Eliane Brum (2014, p. 142) faz coro:

Aos poucos percebi que só poderia me colocar diante do outro, de todos os outros, como eu era. Quebrada. Com toda a integridade das minhas fraturas, das quais finalmente fiz um vitral. Uma quebrada diante de quebrados, esse é o pacto em meus encontros públicos.

Um livro infantojuvenil que igualmente é muito utilizado em meu trabalho clínico é *O menino que tinha medo de errar*, de Andrea Viviana Taubman (2012). O protagonista temia participar das aulas na escola e até das brincadeiras, pelo medo de errar. Até que uma fada o leva para visitar o reino da perfeição e ele descobre que lá não há ninguém e, assim, se liberta do inalcançável e passa a participar de tudo. Isso me fez lembrar de um comentário de Ninfa Parreiras, escritora e psicanalista, em abertura de uma oficina de escrita criativa, realizada em Niterói, em junho de 2018. Ela contou-nos que, quando jovem, participou de uma oficina de escrita, com um renomado escritor, que constrangia os participantes com severas críticas, o que comprometeu sua participação, pelo medo de mostrar suas produções. Por conta dessa experiência, em seu discurso de abertura, ela fez um pedido ao grupo para serem acolhedores, respeitosos e generosos com a expressão de cada um. E ela mesma, durante toda a oficina, nos mostrou como é possível aprimorar o conhecimento proposto, com delicadeza.

O personagem D. Quixote, criado por Miguel de Cervantes, era um cavaleiro errante. É a errância que faz sair do lugar. Nos veículos propostos no “Estúdio do sensível”, o erro era não só acolhido, como incentivado, como parte essencial de ousadia de experimentação. Foi o que aconteceu no dia 03 de setembro, quando Schirley adotou um método próprio de feitura do “Olho de Deus”, diferente do padrão orientado, que resultou num belíssimo formato, apreciado pelo grupo. Diante do fato, lancei uma provocação: “por que vocês não experimentam acolher essa transgressão construtiva?” Todas ficaram impactadas pela proposta, quiseram anotar, repetir a frase, disseram que gostariam de incorporar essa filosofia na vida: da possibilidade de acolher o erro, a incompletude da vida e criar, transgredir padrões. Pude perceber que não são incentivadas aos desvios.

Na atividade do dia 11/10/17, diante da leitura da frase: “Distraídos venceremos”, de Ferreira Gullar, no livro *Bichos do Lixo*, Silvia lembrou-se de uma criança de sua turma, de quatro anos, que se movimenta com muita energia e ritmo acelerado. Apesar disso, o menino foi capaz de imitar detalhadamente os trejeitos de uma professora, numa determinada ocasião. Diante do fato, Silvia constatou que ele tinha seus meios de aprendizagem, diferentes do padrão que ela considerava. Uma releitura do que é certo ou errado. Numa outra ocasião, Isabella manifestou que a atividade expressiva solicitada, de fazer um desenho livre, a transportou para o lugar das crianças. Ela verbalizou sua dificuldade em conseguir expressar o que desejava, como uma intenção pulsante e presa numa forma inacabada, em desenvolvimento. Falou da importância do espaço de exploração, de como parece ser um não-lugar, com permissão de errar.

No dia 29/11, foi apresentado o livro “Desaplanar”, de Nick Sousanis, produzido como tese de doutorado em forma de quadrinhos. Degustamos várias páginas do livro, lemos algumas das influências imagéticas que inspiraram o autor à transgressão na forma acadêmica. As professoras manifestaram seu encantamento pelo alargamento das possibilidades, a partir do espaço para conhecer novas ideias e movimentos, como um fomento para o fluxo criativo errante. Cabe enfatizar que nas orientações dos passos das danças circulares, propostas no início e término de cada encontro, era reforçado o acolhimento do erro como fluxo de aprendizagem e leveza.

Na busca de um poema para sintetizar o tema, quem se apresenta é Thiago de Mello (1983, p. 43), em “As ensinanças da dúvida”.

Tive um chão (mas já faz tempo)
todo cheio de certezas
tão duras como um lajedo.

Hoje (o tempo é que o fez),
tenho um caminho de barro
umedecido de dúvidas.

Mas nele (devagar eu vou)
me cresce funda a certeza
de que vale a pena o amor.

A ÁRVORE: RETIDÃO DINÂMICA

Jung constatou, em sua ampla pesquisa, que na psique tudo converge para um centro, daí a força do símbolo da mandala. É clássica uma imagem em que ele aponta para o centro de uma das muitas imagens circulares produzidas por internos do hospital psiquiátrico, diagnosticados com esquizofrenia.



Imagem 106: Rumo ao centro

Uma comprovação de uma dinâmica psíquica integradora, profunda, harmônica, apesar da condição da pessoa fragmentada. “Mandala significa círculo e particularmente círculo mágico.” (JUNG, 2002, p. 29). A mandala integra as polaridades: a unidade e a diversidade: “Da Unidade nasce a multiplicidade. Por trás de toda multiplicidade está a Unidade.” (DAHLKE, 1984, p. 18). Minha surpresa foi deparar-me com uma afirmação de que a árvore é também uma mandala, numa perspectiva transversal:

Entre as formações arquetípicas do inconsciente é comum comparecer a imagem da árvore ou das plantas maravilhosas em geral. Quando se recorre ao desenho para representar tais figuras da fantasia obtêm-se com frequência composições simétricas que em seu corte transversal constituem um mandala. Na medida em que este representa de um modo geral um aspecto do símbolo do si-mesmo, a árvore também significa um aspecto do si-mesmo, no que se refere ao fenômeno do crescimento. (JUNG, 2002, p. 247)

Encontrei essa mesma correlação, em um outro livro, específico sobre mandalas:

Cada mandala é como uma árvore; à sua parte exterior, visível, corresponde outra invisível, mas que existe do mesmo modo. É que só vemos uma das metades da polaridade, embora tenhamos que viver com ambas. Lembre-se dos olhos: não podemos ver muito mais do que a metade do círculo, mesmo com o campo de visão mais amplo. Sendo assim, a outra metade acaba permanecendo na sombra – invisível, mas sempre presente. [...] esse é um conhecimento arcaico de culturas há muito desaparecidas. Desse modo, já era objetivo dos índios ter a cabeça nas nuvens e manter os pés firmemente presos à Mãe-Terra. (DAHLKE, 1984, p. 310).

No universo literário, encontro inúmeras ressonâncias da força do símbolo da árvore nas palavras dos poetas e escritores.

Pelo muito que minha árvore me faz pensar, tenho por ela um respeito desmedido. Passo horas do meu relógio decorando as lições que minha árvore me ensina. Ela não sabe que é minha professora. Aliás, desconfio que minha árvore viva gratuitamente. Eu é que necessito dar sentido à sua existência. Com minha professora verde, eu aprendo que a liberdade me permite até viver num mesmo lugar, a vida inteira, contemplando uma árvore crescendo para o céu. (QUEIRÓS, 2010, p. 32)

Anhanguera

Vieram as chuvas
e o calor acamou o limo
na camarinha das gotas.
O vento passou
trazendo na custódia das sementes
o pólen fecundante.

Nasceu a árvore.
E o Criador vendo que
era boa multiplicou a espécie
em sombras para as feras
em fronde para os ninhos
e em frutos para os homens.
Só depois de muitas eras
foi que chegaram os poetas.
(CORALINA, 2004, p. 84-85)

Casa

Estou enraizando.

Quem acha
que isso é impossível
que venha me visitar.
Deixei de ser humano,
não necessito mais voar.

Estou enraizando.

Agora vou ser árvore,
casa para o meu passado
se abrigar. (PROTETI, 2014, p. 41)

[...] As crianças são como árvores.
Algumas são distraídas, esquecidas e sonhadoras como os álamos com seu pólen, que percorre o ar, soprado pelo vento, até que encontra um lugar para se fixar.
Outras são como os carvalhos: fortes, corajosas, ousadas, mas com um coração tenro dentro de si.
Há crianças delicadas e poéticas como as cerejeiras: cheias de flores coloridas no início e de frutas vermelhas e doces depois.
Algumas são como as oliveiras retorcidas, resistentes e com pequenos frutos que têm de ser espremidos com paciência antes que deles se possa obter um pouco de óleo saboroso.
Outras, por sua vez, são como os pinheiros: aparentemente sempre os mesmos, imutáveis. No entanto, na hora certa, quando você menos espera, estão repletos de belas surpresas.
[...] Existem crianças que são como os castanheiros: tímidos e um pouco fechados, à primeira vista pungentes, mas surpreendentes quando se abrem para o mundo.
Ou crianças como as tílias: mutáveis, dependendo da época, com tantas melancólicas folhas amarelas, perfumadas e atraentes a caçadores de abelhas.
E há crianças que são como os caquizeiros: seus frutos vêm quando todas as outras árvores já perderam suas folhas e se preparam para o inverno, são o alimento favorito de aves-frias. Eles parecem um pouco atrasados, mas estão simplesmente seguindo sua natureza, são árvores à sua própria maneira.
Grande ou pequena, torta ou reta, de tantos tons de verde. Enrico teve a sensação de ver as árvores do parque pela primeira vez. Todas iguais e, ao mesmo tempo, todas tão diferentes.

Como as crianças, pensou, iguais e diferentes, cada uma à sua própria maneira. [...]

Pensou em Paola e entendeu: como as árvores, até mesmo as pessoas têm uma parte escondida e misteriosa que só é possível conhecer se você estiver disposto a tropeçar nelas.

(PARMEGGIANI, 2013, não paginado)

Maria Inez do Espírito Santo cita, em seu livro *Vasos Sagrados*, um trecho do romance *Maíra*, escrito por Darcy Ribeiro, revelando a dinâmica das tramas do vegetal, que precisa se entregar para se integrar, que considero um presente e utilizo de forma recorrente na focalização das rodas de danças circulares, para reforçar a atitude desejada de entrega:

[...] palmeiras que sobem eretas para abrir seus leques mais no alto. Dá gosto subir pelo parafuso troncal acima, sentindo a dor das cicatrizes de tantas folhas que morreram para a palmeira crescer e dar cocos. A ideia das folhas ao processo de transformação do próprio vegetal, já que vão se aderindo, se entregando e se integrando num mesmo movimento, para formar um tronco único, de cuja elevação e desenvolvimento depende a chegada dos frutos e sua perpetuação, faz pensar no movimento de vida e morte presente em todo processo de iniciação e, desse modo, entender a palmeira como símbolo daquilo que é perene. (SANTO, 2010, p. 53-54)

As árvores, em suas múltiplas formas, nos convidam ao devaneio: em sua unidade, sua retidão, seu movimento, seu porte. Mas também em seu dinamismo contínuo, silencioso.

Essa unidade de ser vem, sem dúvida, à primeira vista, de seu tronco isolado. Mas a imaginação não se satisfaz com essa unidade de isolamento, com essa unidade formal e externa. Deixemo-la proliferar, deixemo-la viver, e pouco a pouco sentiremos em nós mesmos que a árvore, ser estático por excelência, recebe de nossa imaginação uma vida dinâmica maravilhosa. Surda, lenta, invencível impulso! Conquista de leveza, fabricação de coisas voantes, de folhas aéreas e frementes! Como a imaginação dinâmica adora esse ser sempre ereto, esse ser que não se deita jamais! (BACHELARD, 2001, p. 211)

Jung, diante de inúmeras imagens de árvores produzidas pelos pacientes psiquiátricos, procurou amplificar seu simbolismo, buscando conhecimentos históricos da árvore filosófica, arquetípica:

As associações mais frequentes no que diz respeito à árvore são: o crescimento, a vida, o desdobramento da forma sob o ponto de vista físico e espiritual, o desenvolvimento, o crescimento de baixo para cima e vice-versa, o aspecto materno (proteção, sombra, fronde, fonte de

vida, firmeza, duração, enraizamento e também impossibilidade de mudar de lugar), idade, personalidade e finalmente morte e renascimento. (JUNG, 2002, p. 265-267).

Ao aprofundar, ele foi acessando um universo inesgotável de desdobramentos e significados profundos: a árvore do paraíso, a árvore invertida, a árvore com o pássaro, o nome feminino da árvore, a árvore do conhecimento, a árvore como ser humano, dentre outros instigantes convites ao aprofundamento.

Na medida em que a árvore simboliza a *opus* e o processo de transformação ‘moral e fisicamente’, é igualmente óbvio que significa um processo vital de ordem geral. Sua identidade com Mercurius, o “*espíritus vegetativus*”, confirma esta concepção. Uma vez que a árvore representada pela *opus* é um mistério de vida, morte e renascimento, esta interpretação cabe igualmente à “*arbor philosophica*” e, além disso, à qualidade da sabedoria que dá uma preciosa indicação à psicologia. Já há muito tempo, a árvore era considerada como o símbolo da gnose e da sabedoria. (JUNG, 2002, p. 332).

Bachelard igualmente reconhece a amplitude do simbolismo da árvore. Há um capítulo seu chamado “A árvore aérea” que revela:

A vida imaginária vivida em simpatia com o vegetal demanda todo um livro. Os temas gerais, curiosamente dialéticos, seriam a pradaria e a floresta, a erva e a árvore, o tufo e o arbusto, a verdura e o espinho, a liana e a cepa, as flores e os frutos – depois o próprio ser: a raiz, o caule e as folhas – depois o devir marcado pelas estações floridas ou despojadas – e enfim as forças: o trigo e a oliveira, a rosa e o carvalho – a vinha. (BACHELARD, 2001, p. 207).

O filósofo defende que o contato com o mundo vegetal leva a um devaneio particular: “O devaneio vegetal é o mais lento, o mais repousado, o mais repousante dos devaneios.” (BACHELARD, 2001, p. 207).

Cabe ainda dizer que, em 2012, o Museu de Imagens do Inconsciente dedicou um ano inteiro para estudar os simbolismos da árvore, sob plurais perspectivas, inclusive com análise dos desenhos de árvores produzidos no ateliê do Hospital Psiquiátrico Pedro II. Participei de alguns encontros do grupo de pesquisa coordenado por Gladys Schincariol. A experiência deu-me a dimensão dos vastos campos a serem investigados.

Nas produções plásticas das professoras, o símbolo da árvore emergiu.



Imagem 107: árvore primeira

Silvia ressaltou um coqueiro como símbolo de um grande objetivo a ser alcançado com apoio. [...] Schirley compartilhou uma imagem que, para ela, remetia a uma busca interior (raízes), e outra que mostrava mãos aos céus, clamores, como pedido de conexão com o sagrado (folhas). Esses fragmentos foram narrados no caderno de ressonâncias no dia 13/09/18.

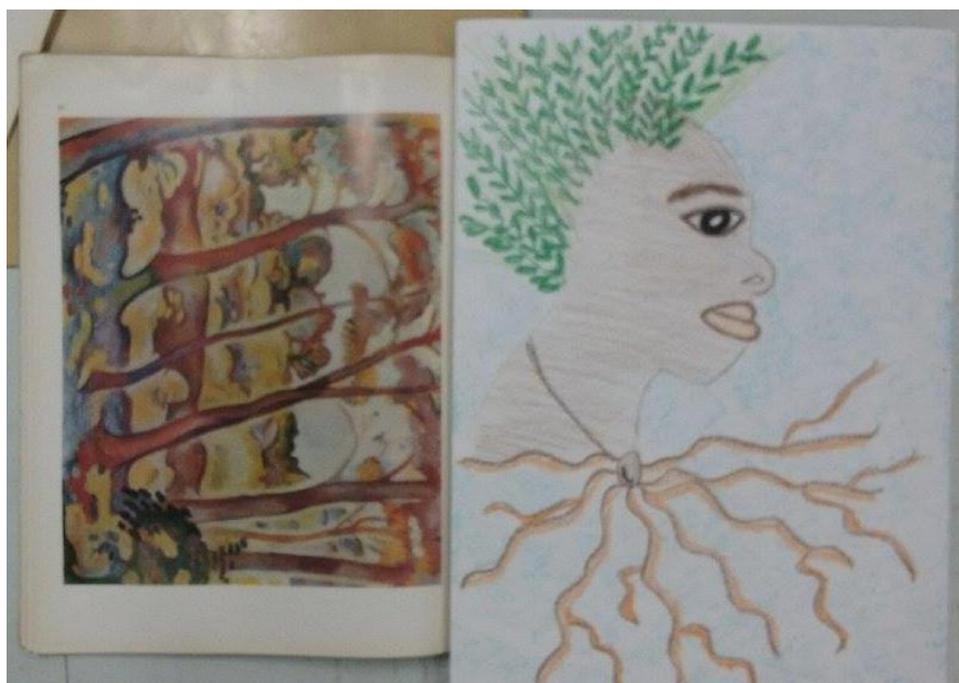


Imagem 108: ser árvore

Renata, na atividade proposta no dia 20/09/17, ao escolher a obra “Paisagem de La Ciolat”, de Braque, comentou sobre o preconceito que os negros sofrem e de sua opinião que são eles que carregam a semente da nossa terra, de sua conexão com a natureza e a ancestralidade, que eles são estruturas fortes e cheias de sensibilidade, como as árvores. Em seu desenho há a semente de onde partem raízes e os cabelos são como plantas brotando. Na semana seguinte, foram ofertados vários livros infantojuvenis para escolha. Renata [...] optou pelo “A força da palmeira”, que conta a história de uma pequena palmeira que foi oprimida por uma pedra colocada por um homem. Sem possibilidade de crescer para cima, ela o faz para baixo e expande raízes profundas, até alcançar mananciais de água subterrâneos. Assim, se fortalece e cresce (levando a pedra) até tornar-se uma palmeira rainha. Sua produção plástica foi uma palmeira, numa superfície de isopor preto, semelhante à capa do livro.



Imagem 109: palmeira

No dia 01 de novembro, conforme já comentado no capítulo 4, foi feito um convite a passear pelo Campus, com tempo para olhar os detalhes do caminho inspiradas pelos poetas e capturar imagens através da fotografia. Nossa primeira parada foi em frente a uma árvore que transportou Silvia, instantaneamente, à infância e a fez acessar sabores, aromas e memórias.



Imagem 110: árvore da infância

As árvores se apresentaram também diante de uma outra atividade proposta: de desenho no “papel mágico”, ou seja, um papel multicolorido com uma camada negra por cima que, ao riscar com um palito de madeira, as cores vão se revelando.

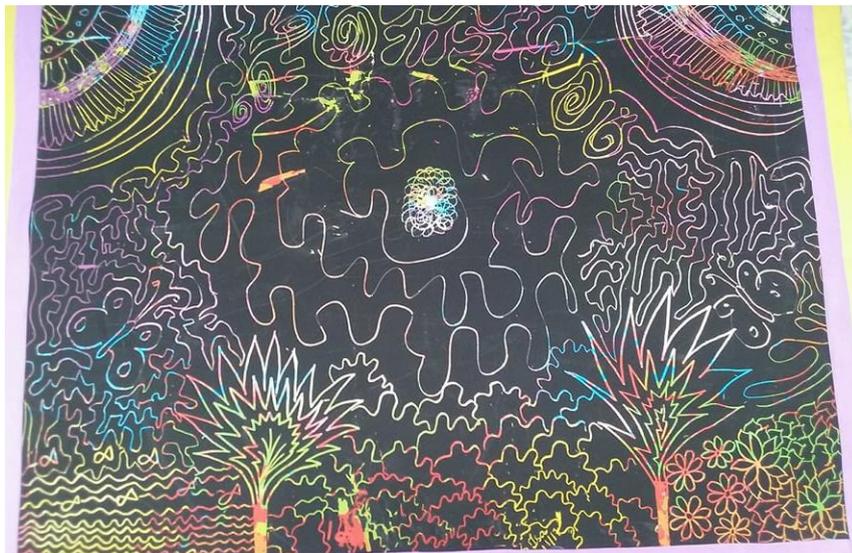


Imagem 111: árvores reveladas

As narrativas orais, textuais e imagéticas, além da pesquisa do símbolo da árvore, fazem-me acreditar que ela seja estruturante no caminho da individuação. E uma frase de Jung integra os símbolos da árvore e dos pássaros, iluminando-os com um percurso da inteireza: “A árvore com o pássaro representa a obra e sua plenificação.” (JUNG, 2002, p. 308). E o que será que os simbolismos do pássaro podem nos indicar?

OS PÁSSAROS: DESEJO DE VOO

Durante os dez encontros realizados no projeto do Estúdio do Sensível, além de minhas próprias vivências relatadas no memorial, percebo uma repressão violenta da natureza das pessoas, de seu fluxo criativo, de sua energia vital, da espontaneidade, da autenticidade. Acolho a provocativa pergunta de Anna Marie Holm (2005, p. 15): “Mas por onde anda toda aquela estranha, misteriosa, feia, desajeitada e incompreensível energia para experimentação, tão natural nas crianças? A verdadeira energia criativa.” As habilidades sensíveis vão sendo abandonadas silenciosamente, minando os campos da esperança, como narra Mia Couto (2011, p. 8):

A esperança é a última a morrer”. Diz-se. Mas não é verdade. A esperança não morre por si mesma. A esperança é morta. Não é um assassinio espetacular, não sai nos jornais. É um processo lento e silencioso que faz esmorecer os corações, envelhecer os olhos dos meninos e nos ensina a perder a crença no futuro.

A imagem que me vem é de um pássaro na gaiola ou com asas cortadas ou amarradas. Essa contenção gera um conteúdo intrapsíquico que não se dissolve, que borbulha no inconsciente. Se não encontrada uma via de expressão (a arte é um excelente veículo para tal), essa energia se transforma em agressividade e sintomas. Esse mecanismo estaria contribuindo para tanta violência e patologias em nosso contexto contemporâneo? Todos carecemos de mais liberdade e expressão.

Na busca por aprofundamento e amplificação, fui buscar os possíveis significados simbólicos de “pássaro” no Dicionário de Símbolos e encontrei um manancial:

O voo dos pássaros os predispõe, é claro, a servir de símbolos às relações entre o céu e a terra. Em grego, a própria palavra foi sinônimo

de presságio e de mensagem do céu. É essa a significação dos pássaros no taoísmo, onde os Imortais adotam a forma de aves para significar a leveza e a liberação do peso terrestre. As dançarinas rituais são qualificadas pelos brâmanes de pássaros que levantam voo para o céu. Na mesma perspectiva, o pássaro é a representação da alma que se liberta do corpo. [...] Certos desenhos pré-históricos de homens-pássaros foram interpretados num sentido análogo: o levantar voo da alma.

[...]

O pássaro, símbolo da alma, tem um papel de intermediário entre a terra e o céu.

[...]

Nas mitologias centro-asiáticas, siberianas e indonésias, os pássaros empoleirados nos ramos da *Árvore do Mundo* representam as almas dos homens. Devido ao fato de poderem transformar-se em aves, isto é, devido à sua condição de *Espírito*, os xamãs são capazes de voar para a *Árvore do Mundo*, para levar até lá as almas-pássaros. (CHEVALIER, 2012, p. 687-689)

Seguindo no aprofundamento, Bachelard fala do processo de verticalização do ser: “[...] quem não sobe, cai. O homem, enquanto homem, não pode viver horizontalmente. Seu repouso, seu sono é quase sempre uma queda.” (BACHELARD, 2001, p. 11). O filósofo nos revela que os fenômenos aéreos nos darão lições importantes sobre subida, ascensão e sublimação. E traz a imaginação dinâmica como um amplificador psíquico, alimentada pela palavra que ao mesmo tempo sonha e pensa. É a “Poética das asas”, um dinamismo de sopro brando alimentado pela vontade e pela imaginação: “À imaginação que ilumina a vontade se une uma vontade de imaginar, de viver o que se imagina.” (BACHELARD, 2001, p. 112). Ele apresenta cimos, árvores e pássaros como imagens indutoras, com capacidade de imaginar e sublimar, de impelir à ação. No livro *O ar e os sonhos*, Bachelard cita Nietzsche, que concebe o voo como um processo de imaginação dinâmica: “Quem quer aprender a voar um dia deve primeiro aprender a ficar de pé, a andar, a correr a saltar, a subir e a dançar: não se aprende a voar de repente!” (BACHELARD, 2001, p. 143). Ao ler esse trecho, lembrei-me imediatamente das vivências das danças circulares. Percebo o quanto são fundamentais como caminho de leveza e soltura, uma pedagogia ascensorial que integra os múltiplos corpos e, através da imaginação dinamizada, prepara voos. Não é fácil sair dos condicionamentos aprisionantes. “O peso não está sobre o mundo, está sobre nossa alma, sobre o espírito, sobre o coração – está sobre o homem.” (BACHELARD, 2001, p. 160). O filósofo que defende a poesia como veículo de acesso à leveza, aos sonhos primitivos, ao despertar de

imagens primeiras, ressaltando, entretanto, uma necessidade de lentidão: “Como é falsa essa literatura que apressa tudo, que não nos deixa tempo para ler as imagens! Ela não nos dá, sobretudo, tempo para prolongá-las na sequência normal dos sonhos que toda leitura deve suscitar.” (BACHELARD, 2001, p. 184). Ele fala de um absoluto da lentidão como condição da observação, que confere um caráter suave e tranquilo.

Os pássaros sobrevoaram as produções do “Estúdio do Sensível”, em diferentes dias, propostas e materialidades. Inicialmente através de gaivotas voando em pares, tanto na colagem, quanto no desenho. Elas passeiam pela vastidão do céu, leves, livres.



Imagem 112: gaivotas



Imagem 113: mais gaivotas

Na modelagem, o pássaro foi retratado de diferentes maneiras: com asas abertas, fechadas, com presença de ovos (vida nova).



Imagem 114: pássaro



Imagem 115: ave e ovos

Numa outra expressão, o pássaro exibe penas de muitas cores e está enquadrado, com os pés nas folhas verdes. Um sol também é representado no céu:



Imagem 116: ave nave

O símbolo do pássaro branco de asas abertas apareceu no dia em que foi incentivado que as docentes compartilhassem peças feitas à mão, que demonstrassem suas habilidades artesanais.



Imagem 117: pomba



Imagem 118: Espírito Santo

A presença do símbolo do pássaro nas produções das docentes indica, no meu entender, uma busca pela polaridade reprimida: da leveza, da liberdade, da elevação, da conexão com a alma e o espírito. O compartilhamento das travessias funciona como um catalizador do processo, pelos espelhamentos gerados, incentivos às solturas. Resgato um trecho do livro *Planta rei* de Luciano de Crescenzo, iluminado por Cortella (2014, p. 62): “Somos todos anjos de uma asa só; e só podemos voar quando abraçados uns aos outros.”

Se a educação foi submetida ao primado da razão por tanto tempo, é o momento de integrar a polaridade constelada: de criar espaço para a imaginação, a fantasia, a sensibilidade, o inconsciente, os múltiplos corpos. É essencial a criação de um espaço-tempo para contato com essas dimensões sensíveis, para educação do coração imaginativo, de sensibilidade mitológica, numa perspectiva mais ampla provedora de coesão e sentido à multiplicidade de experiências, que se desorganiza e se reorganiza de forma orgânica. É preciso criar refúgios e continentes para o cultivo da alma, acesso às histórias arquetípicas, padrões comuns, modelos a se inspirar, para alcançar uma vida degustada como obra de arte, numa consciência ativa, sonhadora e imaginante.

Ainda que o direcionamento da pesquisa estivesse voltado aos docentes de educação infantil, pergunto-me se esse espaço e recursos não seriam importantes na formação docente de outras faixas etárias? Encontrei um trecho num livro que pareceu iluminar a escuridão do emaranhado que circulava internamente: “A esfera do poeta é a alma. Toda a alma. Acima da alma está o espírito, que não tem nenhuma necessidade de poetas. Se o espírito tem uma necessidade, é de profetas.” (TSVETAEVA, citada por TODOROV, 2014). A alma precisa de poetas. A vida precisa de poesia, de espaços poéticos. Percebo que a educação é um espelho da sociedade, que está impregnada de profetas, ditadores. Todos sabemos e sentimos que é preciso resgatar a alma no humano, na educação, nas relações.

Se nessa travessia ficou evidenciado que tais recursos favorecem a inteireza, a vivência do silêncio, do acolhimento da diversidade, da ampliação do repertório, do resgate do lúdico, das memórias (auto)biográficas, do fomento do ser poético e da formação de vínculos afetivos, o que poderia ser feito para incorporá-los de forma abrangente? A criação de um espaço-tempo para exploração do inconsciente e da pluralidade de linguagens, que, expressas, apaziguam angústias, revelam caminhos e constroem sentido na experiência, na existência, deveriam ser integradas na grade curricular escolar, rompendo-a, transformando-a em roteiros de voos.

ARQUÉTIPO DO PUER: NASCENTE DO ENTUSIASMO

*Dentro de nós,
ainda dentro de nós,
sempre dentro de nós,
a infância é um estado de espírito.*

Gaston Bachelard

*A infância
É a camada
Fértil da vida.*

Nicolas Behr

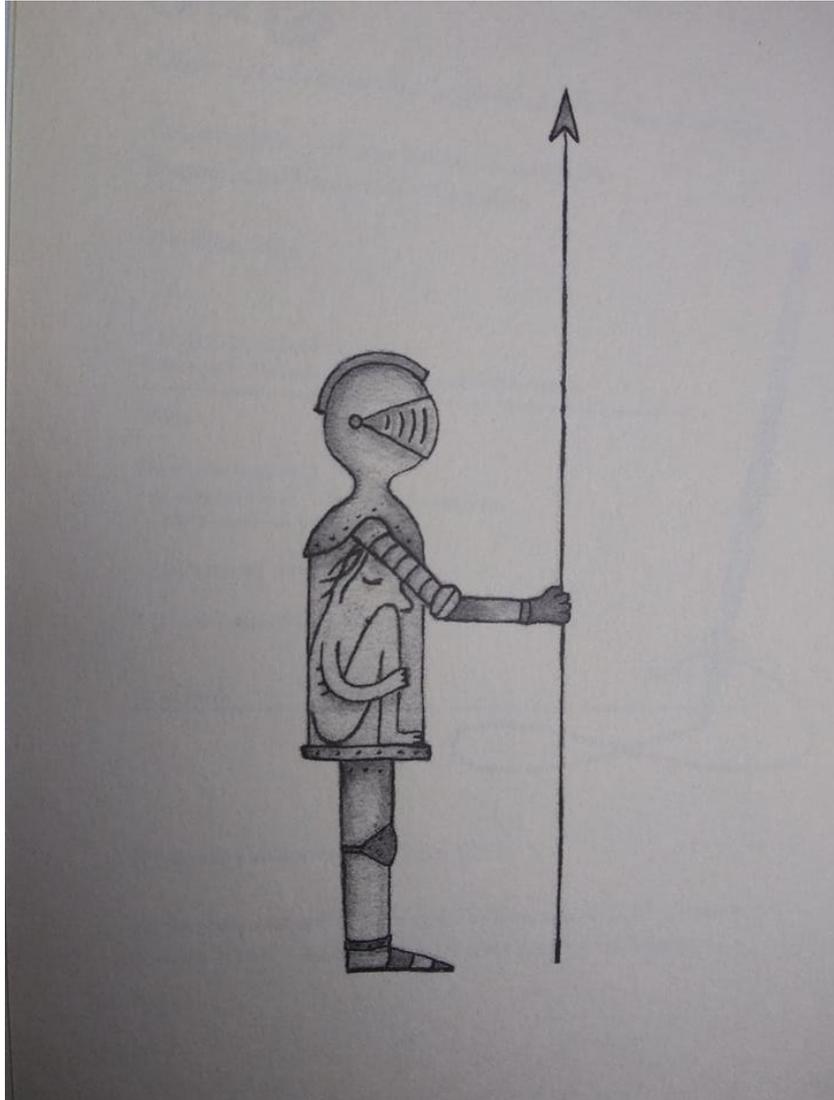


Imagem 119: Esperança

A falta de espaço para a espontaneidade das docentes, durante a travessia do trabalho de campo, ficou evidenciada pela dificuldade em permitir o fluxo dos impulsos criativos. Continuamente, pediam permissão para cada atitude, apesar do acordo prévio que buscassem experimentar a liberdade. E foram fartos os símbolos produzidos (ovo, criança, sol, coração, palhaço, por exemplo), que tecem relações com a busca por espontaneidade, ludicidade e inteireza, características da criança. O *Puer* é o arquétipo da criança, símbolo do renascimento, da esperança, da energia vital, da luz, do insight, disposição para mudar, para recomeçar. Partindo do recurso da amplificação em Jung,

veículo da “arqueologia do sensível”, fui pesquisar as histórias, os significados simbólicos e as representações sobre a criança mitológica, divina, arquetípica.

“Infância é símbolo de simplicidade natural, de espontaneidade. [...] A criança é espontânea, concentrada, sem intenção ou pensamentos dissimulados.” (CHEVALIER, 2012, p. 302). A criança vive o momento presente, com inteireza e curiosidade. Nas religiões (nos ensinamentos evangélicos e místicas cristãs), há relatos da criança como veículo de acesso ao reino dos céus ou como condição prévia para obtenção do conhecimento (como o estado *balya*, na tradição hindu), sendo os anjos muitas vezes representados por crianças. É preciso marcar a diferença entre atitudes psicológicas infantis, que assinalam períodos de regressão, e o símbolo arquetípico da criança, matriz que indica uma conquista de paz, autoconfiança, vitória sobre a complexidade e a ansiedade (CHEVALIER, 2012).

O símbolo da criança aparece nos sonhos, nas fantasias, nas artes, na imaginação e na mitologia (ABRAMS, 1999). Encontrei um rico manancial dessa temática no livro *O reencontro da criança interior*, que traz uma coletânea de artigos escritos por Jung, Hillman, Bachelard, Joseph Campbell, etc. Apresento a seguir, uma trama de iluminuras em fragmentos, correlações e reflexões.

A maioria de nós sente uma forte ressonância com a criança interior. Sentimos talvez em segredo, que uma parte de nós continua inteira, intacta diante dos padecimentos da vida, capaz de sentir uma imensa alegria e deslumbramento face às menores coisas. Essa imagem da criança é de complexidade e veracidade bastante sutis. Sua mensagem é: todos nós carregamos aqui dentro uma criança eterna, um jovem ser inocente e maravilhoso. E essa criança simbólica também nos carrega, carrega quem fomos, o registro de nossas experiências de formação, de nossos prazeres e dores. (ABRAMS, 1999, p. 11)

Esse trecho fez-me lembrar uma poesia de Alberto Caiero, heterônimo de Fernando Pessoa, que fala da “criança eterna” ao ficcionar a fuga de Jesus da cruz, como um menino transgressor em busca do que é essencial:

Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol

E desceu pelo primeiro raio que apanhou.
Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.

[...]

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as cousas.
Aponta-me todas as cousas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

[...]

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta
sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.
Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

[...] Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.

Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?
(PESSOA, 1986, p. 749-751)

Percebo essa “fuga da cruz”, como busca de libertação de uma carga de deveres e demandas sem sentido, que geram o pesar, e “roubam” a alma da pessoa. Campbell sugere “matar o dragão que se chama ‘tu deves’, para entrar em contato com a criança que vive dentro de nós” (ABRAMS, 1990, p. 25), além de investir no aprendizado da coragem, que implica em assumir a responsabilidade pelas escolhas e atos. Na mitologia, esse espírito transgressor que renova é representado, por exemplo, pelo deus-criança Hermes, encontrado nos Hinos Homéricos e pela devoção à criança divina Krishna, no oriente (ABRAMS, 1990, p. 15). Krishna e Hércules são bebês que matam serpentes, que remetem ao triunfo simbólico sobre a morte.

O processo de socialização sufoca a dimensão espontânea dos talentos, o que representa uma perda muito maior – a perda da psique primitiva (JUNG, 2008). O adulto tem dificuldade em reconhecer e resgatar a criança perdida. Mas desse resgate depende o acesso ao fluxo criativo:

Por intermédio do 'brincar a sério', Jung entrou em contato com aquela sua criança esquecida e abandonada e a trouxe de volta para sua vida. Poder-se-ia dizer que se tornou a mãe perdida de sua própria criança triste. Através do contato com essa criança interior, irrompeu uma imensa onda de criatividade. (FRANTZ, 1990, p. 77)

O arquétipo da criança representa um sistema dinâmico atuando no presente, buscando compensar os rigores da unilateralidade da mente consciente. Cabe ressaltar que Fernando Pessoa referia-se ao heterônimo Alberto Caeiro como “mestre”, e o criou como um antídoto à angústia que sentia o poeta. Caeiro é considerado o poeta da natureza e tem o olhar curioso da criança que inaugura o mundo, pela presença e inteireza:

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...
(PESSOA, 1986, p. 753)

Observo que as pessoas excepcionalmente talentosas são tomadas por um fecundo fluxo criativo, são curiosas, investigativas, entusiasmadas. Exercem múltiplas atividades e são alimentadas por contínuos encantamentos. É a criança viva que desperta a renovação e expansão, que permite acessar o manancial de energia vital.

A força arquetípica da criança também está presente em cantos ancestrais indígenas, como *Nhamandu Miri*, da tribo Guarani, que significa o Deus-menino, o sol nascente. Há uma canção africana, no idioma suaíli, chamada *Allunde, Alluyá*, apresentada no livro *De todos os cantos do mundo*, igualmente cantada para reverenciar o sol nascente, que faz referência à criança: “Deus do Sol a nascer/Proteja essa criança/Ajude-a a crescer/E tornar-se/Um adulto/Que a nossa tribo/Vá fortalecer...” (PRIETO;PUCCI, 2008, p. 21).

Na formação como psicóloga, aprendi que a terapêutica da criança é deixá-la brincar, pois nesse ato é revelada sua totalidade, uma absoluta autenticidade, espontaneidade, sem máscaras, com o potencial de revelar o que está oculto. Hoje percebo a relevância da prática independentemente da idade, num ambiente seguro para expor a fragilidade, para assumir riscos inerentes à exploração do desconhecido. A criança interior é a alma da pessoa, imagem primordial do Self: “A voz da criança é essencial ao processo de tornar-se único. A individuação, aquele processo vitalício de desenvolvimento da personalidade, está ligada à identidade peculiar do self infantil e gira em torno dela.” (ABRAMS, 1990, p. 12). A criança carece de integração, para acesso à totalidade do potencial humano, é preciso deixá-la brincar em paz: “Quando o mundo humano deixa a criança em paz, ela se sente filha do cosmo. E assim, em sua solidão, a partir do momento em que se torna mestra de seus devaneios, a criança conhece a

felicidade de sonhar aquela que mais tarde será a felicidade dos poetas.” (BACHELARD, 1990, p. 45). A criança é um princípio de vida profunda, de fogo que pode ser novamente aceso, através da integração entre imaginação e memória:

Como os arquétipos do fogo, da água e da luz, o da infância, que é uma água, um fogo que se torna luz, produz uma abundância de arquétipos fundamentais. Em nossos devaneios de volta à infância, todos os arquétipos que vinculam o homem ao mundo, que proporcionam uma harmonia poética entre o homem e o universo são, de alguma forma, revitalizados. (BACHELARD, 1990, p. 53)

Esse retorno à poesia do estágio primevo acessado pela criança é descrito por Mia Couto (2011, p. 12): “Na nossa infância, todos nós experimentamos este primeiro idioma, o idioma do caos, todos nós usufruímos do momento divino em que a nossa vida podia ser todas as vidas e o mundo ainda esperava por um destino.” Enquanto a criança interior não for realmente vivida, enquanto não se tornar uma realidade para a pessoa, será uma criança abandonada. “Abandono é estar num estado de constante conexão com o objeto perdido.[...] Quantos de nós ainda não lamentamos a perda de uma infância que não foi aquilo que desejaríamos?” (FRANTZ, 1994, p. 76). Lamentar significa recordar, mesma raiz de memória, que nos mantém presos à vivência do abandono até encontrarmos algo que a substitua. Luzes e sombras são acessadas diante de vivências lúdicas junto a adultos, como mostra o exemplo de uma pesquisa realizada com docentes:

No encontro temático, preparando explicitamente um cenário para o encontro com a criança, a dança circular, qual brincadeira de roda tipicamente infantil, provocou ruídos e movimentação incontida. Nas reações das educadoras diante das danças, músicas e movimentos que traziam a criança para a roda, foi como que acionado um caminho de retorno. Memórias potencializadas, histórias revisitadas e então dores e delícias chegaram de longe ao hoje do encontro. Quando as educadoras compartilharam sentimentos e lembranças acontecidos naqueles encontros, surgiram crianças as mais diversas. Alegres, tristes, brincantes; solitárias, tímidas, medrosas, faladeiras; curiosas, inteligentes, estudiosas. As relações familiares também apareceram: pai, mãe, filhos. Nem só amor como poderíamos imaginar, romanticamente, mas também sofrimento, abandono, trabalho, repressão, disciplina. (OSTETTO, 2006, p. 189)

A criança nos ensina que é preciso ausentar-se dos pesos do mundo e permitir-se ser novamente um brincante do momento presente, independentemente da idade, do contexto, do propósito, da dor do histórico vivenciado.

Perto do poço de Mnemosine, está a fonte proibida de Lete, o esquecimento. A noção do esquecimento é que, na morte, podemos esquecer as aflições deste mundo e a difícil viagem até o próximo. Este é um tema elementar, humano, que pertence não apenas aos gregos e aos mitos mórficos, mas ocorre em toda a parte, (FRANTZ, 1994, p. 76)

A leitura desse trecho me fez lembrar a história de Millôr Fernandes (2003), em entrevista no Caderno de Literatura, do Instituto Moreira Salles, onde ele narra sua decisão diante da frágil situação que se encontrava após a morte do pai e da mãe (quando ele tinha, respectivamente, 02 e 10 anos):

Quando minha mãe morreu eu era menino. [...] eu fui ao cemitério; quando voltei para casa, me deitei embaixo de uma cama, numa esteira, e chorei feito um desgraçado. Eu chorei, chorei e senti um enorme alívio com aquilo, que depois designei como ‘a paz da descrença’. Achei, como já disse algumas vezes, que não tinha Deus coisa nenhuma. Foi como se eu tivesse concluído: agora é comigo. (FERNANDES, 2003, p. 31)

Assumindo as rédeas do próprio destino, sem se vitimizar pelo abandono vivido, a criança interior de Millôr ficou ativa e brincante durante toda a sua vida, através de sua multiplicidade de expressões (como escritor, desenhista, artista, tradutor, jornalista, etc), mesmo e sobretudo em momentos de grande repressão, pelas geniais produções na travessia do período sombrio da ditadura militar.

Durante as atividades vivenciadas no “Estúdio do Sensível”, a criança interior apresentou-se a partir de estímulos e materialidades variadas. Alcione, por exemplo, na atividade vivida dia 13/09/17, ao escolher a imagem “La Grevouillère”, de Claude Monet, foi transportada para a infância, para o infinito, para a amplitude, para o alargamento e sentiu muita saudade. Assim também aconteceu com Silvia, que optou por “O Derby de Epton”, de Théodore Géricault, imagem que a fez cavalgar no vento, feliz por correr nos campos, com cabelos soltos. E ela revelou que quem cavalga é uma menina, que sorri. Essas duas professoras resgataram os sentimentos de alargamento dos horizontes e vivência da liberdade características da infância, através de suas próprias memórias. Alcione, no dia em que foi perguntado ao grupo quais eram as brincadeiras preferidas (01/11/17), revelou que gostava de fazer curativos nas bonecas e intencionava ser médica. Com o tempo, foi descobrindo que o desejo era pelo cuidado. Isabella lembrou que gostava de dar aulas. Exemplos de como a criança desde cedo manifesta habilidades, possibilidades e interesses conectados com sua natureza.

Silvia nos contou que o que gostava muito de fazer era desenhar e que, com o tempo, isso foi se perdendo. O mesmo foi dito por Isabella, num outro dia (20/09/17), diante do convite a criar um desenho. No dia da atividade com os fios de lã (03/10/17), Joelza instantaneamente recordou que, em sua infância, sua mãe e tia faziam e ensinavam tricô e crochê, aprendizados valorizados para uma menina. Ela lamentou ter perdido esses conhecimentos. É triste constatar, ao criar espaço para gerar essas memórias, quanta coisa importante se perde, é negligenciada, é ignorada, deixa de existir por falta de atenção, tempo, espaço ou valorização. Percebo que não é só o desenho ou o bordado que se esvai, a alma vai junto. Outra vivência que reforçou essa suspeita foi no dia 27/09/17, quando foram oferecidos vários livros infantojuvenis e Silvia identificou-se com *O coração e a garrafa*, de Oliver Jeffers. Sua produção mostrou um coração em expansão e cores, como se liberto do encarceramento. Ela verbalizou que a contenção, para proteger o coração, faz com que não tenha acesso a sua criança interna, que é autêntica, alimentada por campos ampliados de percepção. E foi ela mesma que, ao longo dos encontros, foi percebendo a importância de respeitar a liberdade de criação das crianças, sem guiá-las, sem controlá-las, sem corrigi-las. Passou a se colocar mais no lugar delas e respeitar seus processos. Inclusive a reconhecê-las como narradoras de mundos, de acesso ao que o embotamento não permite mais enxergar, como narrado em seu caderno de ressonâncias:

O tempo passa e a gente nem vê. Quando vê, lá foi ele. Parar, pensar no nada, onde tudo está. E quando você percebe, já era para ter percebido, que não havia percebido. E o que tem valor realmente? Talvez aquilo que para o mundo não valha nada. O valor está no seu olhar. A criança sim consegue ver o que eu não vejo: a liberdade livre de juízos, a liberdade pura, o simples ser. (Silvia, 01/11/2017).

Reunindo essas narrativas, percebo o quanto a diversidade de materialidades ofertadas contribuiu para o resgate de memórias de infância, em respeito à diversidade formativa de cada professora, com suas experiências, oportunidades e singularidades construídas ao longo da história de vida.

A criança arquetípica precisa ser renovada periodicamente através de rituais. Constatado que o formato do “Estúdio do Sensível” favoreceu o resgate da criança interior, que as materialidades e os veículos ofertados evocaram narrativas através dos sentidos.

Joelza, na atividade no dia 08/11, contou que brinca muito através de sua atuação docente e provocou uma valiosa reflexão no grupo, de como a criança é inteira em tudo

o que faz, presente em cada detalhe, que parece acessar portais para a imensidão, como o olhar liberto e brincante de poeta.

Na travessia do mestrado, inspirada nas andanças de Luciana Ostetto, com quem pude compartilhar pesquisas e práticas, fometei e focalizei rodas de danças circulares, cantigas e brincadeiras tradicionais da infância, e leituras específicas na intenção de provocar o resgate da criança interior. Isso aconteceu, desde o projeto de extensão em danças circulares (UFF), nos círculos de biblioterapia, em oportunidades criadas fora dos propósitos e delimitações da pesquisa, e especialmente no “Estúdio do Sensível”. Pude observar que, independentemente do esgotamento físico, mental e emocional, esses recursos partilhados coletivamente parecem acessar uma fonte regeneradora da psique, resgatando campos da fantasia, resistência, energia e esperança. Encontrei uma palavra brincante criada por Guimarães Rosa que bem traduz o fenômeno: “Pirlimpsiquice” (ROSA, 2001, p. 86), título de um conto de sua inspiradora obra alargadora de horizontes através da linguagem. Ao investigar esse tema, constato que a criança interior é a seiva que percorre a árvore da vida, acessando e conectando profundidades e plenitudes, um caminho para a transformação.

AS RESSONÂNCIAS EM MIM

Ao tocar nos símbolos da árvore e dos pássaros/asas, uma série de associações, imagens e vivências pessoais foram irresistivelmente acionadas. Tomaram uma proporção que chegou a me assustar e a (quase) provocar um desvio dos objetivos da pesquisa. Mas, ao mesmo tempo, senti que precisava acolher o movimento, por acreditar que quem se dispõe a tocar a alma das pessoas não pode fazê-lo sem ser tocado também. Acolhendo as profundas emoções e sínteses geradas, crio um ninho para acalentar essas vozes e imagens que pedem passagem.

Nos diálogos com a orientadora, pude perceber que isso é, também, material de uma pesquisa em Ciências Humanas, em Educação, onde pesquisadora e pesquisadas não estão apartadas, situadas em campos comunicáveis, protegidas de qualquer influência recíproca, em variáveis quantitativas isoladas. Ao contrário, fazer-se pesquisadora no campo da Educação é também abrir-se aos desígnios do percurso, perceber em si mesma as transformações: depois da jornada, não sou mais a mesma e, na caminhada, estar com

as professoras, propondo, olhando, sentindo, reagindo, pensando, abrindo veredas, também fui conduzida para mim. Na medida que sensibilizava, ia sendo sensibilizada, percebia as sincronicidades.

Simultaneamente à análise dos dados da pesquisa, uma grande árvore foi sendo produzida no meu consultório, sonhada e criada por uma paciente em processo de apropriação de sua arte. Percebo o quanto essa árvore inspira os demais pacientes e a mim mesma, pela sensação de retidão, fluxo de vida, força e delicadeza.



Imagem 120: Grande árvore mãe

Esse símbolo me acompanha ao longo da vida, como por exemplo na imagem de meu tambor xamânico, representada na integralidade da união dos opostos: raízes e copa, sol e lua, luz e sombra, dia e noite.



Imagem 121: Tambor

Durante a formação em arteterapia, foi demandada a produção de um estandarte, numa anúncio simbólica do coletivo ao qual pertença. Minha produção foi uma árvore feita de fios. Entre a copa e as raízes, voa uma semente alada, ou seja, uma semente com asa (artifício que a natureza utiliza com fartura para expandir o semear).



Imagem 122: estandarte

Durante a pesquisa, ao desejar uma encadernação manual e delicada para o caderno de ressonâncias para captura de dados vividos no “Estúdio do Sensível”, busquei a representação de uma árvore.

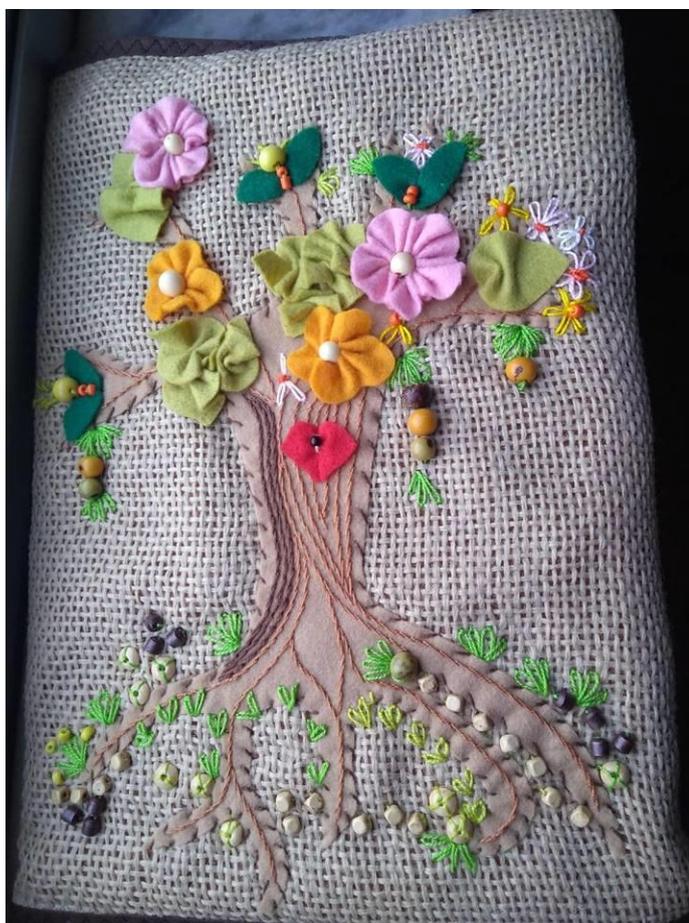


Imagem 123: custódia de narrativas

Lembrei também que a criação expressiva de uma árvore assumiu um papel relevante e estruturante num episódio crítico de minha vida. Meu filho foi vítima de violência na escola e passamos por momentos difíceis. No processo de regeneração de seus múltiplos corpos (mental, emocional, físico), a arteterapia representou um veículo de expressão do intolerável e de regeneração. Além do acompanhamento profissional realizado junto ao meu filho, em casa eu oferecia materialidades expressivas, em busca de um continente ao inconsciente, já que estava impregnada pelos aprendizados com Nise da Silveira. E eu me colocava igualmente produtora de imagens, numa tentativa de simultaneamente cuidar de mim, no meio do caos.

E uma das imagens produzidas foi:



Imagem 124: clamor

Com ela, senti um restauro, um fio de prumo, um respiro que nutriu minha retidão, me apaziguou o coração e os infinitos desesperos, num momento em que eu chorava para dentro e precisava me manter firme e forte para cuidar do meu filho, enfrentar penosos procedimentos em delegacia, acusações familiares e dificuldades financeiras pela suspensão de minhas atividades profissionais para atenção às demandas geradas. Encontrei ressonâncias do que senti: “Essa árvore reta é um eixo de vontade [...]”. Contemplá-la é reaprumar-se; sua imagem dinâmica é precisamente a vontade contemplando a si mesma, não em suas obras, mas em sua própria ação. Só a imaginação dinâmica pode dar-nos imagens adequadas do querer.” (BACHELARD, 2001, p. 150). O poeta Thiago de Mello continuamente fala da flor que nasce da dor, em peito capaz dela.

O curioso é que a imagem produzida lembra um corpo de mulher, de braços abertos aos céus, como que intuindo que a dor de todo aquele sofrimento pudesse criar raízes profundas para dar estrutura de acesso às dimensões mais sublimes. “A árvore ereta é uma força evidente que conduz uma vida terrestre ao céu azul.” (BACHELARD, 2001, p. 208).

Há alguns anos, adotei uma prática diária de sentar-me embaixo de uma árvore e ali ficar, esperar, respirar, esvaziar, observar, agradecer e partilhar minhas dúvidas. Considero-a como um templo, onde posso aquietar e conectar comigo mesma, com outras circundantes dimensões. E é curioso e maravilhoso como os insights se apresentam, pelo simples ato de entrega ao momento presente e ao grande mistério. Quando estou em seu colo, me sinto uma árvore também.

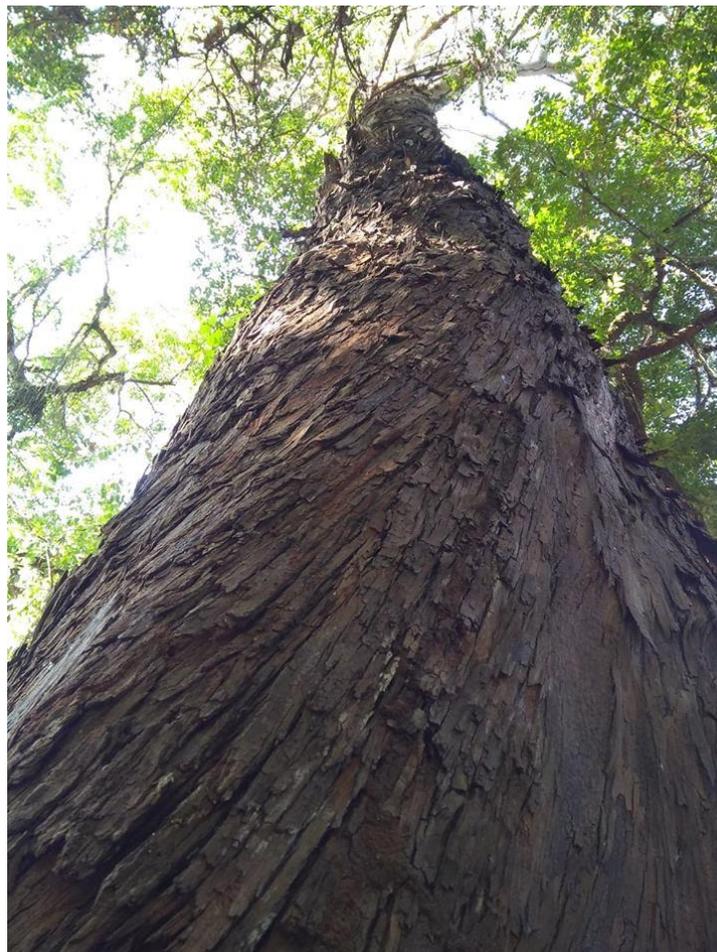


Imagem 125: colo

Já os símbolos dos pássaros e das asas, igualmente se apresentaram em meu caminho de maneira visceral durante a pesquisa, através da visita à exposição “Caminhando com Janete: 25 anos de Viva o povo brasileiro”, no Museu Janete Costa de Arte Popular, localizado no Ingá, em Niterói - RJ, numa aula estética da disciplina “Arte, Infância e Formação Docente”, realizada dia 27/03/2018. Duas obras me impactaram profundamente e tive vontade de chorar. Porém, como estávamos em grupo, contive a emoção. Chorei para dentro. Abriu-se um portal para conteúdos interiores, que eu nem sequer imaginava o que havia sido tocado. No dia seguinte, retornei ao museu para, em solidão e silêncio, fazer contato, deixar fluir as emoções e capturar vestígios através da escrita.

A primeira chamava-se “A cabeça pássaro”, de Prisciliana Fontes Nobres, do Cariri, Pernambuco:



Imagem 126: “A cabeça pássaro”

Ao encontrar essa imagem, me vi num espelho. Um reflexo nítido de tantas vozes de poetas, escritores e mestres que me acompanham continuamente, que forjaram meu coração e minha vida e de quem, por gratidão, me tornei porta-voz.

Por sincronicidade, enquanto debruçava-me na escrita da dissertação, recebi uma imagem de um amigo que estava visitando um museu em Portugal:



Imagem 127: Máscara da cultura cingalesa

No descritivo da peça, em exposição no Museu de Marionetes de Lisboa, em julho de 2018, há a seguinte informação: “No Sri Lanka, as máscaras são usadas em rituais para fins terapêuticos (Sanni Yakuma). Acredita-se que as doenças são provocadas por dezoito demônios principais que têm ao mesmo tempo o poder de criar a doença, mas também de a curar. Uma das máscaras principais é a Mahâkola Sanni Yaka, representada por uma personagem com 18 pequenas cabeças à sua volta, que representam as dezoito doenças existentes na cultura cingalesa.” Fiquei surpresa com a sincronicidade, ao perceber a conexão com o inconsciente coletivo, onde circula incessantemente um manancial anímico, cultural, expressivo.

A outra peça da exposição no Museu Janete Costa que me causou intensa emoção foi uma grande asa esculpida em madeira.



Imagem 128: Asa caída

Retornei ao local no dia seguinte para aprofundar os sentidos: coloquei-me junto a ela e deixei o choro fluir. E, comecei a escrever para escavar, sob olhar curioso dos monitores do museu, preocupados comigo. Perguntaram se eu estava bem, se precisava de ajuda. Como responder, se nem eu sabia o que estava acontecendo internamente? Agradei a atenção e revelei que a obra mobilizou algo interno, por isso estava

emocionada. Precisava conversar com ela, a sós, entregar-me ao que batizei de “arqueologia do sensível”: um espaço-tempo para investigar as narrativas do afetado, as correlações simbólicas com a história, a mitologia... e um campo para o diálogo foi aberto:

- Uma asa só! Onde a outra? Só com duas é possível voar! Mas é pesada, é de madeira, incompatível à materialidade da sua natureza!

Quanta indignação, tristeza e lamento borbulhavam em mim. Quanto pesar em meu coração! A narrativa escrita revelou que talvez a obra tenha materializado um retrato interior: uma necessidade de leveza, de fluxo da própria natureza. Pesada pela sensação de esgotamento, de cansaço e impotência, de jamais ser capaz de dar conta. E essa narrativa ressoa, pois a escuto continuamente no consultório, na universidade, em todo lugar. A asa estava no chão, não no céu, onde é o seu lugar. Apesar de tantos crescimentos, conquistas, o contexto da minha vida se encontra numa dinâmica insustentável, muito pesada, por tantas responsabilidades que me impedem de descansar, de ser leve. A imagem me indicou a urgência de respiros, de entrega, dos intervalos, dos devaneios, da escrita criativa (não em sobressaltos para dar conta de formatos, propósitos e prazos estabelecidos), de abrandar as inúmeras armaduras e armadilhas do medo. Encontrei ressonância do que foi evocado na escrita de Bartolomeu:

Palavra é como borboleta, bate as asas e voa. Palavra não nasce em árvore, ela brota no coração. A gente sabe que ela tem cor, porém cada uma guarda uma ilusão. No alpendre da casa do meu avô havia três borboletas presas na parede. Suas asas eram de louça dura. Elas não partiam. Para voar é preciso asas leves e muito vazio pela frente. (QUEIRÓS, 2004, p. 35)

Diante das múltiplas violências cotidianas, desamparo, abusos, desesperos, barulhos, invasões bárbaras, o tempo do descanso, da leveza é ignorado, é negligenciado, o que faz pesar e cair asas. No dia seguinte à segunda visita, acordei às 4h da manhã (enquanto a rotina gulosa ainda dorme) para respirar em presença, e explorar os sentidos através da amplificação. Fui buscar asas no dicionário de símbolos:

As asas são, antes de mais nada, símbolo do alçar voo, i.e., do alijamento de um peso (leveza espiritual, alívio), de desmaterialização, de liberação – seja de alma ou de espírito -, de passagem ao corpo sutil. [...] Em toda tradição, as asas jamais são recebidas, mas sim conquistadas mediante uma educação iniciática e purificadora por vezes longa e arriscada. [...] As asas indicam, ainda, a faculdade cognitiva: aquele que compreende tem asas, está escrito em um dos Bramanas. E no Rig-Veda: A inteligência é o mais rápido dos pássaros. (CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. 2012, p. 90)

Se o homem se afastar de Deus, perde suas asas; aproximando-se, torna a recuperá-las. Na medida em que a alma for alada, mais alto se elevará, e o céu, em direção ao qual se encaminha, é comparável a um abismo sem fundo. [...] Assim como a roda, a asa é símbolo habitual de deslocamento, de liberação das condições de lugar, e de ingresso no estado espiritual que lhe é correlato (CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. 2012, p. 431).

Portanto, as asas exprimirão geralmente uma elevação sublime, um impulso para transcender a condição humana. [...] As asas indicam, com a sublimação, uma liberação e uma vitória: convém aos heróis que matam os monstros, os animais fabulosos, ferozes ou repugnantes. Sabe-se que Hermes (Mercúrio) tinha asas nos calcanhares. Gaston Bachelard vê no calcanhar dinamizado o símbolo do viajante noturno, i.e., nos sonhos de viagem. [...] Defendemo-nos da vertigem agitando os braços, e essa dinâmica pode originar asas nas costas. Porém, o voo onírico natural, o voo positivo que é nossa obra noturna, não é um voo ritmado, tem a mesma continuidade e história de um impulso, é a criação rápida de um instante dinamizado. [...] A asa, símbolo do dinamismo, sobrepõe aqui ao símbolo da espiritualização; presa ao pé, ela não implica necessariamente uma ideia de sublimação, mas sim, de liberação de nossas mais importantes forças criadoras: o poeta, assim como o profeta, tem asas no momento em que está inspirado.” (CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. 2012, p. 91)

Essa leitura ancorou e convergiu anos de buscas, perambulações, encontros e desencontros, numa síntese simbólica de todo meu movimento, com profundos significados espreitados. Grifo nos trechos apresentados três expressões: “educação iniciática e purificadora”, “aquele que compreende tem asas” e “alma alada”. Percebo uma forte ressonância do trabalho proposto no “Estúdio do Sensível”, pela criação de espaço para respirar em leveza, para explorar imagens do inconsciente, pelos desdobramentos dos sentidos através de partilhas orais e escritas, pelo pensamento do coração, pela conexão com padrões simbólicos estruturantes do inconsciente coletivo, pelo contato com o grande mistério. Um caminho para o cultivo da alma.

O símbolo das asas é recorrente na minha biografia. Faz parte, por exemplo, da capa de meu livro *Vivências em biblioterapia: práticas do cuidado através da literatura*.

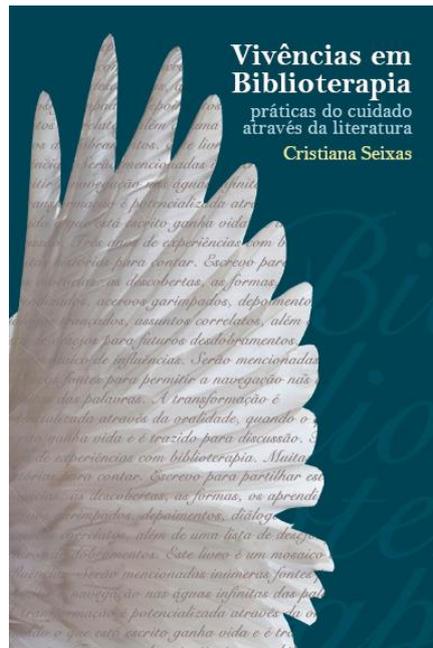


Imagem 129: Asas das palavras

Ao revisitar as produções plásticas realizadas durante a especialização em arteterapia, encontrei mulheres-pássaros:



Imagem 130: voos espirais



Imagem 131: Rumo à luz

Ao escrever essas ressonâncias sinto-me lançada numa espiral de correlações que já não sei se me levam para baixo ou para cima (ou que integram essas dimensões) e me fazem refletir sobre todo um manancial inesgotável acessado através de propostas pedagógicas de sensibilização, experimentação e formação estética. Que potência, que vertigem, que iluminação! Diante de uma necessidade síntese do processo, de um fechamento desse espaço criado para as ressonâncias em mim, evoquei uma imagem integradora também produzida durante a especialização em arteterapia. Numa só imagem, a união dos opostos, da inteireza, da conexão das raízes e das asas, no mergulho no inconsciente pessoal, coletivo para alimentar a conexão, a criação, a expressão e a transcendência.

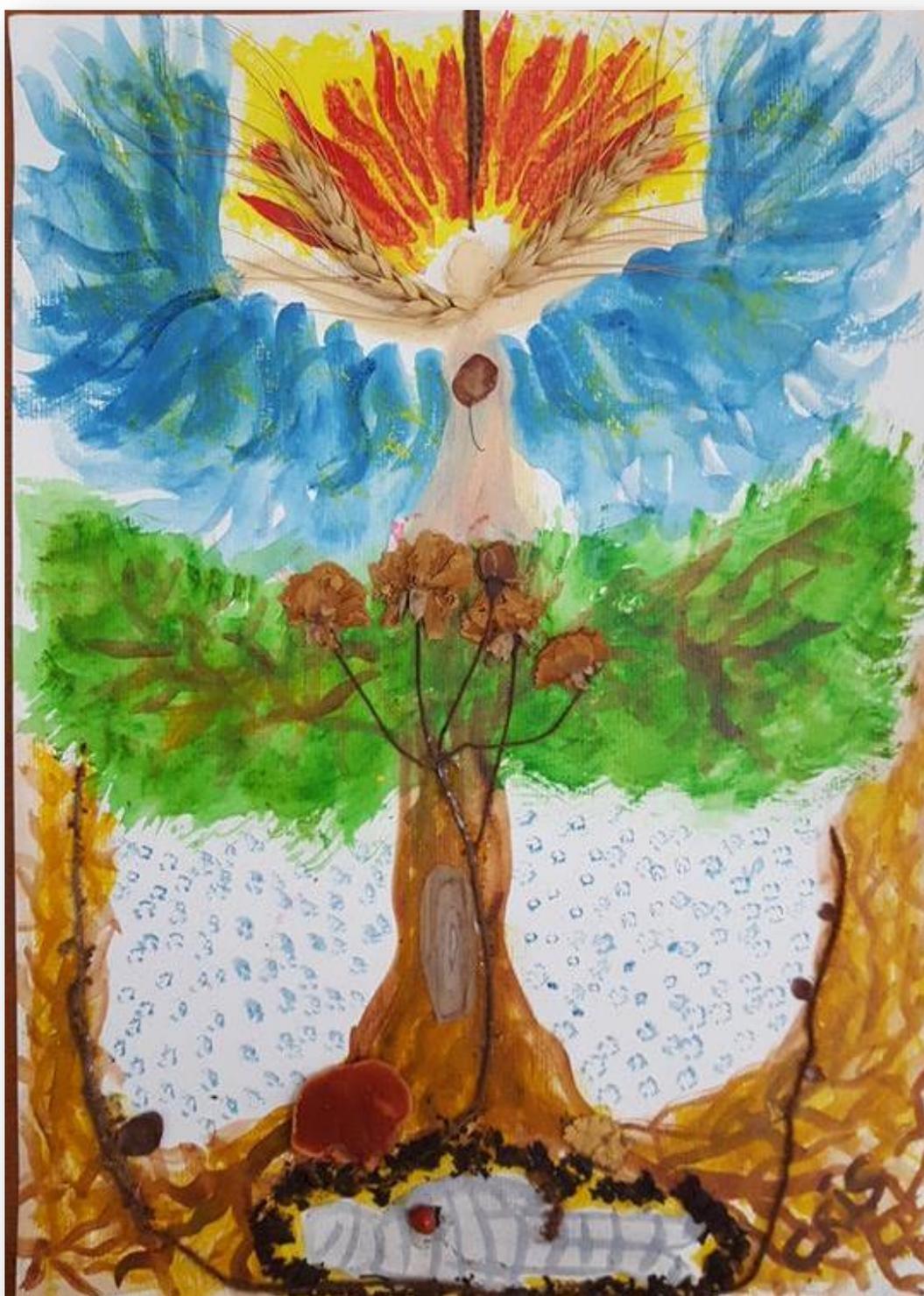


Imagem 132: Opus

BALAIO DE CONSIDERAÇÕES CIRCULARES

Nesse final de percurso, retorno ao início para resgatar as perguntas formuladas desde a intenção da pesquisa. Surpreendo-me ao constatar que foram muitas.

- Quais seriam os desdobramentos diante da criação de espaços simbólicos, expressivos e poéticos na formação continuada de docentes da Educação Infantil?

- Onde serão cultivadas essas dimensões do conhecimento, inclusive apontadas como necessárias pela legislação, para promover a formação e a inteireza do professor?

- Como deixar fluir, incentivar os talentos das crianças se docentes podem ter sofrido um processo de desertificação de seus processos criativos?

- Como dar aquilo que não se recebeu?

- Como provocar a ativação da sensibilidade, da delicadeza sem vivenciá-la?

- E se o processo de formação, ao invés de expandir, reduz as possibilidades expressivas, sensíveis?

- O que poderia ser feito para reverter esse quadro de escassez de experiências estéticas?

- De que falam as participantes da pesquisa, quais são os símbolos recorrentes em suas produções?

- A criação de espaços para vivência do simbólico, poético, expressivo poderia contribuir para ampliar a leitura de si, do outro? Fomentaria as narrativas (auto)biográficas?

- Como oferecer olhares poéticos se este campo não for arado e semeado na formação docente?

- Que espaço há na educação para o acolhimento da dúvida, do erro, da investigação de caminhos não lineares, desconhecidos, complexos?

Ao reler tais indagações, assim reunidas, constato o quanto as dúvidas foram o combustível de uma longa travessia, que gerou riquezas nas vivências e partilha de descobertas. Acolho o desafio da síntese, em busca de uma sistematização do processo.

Incentivada pela orientação recebida, encontrei nos títulos atribuídos a cada um dos dez encontros do “Estúdio do Sensível, uma espécie de cartografia dos aspectos relevantes desvelados no percurso.

Perto do longe: o ponto de partida do processo foi a criação de um tempo-espço para o encontro, a entrega, o ritual de partilha de experiências. Um local com privacidade e silêncio. Percebi como relevante marcar o início e o final do trabalho com uma linguagem sensível, que permita trazer o respiro, o relaxamento, a inteireza. Constatei que a Dança Circular é um veículo privilegiado para criar a atmosfera intencionada.

Olhar para dentro: criado o tempo-espço, é o momento de oportunizar o mergulho interior. Nessa fase, o caminho é ofertar estímulos, através do diálogo com os poetas, os artistas, as imagens. Identifiquei a relevância em prover opções variadas de escolha aos participantes (em livros, artes, imagens), para ampliar a captura de narrativas ocultas. O processo permite suspeitar temas recorrentes, individuais e de grupo. Isso pode auxiliar na adequação de atividades propostas, uma trilha na busca de sentido.

Contenção exposta: proposto o estímulo, é criada a etapa da repercussão. Momento da vivência da arteterapia, através do oferecimento de materialidades expressivas. O feito-a-mão apresenta-se como instrumento revelador de símbolos que iluminam conteúdos inconscientes, que provocam associações e resgate de memórias, que se desdobram no fomento de narrativas (auto)biográficas.

Alegria na soltura: no processo destaca-se o incentivo à autenticidade, ao erro como caminho, à vivência da alegria e da beleza.

Brincar: relaxar e expandir: as vivências lúdicas, em cantigas, brincadeiras, danças e memórias de infância, apresentaram-se como um manancial de conexão com o fluxo criativo, com a energia vital, essencial especialmente para docentes de educação infantil. A reconexão com a criança interior faz-se pelas trilhas brincantes, cantantes, dançantes...

Encontro com o inesperado: foi percebido como relevante abrir espaço para o não previsto, para o que não se pode controlar. Dar respiros às atividades programadas e acolher desvios construtivos como parte integrante do processo.

Passeio nos sentidos: as atividades vivenciadas ao ar livre, fora dos ambientes convencionais de ensino, acionaram memórias instantâneas, estimularam a percepção, o olhar, a sensação de expansão e as narrativas orais, textuais e imagéticas.

Modelar para a-cor-dar: o oferecimento de diferentes materialidades e modalidades da arteterapia (pintura, desenho, modelagem, fotografia, colagem, areia, tecido, tintas, giz, fitas, lãs, elementos da natureza, etc) permitiram a ativação das memórias sensoriais em percursos alternativos ao racional, alcançando campos afetados pelo coração.

Colorido revelado: é preciso considerar espaço para que participantes partilhem seus talentos pessoais, seus conhecimentos adquiridos ao longo da história de vida. Resgate e compartilhamento de habilidades sensíveis, que contribuem para estreitar vínculos pessoais e coletivos, promovendo valorização e inteireza.

Fim ou começo: na finalização do ciclo impulsionado pela pesquisa, cada participante recebeu de volta todas as produções plásticas (guardadas por mim durante o período do “Estúdio do Sensível”) e, assim, pode ter a visão das criações em seu conjunto. Foram descobertos fios narrativos, como predominância de uma cor específica (o azul para Silvia, o verde para Renata), ou de um tema recorrente (o colorido e a espiritualidade para Schirley). O olhar distanciado do conjunto, a análise da sequência das produções revelou-se como reflexivo, formativo. Marcar finalizações é ritualizar, consagrar, tornar sagrado. Constatei que viver o marco do fechamento de um ciclo valida as travessias e cria um suspiro que convida ao início de um novo.

Após tantas reflexões e emoções atravessadas, escavações em livros e em mim mesma, espelhamentos observados na atenção às vozes reveladas e ocultas das integrantes da pesquisa, às ressonâncias vividas nas relações de orientação e desorientação, tudo me parece muito claro e evidente: na educação, na saúde, na vida, na formação de professores de educação infantil (e de todas os outros segmentos), na formação de qualquer ser humano (independentemente da profissão) é preciso abrir espaço-tempo para o respiro, para o diálogo com o inconsciente, com a arte, em suas múltiplas linguagens sensíveis. É preciso resgatar dimensões perdidas, criar intervalos para a escuta, para vivências culturais coletivas, para cuidados sistêmicos (consigo mesmo, com o outro, com a beleza, a leveza, a natureza, com as palavras, com as dores, as faltas, os desejos, os sonhos).

As narrativas imagéticas e em palavras escritas ou orais, os símbolos evocados no processo de pesquisa acenaram símbolos estruturantes e o arquétipo da criança interior como veículo de acesso à inteireza e plenitude. Acredito que formatos como o estruturado e vivido no “Estúdio do sensível” possa inspirar programas de educação continuada na formação de professores (principalmente de educação infantil). A vida alada aguarda a quietude do ninho para confiar seus ovos de esperança no amanhã.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M & KRAMER, S. “O rei está nu”: um debate sobre as funções da pré-escola. In: JOBIM E SOUZA, S. KRAMER, S. **Educação ou tutela? A criança de 0 a 6 anos**. São Paulo: Loyola, 1988.
- ABRAMS, J (Org.). **O reencontro da criança interior**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- ABREU, C. **Pequenas Epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2016.
- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 4ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ALMEIDA, V. **O corpo poético: o movimento expressivo em C. G. Jung e R. Laban**. São Paulo: Paulus, 2009.
- ALVES, R. **Os três reis**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ANDRADE, L. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vector, 2000.
- ANDRADE, M. **Poesias Completas**. São Paulo: Martins Editora, 1955.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ATIHÉ, E. In: BARROS, J (Org). **Imaginário e Educação: pesquisas e reflexões**. São Luis: EDUFMA, 2008.
- BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- _____. **A terra e os devaneios do repouso**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **A terra e os devaneios da vontade**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.
- _____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

- BARROS, J. **Imaginário e Educação: pesquisas e reflexões**. São Luís: EDUFMA, 2008.
- BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2010.
- BARTON, A. **Danças circulares: dançando o caminho sagrado**. Org. Renata Ramos. São Paulo: TRIOM, 2012.
- BENJAMIN, W. **Essais 2**. Paris: Denoël Gonthier, 1983.
- BERRY, P. Uma abordagem arquetípica. In: **Revista Spring**, 1974.
- BOJUNGA, L. **Fazendo Ana Paz**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.
- _____. **Feito à mão**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008.
- _____. **O meu amigo pintor**. 24ª. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2015.
- _____. **Tchau**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2015.
- BORBA, A. LOPES, J. Novas formas de compreender a infância. In: **Revista Educação**. Especial Cultura e Sociologia da Infância. São Paulo: Segmento, 2013. 146 p.
- BRUM, E. **Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras**. São Paulo: Leya, 2014.
- CABRAL, A. **Palavra na Berlinda**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011.
- CALDIN, C. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.
- CÂMARA, H. **O deserto é fértil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- CERVANTES DE SAAVEDRA, M. **Dom Quixote de la Mancha**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- CHIESA, R. **O diálogo com o barro: o encontro com o criativo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- CÍCERO, A. **Guardar – poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CORALINA, C. **Melhores poemas/Cora Coralina**; seleção e apresentação Darcy França Denófrío. 2ª. ed. São Paulo: Global, 2004.

COUTO, M. **E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Vozes Anoitecidas, Contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CUNHA, H. **Mulher no espelho**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2001.

DE BOTTON, A & ARMSTRONG, J. **Arte como terapia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 240 p.

DELGADO, A.C.C. A emergência da Sociologia da Infância em Portugal. In: **Revista Educação**. Especial Cultura e Sociologia da Infância. São Paulo: Segmento, 2013.

DELORY-MOMBERGER, C. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. In – Revista Brasileira de Educação v. 17, no. 51 set-dez 2012.

DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

FERNANDES, M. **Cadernos de Literatura Brasileira (encarte no. 15)**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003.

FERRÁNDIZ, E. **O casaco de Pupa**. São Paulo: Jujuba, 2011.

FRANTZ, G. O cruel segredo do nascimento: Oh, eu sou minha própria mãe perdida de minha própria criança triste. In: ABRAMS, J. **O reencontro da criança interior**. São Paulo: Cultrix, 1994.

GADAMER, H. **Hermenêutica da obra de arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GATTI, A. BARRETO, E. (coord). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

GINZBURG, C. **Estranhamento: Pré-história de um procedimento literário**. In: **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GLEISER, M. **A simples beleza do inesperado: um filósofo natural em busca de trutas e do sentido da vida.** Rio de Janeiro: Record, 2016.

GRETHER, L. **Marinela.** Rio de Janeiro: Zit, 2017.

GULLAR, F. **Toda poesia.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

HESSE, H. **O lobo da estepe.** Rio de Janeiro: Record, 1955.

HILLMAN, J. **O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

_____. **O livro do Puer: ensaios sobre o arquétipo do Puer aeternus.** São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **O pensamento do coração e a alma do mundo.** Campinas, SP: Vênus, 2010a.

_____. **Re-vedo a psicologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b.

_____ & VON FRANZ, M. **A tipologia de Jung.** São Paulo: Cultrix, 2002.

HOLM, A. **Fazer e Pensar Arte.** São Paulo: MAM-SP, 2005.

JECUPÉ, K. W. **Tupã Tenondé: A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição Guarani.** São Paulo: Petrópolis, 2001.

JEFFERS, O. **A menina dos livros.** Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2017.

_____. **O coração e a garrafa.** São Paulo: Moderna, 2012.

JOSSO, M. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JUNG, C. G. **A natureza da psique.** Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **A prática da psicoterapia.** Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Estudos Alquímicos.** Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Memórias, sonhos, reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

- _____. **Psicologia e Alquimia**. 6 ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.
- LATINI, M. **Fio de Prumo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- LEMINSKI, P. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LEITE FILHO, A. NUNES, M. Direitos da criança à educação infantil: reflexões sobre a história e a política. In: KRAMER, S. NUNES, M. F. Carvalho, M. C. (org.). **Educação Infantil: formação e responsabilidade**. Campinas: Papyrus, 2013.
- MARINHO, J. **Lis no Peito: um livro que pede perdão**. São Paulo: Biruta, 2005.
- MATTOS, B. **Mandalas: arte têxtil, meditativa e terapêutica**. Apostila oferecida aos participantes de cursos de mandalas têxteis Bel Mattos - SP. (Digitado, não datado)
- MELLO, L. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra selvagem**. Rio de Janeiro: Automática: Hólos Consultores Associados, 2015. 365p.
- MELLO, T. **Faz escuro mas eu canto porque a manhã vai chegar**. 9ª.ed. Civilização Brasileira, 1983.
- _____. **Mormaço na floresta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1983.
- _____. **Poemas preferidos pelo autor e seus leitores: edição comemorativa dos 75 anos do autor**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- MELO NETO, J. C. **Uma faca só lâmina**. São Paulo: Cosac Naify, 1995.
- NERUDA, P. **Confesso que vivi – memórias**. São Paulo: Círculo do Livro, sem data.
- OSTETTO, L. **Danças circulares na formação de professores: a inteireza do ser na roda**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.
- _____. **Educadores na roda da dança: formação-transformação**. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, SP. Faculdade de Educação – Unicamp, 2006.
- _____. Ser professor de educação infantil entre buscas além dos hábitos de pensar e fazer. In: PINHO, Sheila (org.). **Formação de educadores, dilemas contemporâneos**. São Paulo: Unesp, 2011.
- _____. Sobre a organização curricular da Educação Infantil: conversas com professoras a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais. In: **Revista Zero-a-seis**. ISSN 1980-4512 | v. 19, n. 35 p. 46 - 68 | jan-jun 2017.

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

PHILIPPINI, A. **Arteterapia: métodos, projetos e processos**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

_____. **Linguagens e materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

_____. **Para entender Arteterapia: cartografias da coragem**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

OUAKNIN, M. **Biblioterapia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PASSEGGI, M. C. **Memorial de formação**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

PESSOA, F. **O livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Obras de Fernando Pessoa Vol I. Obra poética e em prosa**. Organização de Antônio Quadros e Dalila Pereira da Costa. Porto: Lello & irmão, 1986.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PRIETO, H. **De todos os cantos do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PROTETI, J. **Árvore**. São Paulo: Cortez, 2014.

QUEIRÓS, B. **A árvore**. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **O olho de vidro do meu avô**. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. **Para ler em silêncio**. São Paulo: Moderna, 2007.

QUINTANA, M. **Apontamentos de história sobrenatural**. São Paulo: Globo, 2005.

RAMOS, G. **Histórias de Alexandre**. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

RANCIERE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIBEIRO, J. **Ciranda de meias**. Belo Horizonte: Dimensão, 2005.

RICOEUR, P. **Escritos e conferência I em torno da psicanálise**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

ROSA, G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SALGADO, S. **Da minha terra à Terra**. São Paulo: Paralela, 2014.

SANTO, M. **Vasos sagrados: mitos indígenas brasileiros e o encontro com o feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

SEIXAS, C. **Vivências em biblioterapia: práticas do cuidado através da literatura**. Niterói: C. Seixas, 2014.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. 2ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982.

- SOUZA, T. FERREIRA, M.C. Uma infância melhor. In: **Revista Educação**. Especial Cultura e Sociologia da Infância. São Paulo: Segmento, 2013. 146 p.
- TELLES, L. **A disciplina do amor**. São Paulo: Círculo do Livro S. A., 1980.
- TAN, S. **A árvore vermelha**. São Paulo: Edições SM, 2009.
- TODOROV, T. **A beleza salvará o mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.
- _____. **A literatura em perigo**. 6^a. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2016.
- TOMPKINS, P. & BIRD, C. **A vida secreta das plantas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.
- TROCHE, G. **Bagagem**. São Paulo: Lote 42, 2016.
- WOSIEN, B. **Dança: um caminho para a totalidade**. São Paulo: TRIOM, 2000.
- WOSIEN, M. **Dança sagrada: deuses, mitos e ciclos**. São Paulo: TRIOM, 2002.
- _____. **Dança: símbolos em movimento**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.
- ZULLO, G. **Os pássaros**. São Paulo: Editora 34, 2013.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: **ESTÚDIO DO SENSÍVEL: espaço, arte e expressão na formação de professores de educação infantil**

Eu, _____, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Cristiana Garcez dos Santos Seixas, acadêmica do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal Fluminense e orientada pela Professora Dra. Luciana Esmeralda Ostetto, professora e pesquisadora do Curso de Mestrado Acadêmico em Educação/UFF.

Assinando este termo de Consentimento, estou ciente de que:

- O objetivo do estudo é investigar as contribuições da criação de espaços poéticos e expressivos na formação continuada de professores da Educação Infantil, analisando possibilidades e desdobramentos nas narrativas de si.
- Para a coleta de dados serão realizadas notas de pesquisa, registros fotográficos dos encontros e das produções dos educadores. Os participantes receberão um caderno para incentivo à elaboração de um memorial individual, espaço de narrativas de si, para compor percepções e reflexões dos processos vivenciados.
- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.
- Estou livre para interromper, a qualquer momento, minha participação na pesquisa.
- Autorizo registrar e veicular (em fotografias, vídeos e narrativas) minha imagem e minhas produções, para fins de pesquisa e socialização do conhecimento científico, sem ônus.
- Os dados obtidos no percurso da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos acadêmicos propostos, incluindo a socialização dos resultados gerais, em congressos ou em revista científica especializada.
- Poderei contatar a pesquisadora responsável através do telefone (21) 98727-4199 ou pelo e-mail cristianaseixass@gmail.com.

Niterói, 13 de setembro de 2017.

(Assinatura do/a voluntário/a)

Cristiana Garcez dos Santos Seixas (pesquisadora)

Prof.^a Dra. Luciana Esmeralda Ostetto (orientadora)

ANEXO II

CONTO “ESPÍRITO NA GARRAFA”

Era uma vez um pobre camponês. Tinha um filho único e desejava que ele fizesse estudos superiores. Como só pudesse enviá-lo à universidade com uma quantia diminuta, o dinheiro foi consumido muito tempo antes da época dos exames. Então o rapaz voltou para casa e começou a ajudar o pai a trabalhar na floresta. Certo dia, na hora de repouso após o almoço, pôs-se a perambular pela floresta até chegar a um antiquíssimo carvalho de grande porte. Ouviu então uma voz que saía do chão, chamando: “Me solta, me solta!”. O menino cavou entre as raízes da árvore e encontrou uma garrafa bem fechada; sem dúvida era dela que saía a voz. Ele tirou a rolha e um espírito saiu da garrafa, logo atingindo a metade da altura do carvalho. O espírito dirigiu-se ao menino e disse: “Eu fui trancado por castigo. Sou poderosíssimo Mercurius; e agora devo quebrar o pescoço de quem me soltou”. O rapaz mais que depressa fechou-a, e o espírito ficou de novo aprisionado. Prometeu então ao rapaz uma recompensa se este o soltasse de novo. O rapaz concordou e soltou-o, ganhando um pedaço de pano. Passou-o em seu machado trincado, e este transformou-se em pura prata. Pôde assim ser vendido por quatrocentos *taler* (moedas). Desse modo, pai e filho ficaram livres de todas as preocupações. O rapaz continuou seus estudos e graças ao pano acabou por tornar-se um médico famoso. (GRIMM, citado por JUNG, 2003, p. 191)